



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Gestão de Tomar

João Pedro Tomás Simões

***O Touring* como contributo para o
desenvolvimento do destino Médio Tejo
- uma proposta associativa**

Projeto de Mestrado

Orientado por:

Professor Doutor Luís Mota Figueira, Professor Coordenador do Departamento
de Gestão Turística e Cultural do Instituto Politécnico de Tomar

Dissertação apresentada no Instituto Politécnico de Tomar para cumprimento
dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento
de Produtos de Turismo Cultural

À minha família. Aos “Mestres J”.

RESUMO

O Touring, enquanto uma experiência em Turismo, assume, ao nível dos produtos turísticos estratégicos de Portugal, um lugar de destaque, fundamentado nas evidências de uma procura turística crescente face ao mesmo. Esta procura representa e personifica as necessidades e desejos de um tipo de visitante distinto, que pretende fruir de uma experiência marcante e diferenciadora, assente na descoberta da identidade e autenticidade de cada local que elege.

Assim, e face à importância estratégica do Turismo, pretendemos através deste projeto analisar as tendências do consumo e de crescimento deste sector nos últimos anos, a nível regional, nacional e internacional, e demonstrar, através de uma análise aplicada à realidade da região do Médio Tejo, que a mesma é detentora de características intrínsecas e potencialidades de grande relevância, ao nível dos recursos essenciais para o desenvolvimento da atividade de Touring, e que beneficiaria da criação de produtos diferenciadores neste segmento.

Concretamente, este projeto assinala o início de uma proposta refletida, com base nas evidências apuradas, para o desenvolvimento de uma associação cultural, promotora do empreendedorismo, com vista à operacionalização do Touring como contributo para o desenvolvimento do destino turístico Médio Tejo.

Palavras-Chave: Médio Tejo, Experiência, Turismo, Associação, *Touring*

ABSTRACT

Touring, while an experience in tourism, assumes a place of prominence in terms of strategic tourism products in Portugal, based on the evidence of a growing tourism demand over the same. This demand, represents and embodies the needs and desires of a distinct kind of visitor, who wants to enjoy a distinctive and remarkable experience, based on the discovery of the identity and authenticity of each place that he chooses.

Through this project, and given the strategic importance of tourism, we intend to analyze the trends in consumption and the growth of this sector at regional, national and international levels in recent years, and demonstrate, through an analysis applied to the reality of Middle Tagus, that, the same, holds intrinsic characteristics and potential of great relevance in terms of essential resources to the development of Touring activity, and would benefit from the creation of differentiated products in this segment.

Concretely, this project marks the beginning of a reflected proposal, based on the evidence cleared, for the development of a cultural association, that promotes entrepreneurship, in order to operationalize the Touring, as a contribution to the development of Middle Tagus as a tourism destination.

Keywords: Middle Tagus, Experiences, Tourism, Association, Touring

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a “paciência” de todos os que me acompanharam e ajudaram ao longo da criação deste projeto, nomeadamente à minha namorada, à minha família, aos meus alunos, e ao Prof. Dr. Reis Ferreira pelo seu humor, a sua disponibilidade e o seu apoio.

Ao meu orientador, Doutor Luís Mota Figueira, expresso aqui o meu reconhecimento pela sua capacidade de motivação nos momentos mais frágeis e o seu rigor doutrinário, particularidades, que contribuem para o seu talento pedagógico.

De igual modo, não poderia deixar de agradecer aos colegas de trabalho, pelo valioso tempo despendido na qualidade do apoio que me proporcionaram, particularmente, Ana Olga Cruz e Delmar Sábio.

Agradeço também a todos os que colaboraram através do preenchimento de inquéritos solicitados.

Por fim, um obrigado especial aos futuros investidores, sócios e colaboradores, que aceitarão, acreditarão e adotarão este projeto.

Índice

Introdução	1
Metodologia	3
Capítulo I – Enquadramento territorial	5
1.1 - TERRITÓRIO NACIONAL	5
1.2 - TERRITÓRIO DO MÉDIO TEJO	8
1.2.1 - VIAS DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO DO MÉDIO TEJO	11
Capítulo II - Considerações sobre a Atividade Turística	12
2.1 - RELAÇÃO: TERRITÓRIO - OCUPAÇÃO TURÍSTICA.....	12
2.1.1 - A NÍVEL INTERNACIONAL	13
2.1.1.1 - O CONSUMO DO TURISMO NO TERRITÓRIO ECONÓMICO	14
2.1.2- A NÍVEL NACIONAL.....	18
2.1.2.1 - CONTA SATÉLITE DO TURISMO EM PORTUGAL - 2010	18
2.1.2.2 - BALANÇA TURÍSTICA PORTUGUESA	20
2.1.2.3 - DESLOCAÇÕES E DORMIDAS DE NÃO RESIDENTES EM PORTUGAL	21
2.1.2.4 - DESLOCAÇÕES DE RESIDENTES SEGUNDO AS MOTIVAÇÕES	23
2.1.2.5 - DORMIDAS DOS RESIDENTES EM PORTUGAL	25
2.1.2.6 - DESPESA MÉDIA DIÁRIA POR TURISTA, SEGUNDO OS PRINCIPAIS MOTIVOS, POR DESTINO	26
2.2 - REGIÃO CENTRO (NUTS II): PANORAMA TURÍSTICO GLOBAL	27
2.2.1 - DORMIDAS E HÓSPEDES	27
2.2.2 - QUADRO-SÍNTESE: O POSICIONAMENTO DA REGIÃO CENTRO EM PORTUGAL	30
Capítulo III - Sistema Turístico da região do Médio Tejo	31
3.1 - APRESENTAÇÃO DO SISTEMA TURÍSTICO DO MÉDIO TEJO.....	31
Sistema Turístico	31
3.2 - PROCURA.....	32
3.2.1 - A PROCURA NA REGIÃO DO MÉDIO TEJO	32
3.3 - OFERTA: RECURSOS TURÍSTICOS DO MÉDIO TEJO	35

3.3.1	- ESPAÇOS PÚBLICOS	35
3.3.2	- EQUIPAMENTOS	38
3.3.3	- NATUREZA	39
3.3.4	- PATRIMÓNIO.....	40
3.3.5	- PRAIAS FLUVIAIS	47
3.3.6	- TRADIÇÃO	48
3.3.7	- TURISMO RELIGIOSO	50
3.3.8	- FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS	55
3.3.9	- RECURSOS ÂNCORA DO TURISMO.....	59
3.4	- GEOGRAFIA	62
3.5	- OPERADORES	64
Capítulo IV - Destino turístico Médio Tejo.....		69
4.1	- CONCEITO DE DESTINO TURÍSTICO	69
4.2	- MÉDIO TEJO: TEM IDENTIDADE PARA SER CONSIDERADO UM DESTINO TURÍSTICO? ...	70
4.3	- APRECIÇÃO GLOBAL DO MÉDIO TEJO ENQUANTO ZONA RECETORA.....	75
Capítulo V – Experiências em Turismo.....		79
5.1	- TURISMO COMO CONSUMO DE EXPERIÊNCIAS	79
5.2	- O TOURING COMO EXPERIÊNCIA NA REGIÃO DO MÉDIO TEJO	81
5.2.1	- OPINIÃO DE ALGUNS OPERADORES TURÍSTICOS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS EM TURISMO NO MÉDIO TEJO	82
5.3	- ESPECIFICIDADES NA ESTRUTURAÇÃO DOS PRODUTOS ENQUANTO EXPERIÊNCIAS EM TURISMO	83
Capítulo VI - Definição do Projeto: O <i>Touring</i> como contributo para o desenvolvimento do destino Médio Tejo.....		86
6.1	- APRESENTAÇÃO DO PROJETO	86
6.2	- JUSTIFICAÇÃO DO PROJETO.....	90
6.3	- PRINCIPAIS VANTAGENS COMPETITIVAS DO DESTINO TURÍSTICO MÉDIO TEJO.....	93
Capítulo VII - Modelo do projeto		96
7.1	- TELA DO MODELO DE NEGÓCIOS.....	96
7.1.1	- SEGMENTOS DE CLIENTES	97

7.1.2	- PROPOSTAS DE VALOR	99
7.1.3	- MEIOS DE COMUNICAÇÃO	100
7.1.4	- RELAÇÃO COM OS CLIENTES	100
7.1.5	- RECEITAS	100
7.1.6	- RECURSOS	100
7.1.7	- ATIVIDADES	101
7.1.8	- PARCEIROS	102
7.1.9	- CUSTOS	102
Conclusão		104
Bibliografia.....		105

Índice de Figuras

Figura 1 - Enquadramento do Médio Tejo, em Portugal e na Europa.....	5
Figura 2 – Tipos de paisagens em Portugal continental	6
Figura 3 – Localização do Médio Tejo em território nacional	9
Figura 4 – Municípios do Médio Tejo.....	10
Figura 5 - Rede viária do Médio Tejo	11
Figura 6 - Tipos de consumo do Turismo no Território Económico.....	14
Figura 7 – O turismo e a economia como complementos do desenvolvimento	15
Figura 8 - Caraterização da Conta Satélite do Turismo.....	18
Figura 9 - Destinos preferenciais dos não residentes	22
Figura 10 - Número de dormidas dos residentes em Portugal e o seu principal motivo.....	25
Figura 11 – Despesa média diária por viagem, segundo o motivo, por destino.....	26
Figura 12 – Distribuição das dormidas por NUTS II	27
Figura 13 - Número hóspedes e dormidas e a sua caracterização	30
Figura 14 - Sistema Turístico – POGO.	31
Figura 15 - Média do nº de noites em Portugal, na Região Centro e no Médio Tejo - 2010	33
Figura 16 – Capacidade média de alojamento por 1000 Hab. - 2010	33
Figura 17 - Nº de Hóspedes por hab. – 2010.....	33
Figura 18 - Percentagem de hóspedes estrangeiros - 2010.....	34
Figura 19 - Número de hóspedes e de dormidas no Médio Tejo segundo o país de residência - 2010.....	34
Figura 20 – Algumas caraterísticas do património.....	40
Figura 21 - Recursos-Âncora do turismo na região do Médio Tejo.....	60
Figura 22 - Principais recursos diferenciadores do Médio Tejo.....	62
Figura 23 - Características da Identidade de um Destino Turístico	70
Figura 24 - Fatores de Diferenciação da região Centro.....	71
Figura 25 - Composição da identidade do destino turístico Médio Tejo.....	73
Figura 26 – Componentes de avaliação de um Destino Turístico	74
Figura 27 - Composição das experiências em Turismo.....	79
Figura 28 - Matérias-Primas do Produto Turístico.....	83

Figura 29 – Componentes da Oferta da associação Acultour.....	86
Figura 30 – Serviço Principal, serviço Atual e Valor Acrescentado da Associação Acultour	89
Figura 31 – Conceito / Objetivo por região (NUT II)	91
Figura 32 – Composição da Tela do modelo de negócios.....	96
Figura 33 – Principais características das gerações entre 1922 – 1994.....	98
Figura 34 – Propostas de Valor da Associação Acultour	99
Figura 37 – Segmentação das propostas da Associação.....	101

Índice de Quadros

Quadro 1: Fatores diferenciadores do destino Portugal.....	7
Quadro 2: Chegada de turistas por regiões de destino.....	13
Quadro 3: Consumo do turismo no território económico – 2006 / 2009.....	15
Quadro 4: Receitas e despesas do Turismo, por país de origem / destino.....	16
Quadro 5: Vantagens Competitivas do Médio Tejo	94
Quadro 6: Tela do Modelo de Negócios da Associação Acultour	103

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Proporção do Consumo turístico no Território Económico no PIBpm, 2008 / 2010	16
Gráfico 2 - Evolução nominal do consumo do Turismo no Território Económico, e do Valor Acrescentado gerado pelo Turismo, 2001 – 2010	19
Gráfico 3 - Balança Turística Portuguesa, 2006 – 2010.....	20
Gráfico 4 - Repartição das dormidas, segundo o país de residência habitual, 2010	21
Gráfico 5 - População, segundo a realização ou não de viagens turísticas, por principal motivo da viagem, 2010	23
Gráfico 6 - Viagens, segundo os principais motivos, por destino, 2010	24
Gráfico 7 - Evolução dos hóspedes, por NUTS II.....	28
Gráfico 8 - Evolução das Dormidas, por NUTS II.....	28
Gráfico 9 - Estabelecimentos Hoteleiros no Médio Tejo - 2010.....	32
Gráfico 10 - Nº de Recursos da Região no Médio Tejo por município - 2010	59
Gráfico 11 –Importância atribuída às experiências nas viagens.	75
Gráfico 12 –Qualificação do aproveitamento turístico do Médio Tejo.....	75
Gráfico 13 –Nº de indivíduos que realizaram visitas com acompanhamento profissional .	76
Gráfico 14 - Nº de indivíduos que já realizaram visitas com acompanhamento profissional	76
Gráfico 15 - Principais obstáculos que impedem o desenvolvimento do turismo no Médio Tejo.....	77
Gráfico 16 – Classificação da criação de um serviço de transporte e informação turística.	78
Gráfico 17 – Nº de indivíduos interessados na aquisição dos serviços da Acultour	78

Índice de Tabelas

Tabela 1: Espaços públicos de relevância turística no Médio Tejo.....	35
Tabela 2: Equipamentos de relevância turística no Médio Tejo	38
Tabela 3: Oferta de carácter natural no Médio Tejo	39
Tabela 4: Património presente no Médio Tejo	40
Tabela 5: Praias Fluviais do Médio Tejo.....	47
Tabela 6: Património tradicional do Médio Tejo	48
Tabela 7: Património Religioso do Médio Tejo.	50
Tabela 8: Principais festas, feiras e romarias na região do Médio Tejo.....	55
Tabela 9: Operadores turísticos na região do Médio Tejo.....	64
Tabela 10: Respostas do inquérito realizado às EAT, na região do Médio Tejo.	82

Lista de Siglas e Abreviaturas

AERC - Anuário Estatístico da Região Centro

CIMT - Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo

CST - Conta Satélite do Turismo

CTTE - Consumo do Turismo no Território Económico

EAT - Empresas de Animação Turística

INE - Instituto Nacional de Estatística

ISFLSF - Instituições sem Fins Lucrativos ao Serviço das Famílias

NUTS - Nomenclatura de Unidade Territoriais para fins Estatísticos

OECD - *Organisation for Economic Co-operation and Development*

OMT - Organização Mundial do Turismo

PENT - Plano Estratégico Nacional do Turismo

PIB - Produto Interno Bruto

PIB(pm) - Produto Interno Bruto a preços de mercado

PNSAC - Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros

PROT-OVT - Plano Regional de Ordenamento do Território do Oeste e Vale do Tejo

PTD - Programa Territorial de Desenvolvimento do Médio Tejo e Pinhal Interior Sul

RNAAT - Registo Nacional dos Agentes de Animação Turística

TLVT - Entidade Regional de Turismo de Lisboa e Vale do Tejo

Introdução

Os tempos atuais em que vivemos, além de uma capacidade de adaptação ao progresso, exigem indiscutivelmente, respostas efetivas às conjunturas menos favoráveis que possam surgir. Estas, reclamam entre outras medidas, ações empreendedoras que, quando corretamente planeadas, implementadas e promovidas, conduzirão a enormes benefícios. Consideramos de igual modo, o empreendedorismo como uma atividade delicada, nomeadamente na área do Turismo, pois, o elevado número de sectores que o compõe e caracteriza, convertem-no numa das mais importante e complexas áreas de atuação.

Constata-se por observação expedita que, a estruturação do sistema turístico do Médio Tejo, bem como a orgânica da sua oferta, assenta essencialmente nos recursos endógenos que classicamente compõem os atrativos turísticos de um Destino (ex.: visitas a monumentos e aos principais elementos patrimoniais declarados pelas autarquias; realização de feiras e romarias; e a prática de atividades e animação em contexto desportivo), condicionando, desse modo, a divulgação e visitação numa perspetiva tradicionalista dos recursos.

Na sua maioria, os operadores que atuam no terreno são empresas registadas como Empresas de Animação Turística (EAT) que, apesar de apresentarem algumas atividades para turistas, o centro das suas ações sugere na sua maioria, atividades desportivas, provocando alguma negligência na componente cultural. Estes aspetos marcam o ponto de partida desta nossa intervenção.

Nesse sentido, assumimos este projeto, como a fase preliminar para a criação de uma futura associação, com vista a promover o *Touring*, como componente de desenvolvimento do território Médio Tejo. Este trabalho sustenta e fundamentalmente, a pertinência desta intenção, e aquelas que serão as suas principais linhas orientadoras.

Nesse sentido, elencamos necessidades e oferecermos oportunidades, condensado o modelo de negócios, o qual se apresenta como um complemento estratégico diferenciador para este tipo de atividade, na medida em que permite ao visitante, descobrir, conhecer e visitar a região, com acompanhamento profissional e especializado, assegurando que as visitas ao Médio Tejo sejam propícias a experiências marcantes, contribuindo assim, para o

aumento da notoriedade do destino Médio Tejo, com impactos positivos ao nível do fluxo de visitantes destas região.

Para além disso, a diferenciação da nossa oferta, firma-se igualmente, na disponibilização de dois produtos turísticos à escolha: Tournalux e eXpY, dirigidos a diferentes segmentos da procura, com a particularidade de, em qualquer destes produtos, o visitante e/ou residente, poder coproduzir a sua visita, estimulando e possibilitando uma criação e fruição “à la carte”, de acordo com os requisitos e expetativas de cada visitante.

Esta região, composta por onze municípios, quando analisados individualmente, revela-se frágil, contudo, consideramos que a criação de vínculos entre eles, possa criar estímulos para que sejam realizadas mais deslocações até este território. Logo, a união de todas as “forças” internas do Médio Tejo são forçosamente necessárias para o êxito dos nossos objetivos que se centram em agregar valor para a região.

Metodologia

Numa perspetiva de investigação/ação em que, simultaneamente, procurámos pesquisar a realidade e a potencialidade turística do Médio Tejo, tentámos, em sede de projeto, promover um processo esclarecido, de modo a que a nossa proposta associativa: a criação de uma associação sem fins lucrativos, que proporcione atividades na área do *Touring*, como contributo para o desenvolvimento do destino Médio Tejo, fosse claramente interpretada. É nossa intenção, nessa base, demonstrar a carência, bem como a validade de experiências em Turismo, proporcionadas pelo *Touring*, nesta região.

A metodologia que seguimos foi estruturada, e organizada em sete capítulos, de modo a:

a) Capítulo I

Enquadrar territorialmente a região do Médio Tejo, em Portugal e na Europa:

É observada a realidade empírica do Médio Tejo, nomeadamente, as suas características territoriais, a realidade envolvente, e as suas principais vias de comunicação;

b) Capítulo II

Perceber o impacto da atividade turística no território nacional, em particular, na região do Médio Tejo:

É analisada a relação entre um território e a sua ocupação turística, através da apresentação, análise e exposição de dados estatísticos obtidos por entidades críveis;

c) Capítulo III

Compreender a atividade sistémica do Turismo no Médio Tejo:

É apresentado o sistema POGO (procura, oferta, geografia e operadores) como um processo inteligível, com o objetivo de analisar a competência desta região na atividade turística. São também enumeradas opiniões dos operadores turísticos da região e indivíduos residentes, mediante inquérito organizado segundo um guião devidamente ajustado à necessidade;

d) Capítulo IV

Aludir ao Médio Tejo como possível destino turístico:

Expomos o conceito de destino turístico e as suas características, bem como apontamos propostas de atributos que possam classificar esta região de: destino turístico;

e) Capítulo V

Entender o *Touring* como experiência turística e a sua operacionalização na região do Médio Tejo:

Expomos os conceitos ligados às experiências proporcionadas pelo Turismo, nomeadamente no *Touring*, e analisamos com base num inquérito realizado aos operadores turísticos da região, o potencial deste tipo de Turismo, no Médio Tejo;

f) Capítulo VI

Apresentar o projeto:

Apresentamos a nossa proposta de operacionalização do *Touring* na região do Médio Tejo, justificando a sua criação e apresentando a sua relevância neste contexto e, concluímos sobre os aspetos mais relevantes do processo de investigação;

g) Capítulo VII

Apresentação do modelo do projeto:

Expomos a tela do modelo de negócios, aplicada a uma associação sem fins lucrativos, de modo a contemplar os vários segmentos de um modelo de negócios tradicional, especificando os vários blocos que o compõem.

Em todos estes capítulos, foi nossa intenção apresentar os resultados do modo mais objetivo possível. No que concerne às fontes bibliográficas e outros, a citação em *itálico*, compreende o texto retirado de documentos, elaborado integralmente pelo autor identificado no fim da respetiva citação. O texto sem *itálico*, se identificado no final da respetiva citação, compreende a ideia original do autor identificado.

Capítulo I – Enquadramento territorial

1.1- Território Nacional

Enquadrando Portugal ao nível do território europeu, verifica-se que está integrado a sudoeste deste continente e, perfaz juntamente com Espanha, a Península Ibérica. Portugal apresenta uma configuração geográfica marcada por rios muito importantes, e com grande representatividade na evolução do território como o conhecemos hoje. Apresenta-se de igual modo, no seu conjunto como uma área de terras altas.

Toma-se consciência que Portugal detém, entre outras, duas características territoriais muito peculiares que, poderão ser consideradas como fatores diferenciadores na escolha dos destinos por parte da procura. Falamos não só da curta distância que separa Portugal do restante território europeu, a norte e a este, mas também da sua fronteira natural com o oceano Atlântico, a oeste e a sul.

Em comparação com outros países, a curta extensão do território português poderá manifestar-se, à primeira vista, como uma desvantagem, mas, em relação à atividade turística, esta particularidade poder-se-á apresentar como um benefício, pois, a concentração de uma multiplicidade de paisagens, recursos e geografia que o país oferece, além de expressivamente contrastantes, encontram-se tão próximos que não exigindo grandes meios, nem esforços, para a sua visitação e fruição.

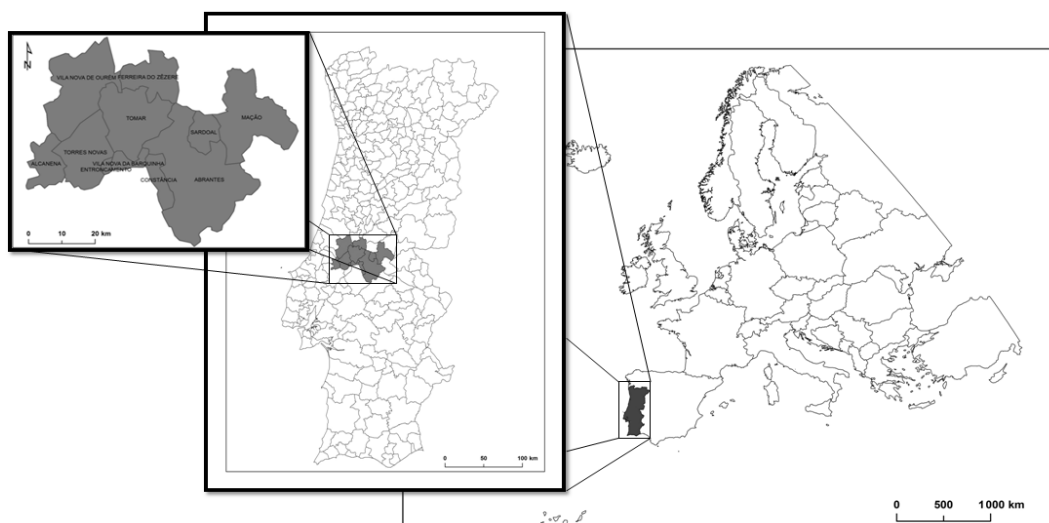


Figura 1 - Enquadramento do Médio Tejo, em Portugal e na Europa
(Elaboração própria em ambiente SIG)

Esta diversidade de paisagens, deve-se, não só a fatores naturais, nomeadamente ao posicionamento e extensão da sua costa; à variedade litológica; à desigual distribuição do relevo; e as alterações climáticas, mas, também, a fatores culturais herdados pelos povos que habitaram a Península Ibérica durante vários séculos, e que humanizaram através de construções/alterações, algumas das mais belas paisagens (Silva, 2005, p. 66).

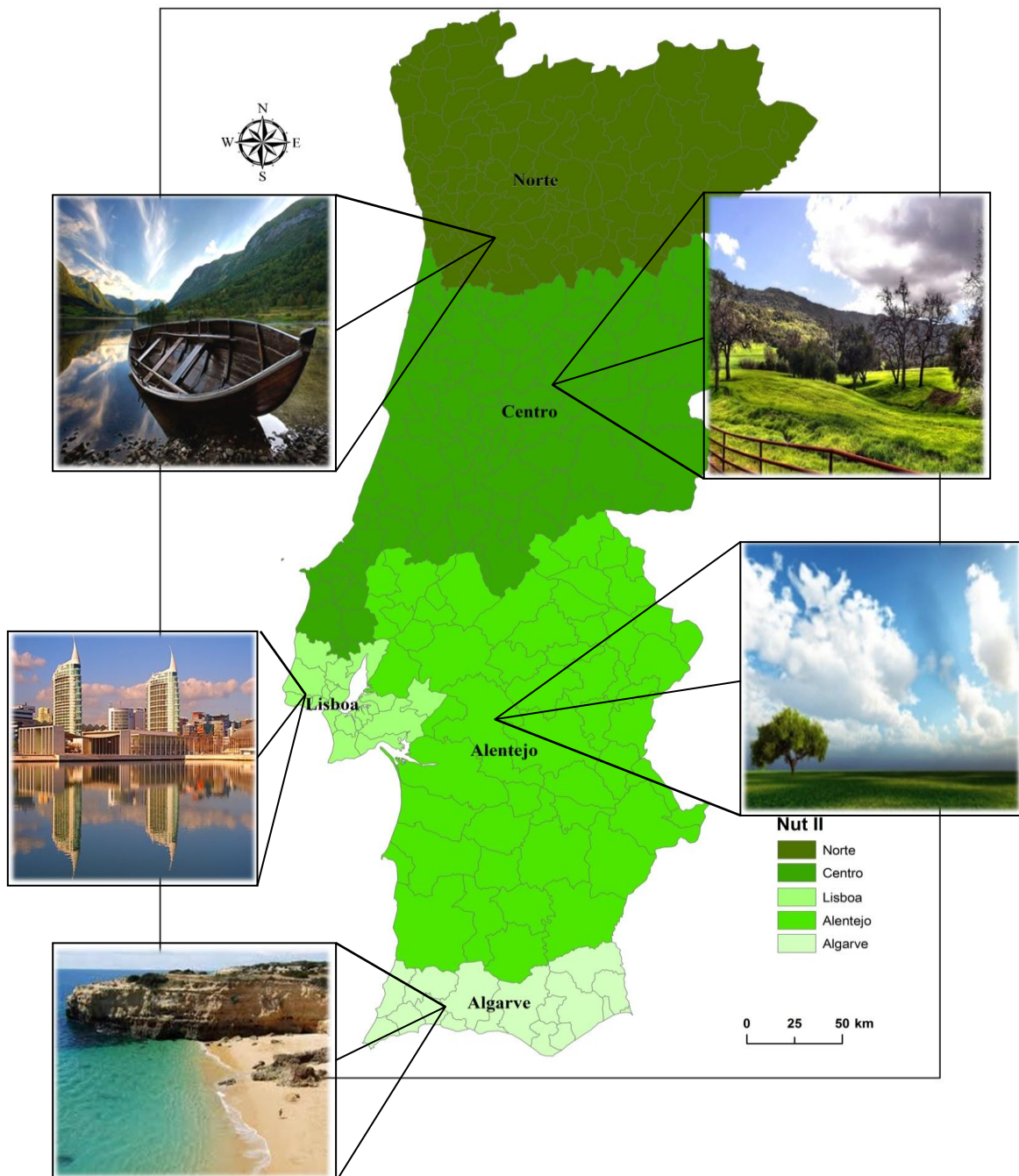





Figura 2 – Tipos de paisagens em Portugal continental
Fonte das imagens: joaoamaralphoto, 2008 e Chris, 2009
(Elaboração própria em ambiente SIG)

Este posicionamento geoestratégico do nosso país, , numa perspetiva turística, coloca-nos num patamar multidisciplinar, pois, permite uma oferta variada e diferenciada de produtos turísticos, e vias de comunicação, sendo mesmo apontado como indicado no proposta de valor de Portugal, pelo indicado no PENT, e como podemos observar no quadro 1.

Quadro 1: Fatores diferenciadores do destino Portugal

Clima e Luz		<ul style="list-style-type: none">> País do Sul da Europa, com temperaturas amenas todo o ano, e pouca precipitação fora da época do Inverno> Elevado número de dias de sol e horas de luz
História, Cultura e Tradição		<ul style="list-style-type: none">> Forte preservação das tradições (festas populares, trajes regionais, procissões, música tradicional, romarias, tradições académicas, fado)> Ligação ao Atlântico/ Descobrimientos
Hospitalidade		<ul style="list-style-type: none">> Relações profundas (carácter português brando, afável, quente, comunicativo, receptividade aos estrangeiros)> Gastronomia e vinhos> Qualidade dos estabelecimentos turísticos e qualidade de serviço
Diversidade concentrada		<ul style="list-style-type: none">> País <i>resort</i> (atlântico, praia, planície, floresta, ruralidade, cidade, golfe, casinos)> Multiplicidade de influência de culturas (celtas, romanos, árabes, povos dos descobrimientos)> Multiplicidade de sub-culturas regionais (Minho, Douro, Lisboa, Algarve...)

Fonte: PENT, 2007, p. 46

Através da análise do quadro 1, podemos observar que não só a geografia, mas também a história, a cultura, a hospitalidade e a diversidade concentrada, se demarcam como fatores de diferenciação e, em confluência com outros, serão eles, que orientaram a escolha dos turistas. Observa-se, igualmente, que Portugal possui várias características que contribuem assim, para que as escolhas dos visitantes e turistas, recaiam sobre este território.

1.2 - Território do Médio Tejo

Localizada no centro de Portugal, a região do Médio Tejo pertence ao distrito de Santarém, e apresenta como limites territoriais, o distrito de Coimbra, o distrito de Castelo Branco, o distrito de Leiria, o distrito de Évora, distrito de Lisboa e o distrito de Portalegre (CIMT, 2011).

À semelhança de Portugal, também a região do Médio Tejo revela um posicionamento favorável, nomeadamente, em termos geoturísticos, devido à sua localização. Essa presença central, permite uma ligação muito próxima e coesa, não só entre o Litoral e o Interior mas também, possui a capacidade de interligar estas regiões, na medida em que as suas fronteiras se tocam e, por sua vez, apresentam características contrastantes, contribuindo dessa maneira para uma oferta turística pluridisciplinar.

Embora a relevância da capital administrativa de Portugal – Lisboa, seja o destino que apresente maior número de hóspedes, registando-se uma grande divergência entre esta região e as regiões mais próximas, o Médio Tejo apresenta potencial que, no contexto das atividades turísticas, é relevante, possuindo características únicas que acreditamos serem suficientemente válidas, de modo a cooperar com o pólo de Lisboa, através de uma metodologia em prol do Turismo.

“O Médio Tejo tem uma localização com grande centralidade no território nacional: a uma hora de Lisboa e a duas do Porto. No entanto, do ponto de vista do lazer e do turismo, o contexto territorial e as acessibilidades existentes condicionam os fluxos de visita de forma nem sempre favorável” (Ferreira, 2011a). É nesse sentido que o nosso projeto assenta, contribuindo como uma ferramenta de apoio para a atenuação desta situação.

A este nível, o PENT estima o aumento do número de turistas e do valor gerado por ele, através de uma estratégia que prevê o *cross-selling* da região Centro com as principais regiões de Portugal continental (Lisboa e Porto). Em relação à atratividade, os principais produtos serão o *Touring* e Turismo de Natureza (PENT, 2007, p. 74).



Figura 3 – Localização do Médio Tejo em território nacional
(Elaboração própria em ambiente SIG)

Ao nível das entidades com competências nesta região, nomeadamente, no âmbito do Turismo, destacamos a Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo (CIMT), que, apresenta uma estratégia concertada, por meio de uma forte ligação intermunicipal. Através da sua atividade, será possível elevar equitativamente toda a região do Médio Tejo, compensando assim, a falta de atrativos de um concelho, com a força dos recursos de outro, uma vez que todos trabalham em conjunto, e em rede, para a promoção de todo este território, e não individualmente.

Os centros urbanos que se evidenciam no Médio Tejo, são os de: Tomar, Torres Novas, Entroncamento, Abrantes e o eixo Fátima-Ourém. As zonas de Ourém, Torres Novas, Tomar e Fátima apresentam uma forte dinâmica de atividade económica e dispersão da população. A nível empresarial, é de destacar o eixo: Alcanena-Torres Novas/Entroncamento-Vila Nova da Barquinha, onde se realçam: as atividades industriais; e a logística de abastecimento à metrópole de Lisboa. De referir também, a relação com a zona Norte do país, através de uma forte ligação com o eixo: Vilar Formoso-Salamanca-Valladolid (PROT - OVT, 2008, p. 61).

As freguesias, porque estão mais perto dos cidadãos, podem desempenhar um papel importante no que ao Acolhimento diz respeito. A sabedoria popular, bem como o conhecimento dos cidadãos que habitam o território, são um grande contributo na atividade turística da região. Essa sabedoria, aliada a uma boa “educação turística”, contribui, seguramente, para uma imagem positiva do território. Logo, os residentes não poderão ser descurados no estudo do Turismo ou da criação de serviços ou produtos, pois, fazem parte da realidade local, das histórias (tradição e identidade), enquanto património imaterial muito relevante.

“A Região do Médio Tejo possui 111 Freguesias, distribuídas pelos seus 11 Municípios. Os Municípios com maior número de Freguesias são: Abrantes (19), Ourém (18), Torres Novas (17) e Tomar (16). A Freguesia com maior área é a Freguesia de Bemposta (Município de Abrantes) e a de menor área a Freguesia de Tancos (Município de Vila Nova da Barquinha)” (CIMT, 2011).



Figura 4 – Municípios do Médio Tejo
(Elaboração própria em ambiente SIG)

A região do Médio Tejo apresenta uma densidade populacional de 99,9 hab/km², sendo a 5ª maior da região Centro, e apresenta uma esperança de vida de 79/80 anos (*Idem*).

Também a bacia hidrográfica do Tejo, abrange uma importante porção de território, aliando assim mais recursos, favoráveis à criação de atividades exploratórias ou de visitação muito preponderantes, e com potencial, de modo a proporcionar experiências únicas.

1.2.1 - Vias de comunicação na região do Médio Tejo

Em termos de acessibilidades, não poderão ser descuradas as vias de comunicação entre municípios e regiões, uma vez que, serão estas o principal eixo de ligação das atividades que propomos desenvolver (*Touring no Médio Tejo*).

Como podemos verificar na figura 5, “A oferta rodoviária é assegurada pela A1 (2 Nós – Torres Novas e Fátima), o IC3 e a A23, transversal a toda a Região – 13 Nós (desde a A1) – Torres Novas, Entroncamento, Vila Nova da Barquinha (2), Tomar, Constância (2), Abrantes(3) e Mação (2), existindo ainda um Nó em Gavião (pertencente a outra Região), servindo algumas populações de Mação” (CIMT, 2011). Atualmente, o itinerário complementar (IC3), passou a designar-se de A13 (autoestrada).

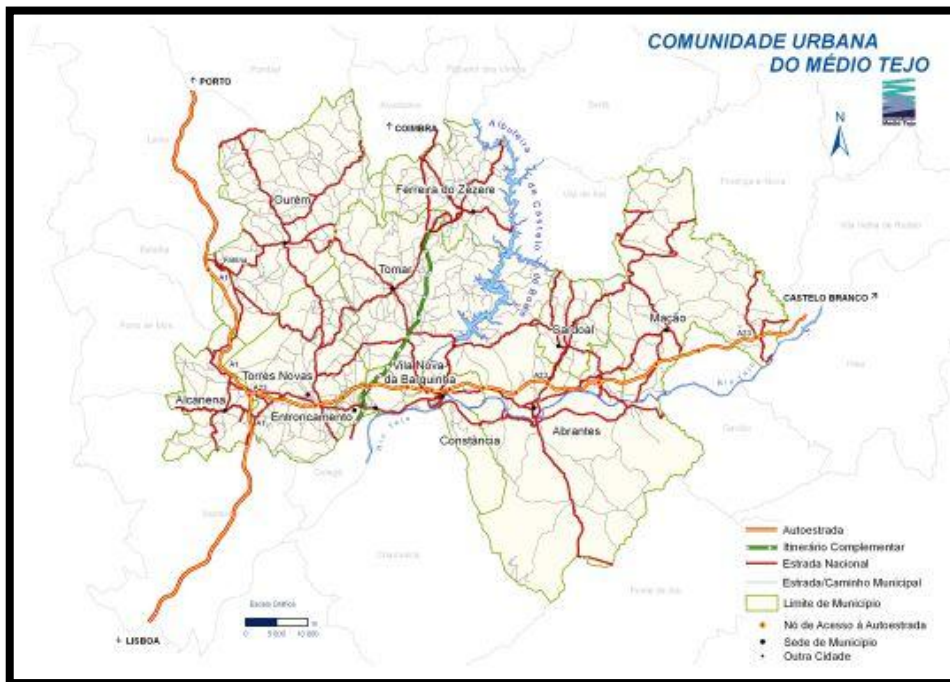


Figura 5 - Rede viária do Médio Tejo
Fonte: CIMT, 2011

Na região do Médio Tejo, estas vias apresentam boas condições de segurança e visibilidade, mas sobretudo, e o mais importante para nós, oferecem uma panorâmica paisagística fantástica. A beleza natural que compõe geograficamente o Médio Tejo, assume várias tipologias, que moldam certamente as condições ideais para o aumento da satisfação na experiência turística a proporcionar.

Capítulo II - Considerações sobre a Atividade Turística

2.1 - Relação: Território - Ocupação Turística

Ao considerar a Atividade Turística, estamos indissociavelmente a falar de Território, pois, será sobre este, que a ação (turística) tem lugar. Atualmente são conhecidos os vários impactos do Turismo em qualquer território que o receba. Positiva ou negativamente, estes provocam uma alteração na gestão e ordenamento territorial, a vários níveis.

Mais pessoas num determinado território, pressupõe mais investimento, mais recursos humanos, mais serviços, mais produtos, mais infraestruturas, mais formação, entre outros, criando assim, mais economia e, conseqüentemente, originando mais políticas de enquadramento e regulação. Apesar de muitas intervenções não serem as mais corretas, sejam pela falta de conhecimentos técnicos, académicos, ou até mesmo de recursos técnicos ou humanos, há que tentar encontrar formas de planeamento e ações adequadas, de modo a evitar o subaproveitamento do território.

Consideramos que o Território se adapta ao Turismo, nomeadamente em duas medidas principais. Uma, diz respeito ao crescimento espontâneo de visitas numa determinada área, que obriga ao ajustamento não expectável dos serviços básicos, e à criação de estruturas de apoio às visitas. A outra, relaciona-se com a alteração e estruturação do território, de um modo pensado e planeado, de forma a serem criadas condições e características que fomentem, atraiam e retenham essas visitas, desenvolvendo e aumentando assim, o fluxo turístico. Contribuindo assim, em certa medida, para a transformando desse território, num destino turístico.

É sobre esta última dimensão, que o território do Médio Tejo tem evidenciado a sua aposta, patente nas ações do Programa Territorial de Desenvolvimento do Médio Tejo e Pinhal Interior Sul (PTD), que “(...)corresponde ao resultado do trabalho de concertação, planeamento e definição estratégica, promovido em conjunto pela Comunidade Urbana do Médio Tejo e pela Associação de Municípios do Pinhal Interior Sul (...)” (PTD, p. i).

Nesta lógica, seguir-se-á uma apresentação da ocupação turística a nível mundial, nacional e regional, partindo do mais recente estudo à data, publicado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em 2011, intitulado: “Estatísticas do Turismo 2010”.

2.1.1- A nível internacional

As chegadas de turistas em 2010, como evidencia o quadro 2, estabeleceram-se em cerca de 940 milhões. De acordo com o INE, este número resulta num aumento de mais 58 milhões, em comparação com o ano de 2009, que apresentou cerca de 882 milhões. Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), registou-se o maior crescimento (6,6%) desde 2005, invertendo assim, a quebra que se verificou em 2009. (INE, 2011, p. 4).

Ainda de acordo com este estudo, o crescimento das chegadas dos turistas em 3,3% na Europa (quadro 2), reforça fortemente, a noção, de que o Turismo se apresenta como uma atividade dinâmica, com um ritmo próprio, e um desempenho que não se estabelece apenas na influência dos mercados.

Apresenta-se em seguida no quadro 2, a evolução das chegadas de turistas por região de destino:

Quadro 2: Chegada de turistas por regiões de destino

Região	2007	2008	2009	2010 Po	unid: milhões
Mundo	899,9	918,8	881,8	939,8	
Europa	485,4	487,3	461,5	476,7	
Ásia e Pacífico	182,0	184,1	180,8	203,8	
Américas	143,0	146,9	140,6	149,8	
África	42,6	44,5	46,0	49,2	
Médio Oriente	46,9	56,0	52,9	60,3	

Fonte: INE, 2011, p. 14

Da análise do quadro 2, constatamos que a Europa enquanto destino turístico “(...) recebeu um total de 476,7 milhões de turistas, o que representa um aumento de 15,2 milhões relativamente a 2009. Todas as restantes regiões registaram igualmente aumentos no número de chegadas de turistas, nomeadamente de 23 milhões na ‘Ásia e Pacífico’, 9,2 milhões nas ‘Américas’ e 7,4 milhões no ‘Médio Oriente’”(Idem, *Ibidem*).

Ao nível da União Europeia, esta visão otimista interessa fundamentalmente, pelo alavancamento que poderão representar as iniciativas nacionais.

2.1.1.1 - O consumo do turismo no território económico

O consumo do Turismo no território económico CTTE, define-se pelo: “Consumo em turismo efectuado pelos residentes e não residentes, em Portugal, no âmbito de uma deslocação para fora do seu ambiente habitual, por motivos de lazer, negócios e/ou outros e que não dê lugar a qualquer remuneração no destino e as despesas efectuadas por outras entidades em nome desses visitantes.” (Turismo de Portugal, 2011a, p. 49)

O, denominado de CTTE, provocado pelas deslocações, gera obrigatoriamente riqueza nos locais, quer de preparação, de passagem e de destino. (*Idem, Ibidem*).

A figura 6, representa assim o CTTE, que por sua vez, se subdivide em três perspetivas:

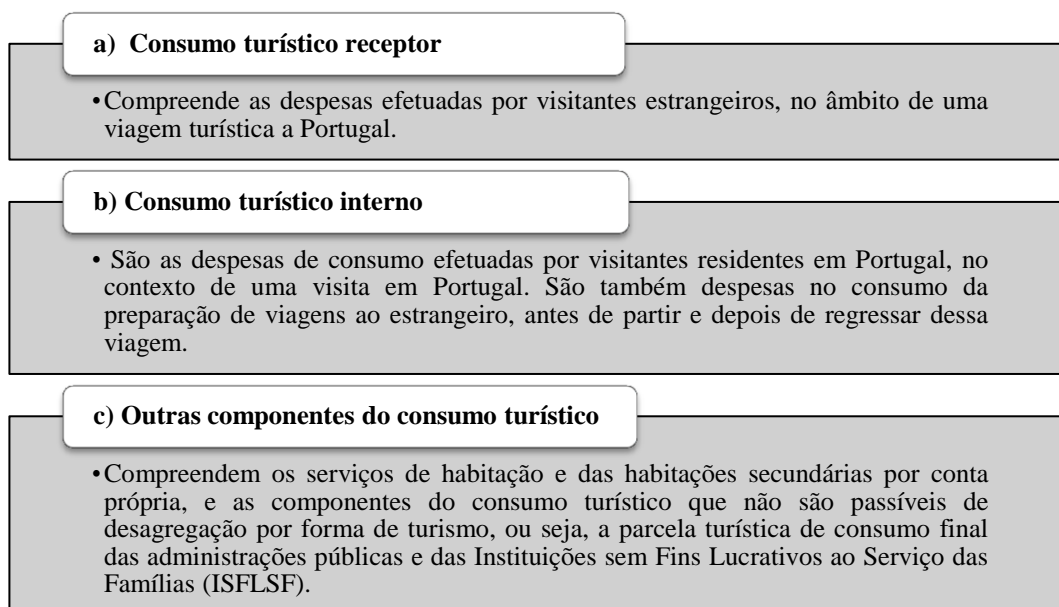


Figura 6 - Tipos de consumo do Turismo no Território Económico

Fonte: Turismo de Portugal, 2011a, p. 49 (adaptado)

Pelas suas características, a atividade turística é um sistema que integra pessoas, produtos, serviços, e Conhecimento, não se inserindo exclusivamente no ramo económico. Por esse motivo, não terá necessariamente, que seguir o mesmo ritmo dos mercados internacionais. Ou seja, a atividade turística é muito mais do que uma atividade económica, configurando uma série de fatores culturais, sociais, etnográficos, religiosos, fisiológicos e psicológicos que, poderão por sua vez, também, contribuir para o desenvolvimento económico. Contudo, o contrário também poderá acontecer, isto é, a economia promover a atividade turística dos

indivíduos que se sentem economicamente ociosos. Esta correlação encontra-se exposta na figura 7.



Figura 7 – O turismo e a economia como complementos do desenvolvimento

Fonte: Cooper, s.d., p. 197 e OMT *apud* Ribeiro, 2008, p. 2 (adaptado)
(Elaboração própria)

Todavia, a maior diferença entre a relação da economia no Turismo e vice-versa, reside essencialmente nas motivações que conduzem às deslocações dos indivíduos, por isso, embora num aspeto genérico (pois um não subsiste sem o outro), consideramos que o Turismo apresenta maior preponderância para a criação de riqueza, do que a economia para o desenvolvimento dos fluxos turísticos.

Quadro 3: Consumo do turismo no território económico – 2006 / 2009

Componentes do CTTE	Unidade: 10 ⁶ Euros			
	2006	2007	2008 Po	2009 Pe
Consumo do Turismo no Território Económico	14 008,5	15 466,6	15 776,2	14 797,4
Consumo do Turismo Receptor (a)	7 878,6	8 822,6	8 846,8	8 192,0
Consumo do Turismo Interno (b)	5 395,5	5 868,7	6 125,6	5 787,6
Consumo das Outras componentes do Turismo	734,3	775,3	803,8	817,7

Fonte: INE, 2011, p. 22

Os números apresentados pelo quadro 3 demonstram que, apesar de uma quebra em 2009, as chegadas de turistas internacionais aumentaram para um número nunca registado a nível mundial.

O gráfico 1, apresenta a proporção e contributo do consumo turístico, no Produto Interno Bruto a preço de mercado (PIBpm) no território económico global.

Segundo as “Estatísticas do Turismo - 2010” (INE, 2011, p.23), em 2008, o Turismo representava 9,2% do PIB, tendo em 2009 recuado para os 8,8% (gráfico 1), mas, segundo os resultados da nova série da Conta Satélite do Turismo (CST), em 2010, alcançará o mesmo número de 2008 (9,2%) (INE, 2011, p. 23).

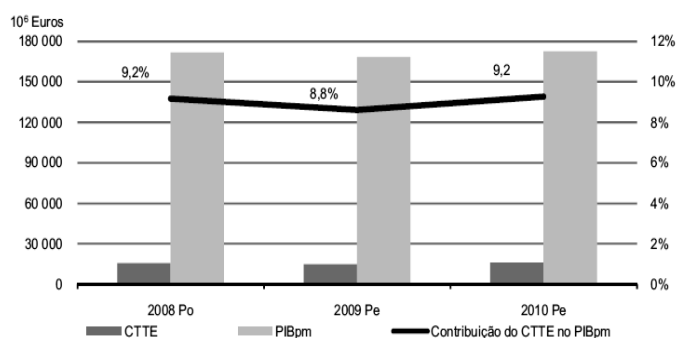


Gráfico 1 - Proporção do Consumo turístico no Território Económico no PIBpm, 2008 / 2010

Fonte: INE, 2011, p. 23

Confrontando os indicadores do consumo efetuado em Turismo no PIB, representado no gráfico 1, com a evolução e desempenho desta atividade nos últimos anos, aferido na análise do quadro 2, constatamos que, apesar das dificuldades económicas que a Europa atravessa atualmente, ir-se-á continuar a verificar um aumento das chegadas de turistas internacionais, que, por sua vez, se traduzirão em mais valor económico.

Seguidamente, no quadro 4, podemos verificar e comprovar o crescimento favorável das receitas e despesas do Turismo, entre os anos 2009 e 2010, preconizada pelos principais países.

Quadro 4: Receitas e despesas do Turismo, por país de origem / destino

PAÍSES	RECEITAS		DESPESAS	
	2009	2010	2009	2010
TOTAL	6 907 843	7 610 905	2 712 262	2 952 889
Países europeus da OCDE	5 829 066	6 201 962	2 074 027	2 208 025
UE	5 563 115	5 942 268	1 991 834	2 125 577
Alemanha	753 546	788 697	177 598	185 140
Áustria	56 278	55 803	13 994	15 134
Bélgica/Luxemburgo	261 310	275 258	90 030	104 966
Dinamarca	73 564	81 498	8 837	7 921
Espanha	1 055 158	1 114 484	866 126	917 617
França	1 213 933	1 323 733	322 545	349 353
Grécia	15 610	10 869	10 185	8 445
Hungria	9 039	9 024	3 562	3 373
Irlanda	177 262	178 694	32 151	43 711
Itália	157 678	176 522	91 551	93 807
Países Baixos	283 300	318 298	50 209	51 777
Polónia	42 871	48 441	6 744	6 934
Reino Unido	1 304 921	1 391 742	297 368	317 676
República Checa	15 748	14 140	7 505	7 137
Suécia	73 180	82 945	8 069	7 557
Outros países da UE	3 107	3 135	1 064	1 078
Outros países europeus da OCDE	265 951	259 694	82 194	82 448
Islândia	1 370	2 527	921	716
Noruega	71 133	79 335	5 596	5 952
Suíça	188 444	172 680	61 956	54 897
Turquia	5 004	5 152	13 720	20 882
Países americanos da OCDE	332 540	409 929	173 946	209 826
Canadá	86 709	102 444	38 129	44 502
EUA	241 639	300 857	131 587	159 142
Outros países da OCDE	37 555	48 718	20 511	21 342
Outros países	708 682	950 297	443 778	513 696

Fonte: INE, 2011, p. 24

Segundo o quadro 4, destacam-se, primeiramente, a França, que apresentou um crescimento positivo de 9%, seguidamente, o Reino Unido com um saldo positivo de 6,7%, a Espanha com 5,6% de crescimento, e a Alemanha, a apresentar um resultado de mais 4,7%. Registamos que a França e o Reino Unido, foram os principais países recetores de despesa turística, registando respetivamente um crescimento de 8,3% e 6,8% (*Idem*, p.24).

2.1.2 - A nível nacional

2.1.2.1 - Conta Satélite do Turismo em Portugal - 2010

A criação de uma ferramenta de observação e investigação aplicada ao sector do Turismo, que faculte, fundamentalmente, uma série de dados indicativos, através dos quais se torna possível quantificar e qualificar os proveitos a nível económico nacional, terá sido o ponto de partida para a elaboração da CST, que se assume como: “(...) *um projeto coerente com o Sistema de Contas Nacionais, a nível dos conceitos, definições, agregados macroeconómicos e quadros de resultados. Estes estão estruturados de acordo com os principais agregados da Oferta e da Procura Turísticas.*” (INE, 2011, p. 117).

A CST, como representado na figura 8, divide-se basicamente em dois segmentos: os produtos específicos do Turismo; e os não-específicos.

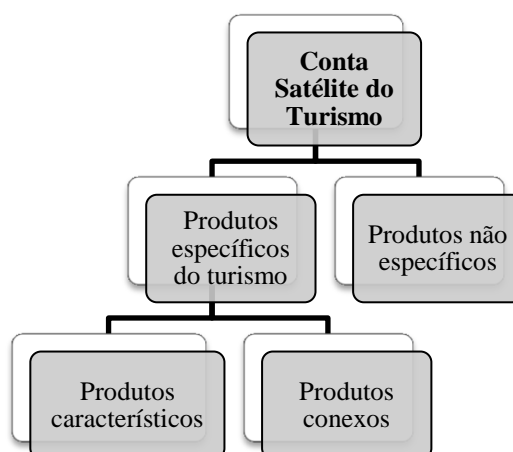


Figura 8 - Caracterização da Conta Satélite do Turismo

Fonte: INE, 2011, p. 117. (Elaboração própria)

Compreendem-se por produtos específicos, aqueles diretamente associados ao Turismo, e que não fariam sentido existir, caso não houvesse Turismo. Estes, por sua vez, dividem-se ainda em dois grupos: os produtos característicos; e os produtos conexos.

Os primeiros, constituem o centro da atividade turística (ex.: Alojamento; Restauração e Bebidas; Transporte de Passageiros; Agências de Viagens; Operadores Turísticos; Serviços Culturais; Recreação e Lazer; Outros Serviços de Turismo. Os produtos conexos, são

produtos que apesar de não serem típicos do Turismo no contexto internacional, podem sê-lo para um país (ex.: vinhos de áreas demarcadas, embarcações de recreio, artigos ornamentais).

Os produtos não-específicos, por sua vez, são aqueles que embora não tenham sido concebidos para satisfazer as necessidades turísticas, terão potencial para ser alvo do consumo turístico (Ferreira, 2010).

A nível nacional e, como se verifica no gráfico 2, a CST em Portugal, apresenta entre 2001 e 2010, um desenvolvimento positiva da:

- a) **Procura Turística** que, no território português em 2010, apresenta uma primeira estimativa de 7,9%, localizando-se perto dos 16 mil milhões de euros, segundo as primeiras avaliações da CST em 2010;
- b) **Oferta Turística** de Portugal que, ficou igualmente marcada pelo acréscimo nominal em relação ao ano de 2009 (-2,8%) pois registou 6,4%, correspondendo a 6,3 mil milhões de euros.

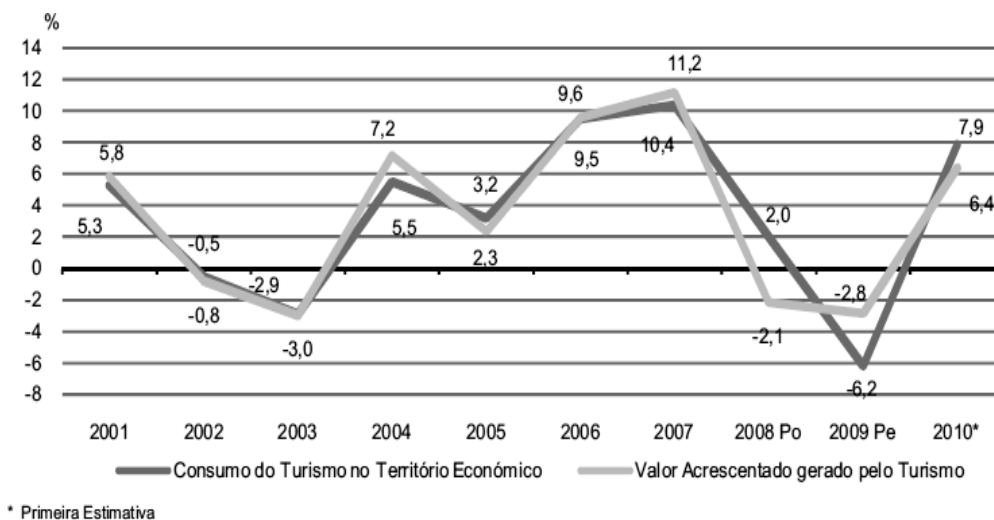


Gráfico 2 - Evolução nominal do consumo do Turismo no Território Económico, e do Valor Acrescentado gerado pelo Turismo, 2001 – 2010

Fonte: INE, 2011, p. 21

Constata-se pela análise do gráfico 2, que a Procura turística, medida pelo consumo do Turismo, apresentou o maior crescimento nominal nos anos de 2006 e 2007, obtendo dessa maneira, 9,5% e 10,4% respetivamente (INE, 2011, p. 21).

2.1.2.2 - Balança Turística Portuguesa

Pelos dados disponibilizados pelo INE (2011, p.23), e examinando o gráfico 3, apontamos não só uma efetiva melhoria da receita turística, relativamente ao ano de 2009 (10,2%), 7 611 milhões de euros, mas também um restabelecimento do sector turístico, na medida em que os resultados são ligeiramente superiores aos dos anos de 2007, e de 2008. Verifica-se igualmente, um aumento no saldo da Balança turística, que se situa nos 11%, assentando-se em 4 658 milhões de euros.

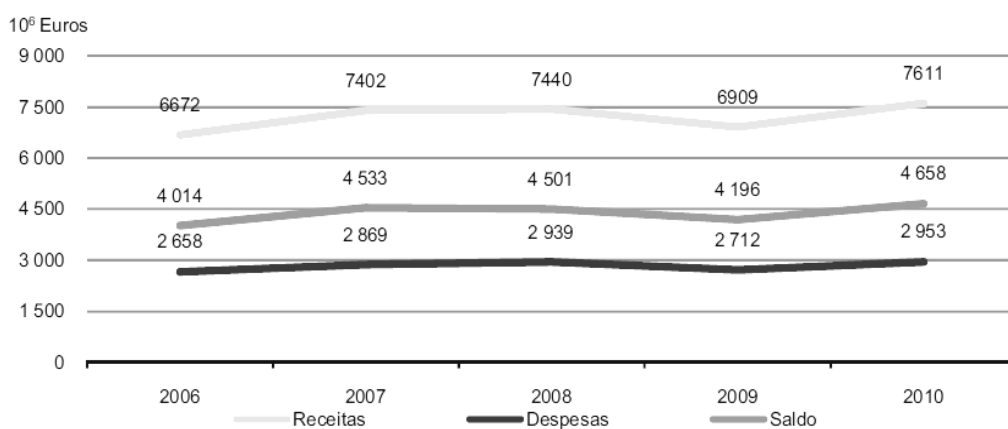


Gráfico 3 - Balança Turística Portuguesa, 2006 – 2010

Fonte: INE, 2011, p. 23

Como se constata, as “*Receitas turísticas crescem mais do que as despesas turísticas (...)*Em 2010, a taxa de cobertura da balança turística foi de 257,7%, superior à do ano anterior, que se situou nos 254,7%. Analisando a evolução da Balança Turística nos últimos cinco anos, em que os melhores resultados ocorreram em 2007, 2008 e 2010 e os menos favoráveis em 2006 e 2009, obtém-se um crescimento médio anual de 3,4% nas receitas, 2,7% nas despesas e 3,8% no saldo da Balança” (Idem, Ibidem).

Analisando o gráfico 3, verificamos que, em termos de evolução da Balança turística, nos anos representados os anos de 2007, 2008 e 2010, apresentam os melhores resultados, sendo o seu saldo de: 4 533 milhões de euros em 2007; 4 501 milhões de euros no ano 2008; e 4 658 milhões de euros em 2010, contrastando com os anos de 2006 e 2009 com um saldo de 4 014 milhões e, 4 196 milhões de euros, respetivamente.

2.1.2.3 - Deslocações e dormidas de não residentes em Portugal

As “Estatísticas do Turismo – 2010” (INE, 2011, p. 41), indicam que em 2010, as dormidas de estrangeiros em estabelecimentos hoteleiros, ascenderam a 23,6 milhões, representando um aumento de 1,7%, em comparação com o ano anterior, 2009.

Segundo o mesmo estudo, registaram-se 13,5 milhões de hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros que, terão originado 37,4 milhões de dormidas, representando assim um aumento de 4,7% e 2,6% respetivamente, face ao ano de 2009 (INE, 2011, p. 40).

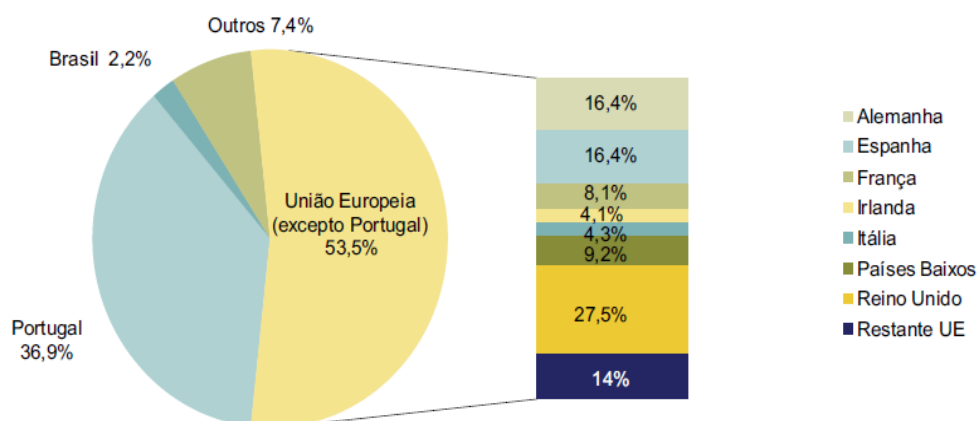


Gráfico 4 - Repartição das dormidas, segundo o país de residência habitual, 2010

Fonte: INE, 2011, p. 42

Podemos observar, no gráfico 4, os países que, no seu conjunto, terão representado mais de 85% das dormidas em território nacional. Foram eles: o Reino Unido (27,5%); a Alemanha (16,4%); a Espanha (16,4%); os Países Baixos (9,2%); a França (8,1%); a Itália (4,3%); a Irlanda (4,1%); e o Brasil (2,2%) (INE, 2011, p. 42).

Como podemos observar e, de acordo com a figura 9: “Os destinos preferenciais dos não residentes mantiveram-se sem alterações significativas. Os britânicos escolheram principalmente o Algarve (67,4% das dormidas deste mercado) e a Madeira (21%), tal como os alemães (40,8% e 33,2%, respectivamente); os espanhóis elegeram como principais destinos as regiões de Lisboa (38,5%), Algarve (23,2%) e Norte (17,3%), do mesmo modo que os franceses (31,2% das dormidas em Lisboa, 21,2% no Algarve e 14,4% no Norte); os holandeses e os irlandeses escolheram maioritariamente o Algarve (68% e 76,3%, respectivamente), enquanto os brasileiros se repartiram principalmente por Lisboa (64,1%) e pelo Norte (19,9%)” (Idem, Ibidem).

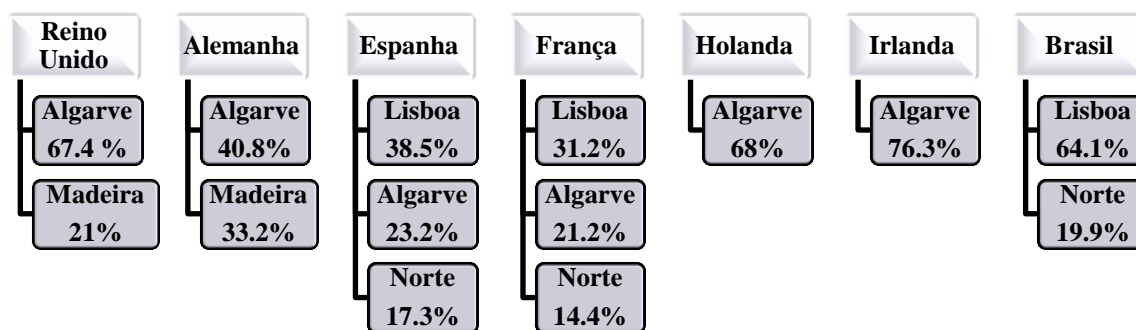


Figura 9 - Destinos preferenciais dos não residentes
Fonte: INE, 2011, p. 42. (Elaboração própria)

Estes indicadores, afiguram-se de extrema importância e utilidade, não só na perspetiva do entendimento do mercado, como no apoio importantíssimo que concede aos Operadores e Retalhistas, no planeamento, estruturação, orientação e promoção da sua oferta, face a este cenário de procura e visitação efetiva.

2.1.2.4 - Deslocações de residentes segundo as Motivações

De acordo com as deslocações realizadas em 2010, pelos residentes em Portugal, conforme apresentado no gráfico 5, estas indicam que 4 milhões de residentes, ou seja, cerca de 37,4% da população portuguesa, terá realizado pelo menos uma deslocação para fora do seu ambiente habitual.

Por ambiente habitual, entende-se “(...) a proximidade direta da sua residência, relativamente ao seu local de trabalho e estudo, bem como a outros locais frequentemente visitados. As dimensões distância e frequência são indissociáveis do conceito e abrangem, respectivamente, os locais situados perto do local de residência, embora possam ser raramente visitados e os locais situados a uma distância considerável do local de residência (incluindo noutra país), visitados com frequência (em média uma ou mais vezes por semana) e numa base rotineira(...)” (INE, 2011, p. 128).

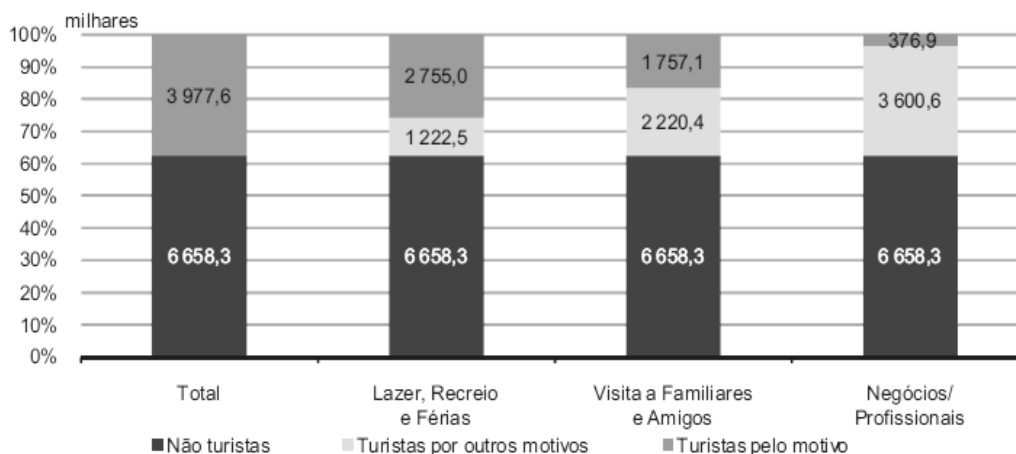


Gráfico 5 - População, segundo a realização ou não de viagens turísticas, por principal motivo da viagem, 2010

Fonte: INE, 2011, p. 27

De acordo com o gráfico 5, os principais motivos, que, originaram a deslocação de turistas residente em Portugal, no ano de 2010, terão sido: “Lazer, Recreio e Férias”, representando, cerca de 2 755 deslocações; “Visita a familiares ou amigos”, que representou no mesmo ano, 1 757 deslocações; e motivos de “Negócios/Profissionais” com cerca de 377 mil deslocações.

Apresentam-se de seguida, no gráfico 6, o número de viagens efetuadas pelos residentes, consoante o principal motivo e destino.

Podemos então constatar, que, foram realizadas sobretudo, deslocações internas (*ingoing*), pois, a sua distribuição, caracteriza-se em cerca de 89,5% com destino em Portugal e, 10,5% no estrangeiro, não havendo alteração na sua estrutura em comparação com o ano de 2009 (*Idem, Ibidem*).

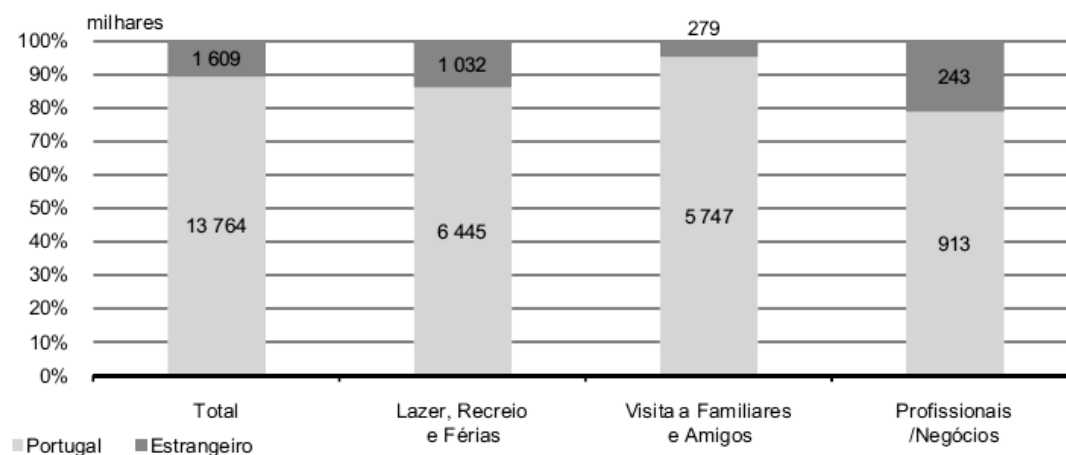


Gráfico 6 - Viagens, segundo os principais motivos, por destino, 2010

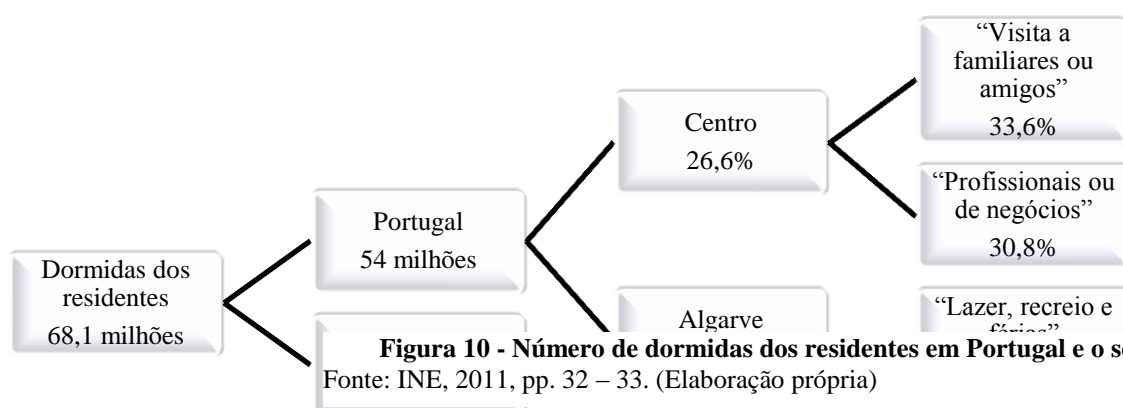
Fonte: INE, 2011, p. 29

A principal motivação das viagens com destino em Portugal, como se pode observar pelo gráfico 6, foram “Lazer, recreio e férias” (6 445), seguidamente, as viagens por motivos de “Visita a familiares ou amigos” (5 747) e, por último, as viagens “Profissionais ou de negócios” (913).

2.1.2.5 - Dormidas dos residentes em Portugal

As regiões do Algarve e Centro, foram as que mais percentagem de dormidas receberam das deslocações turísticas efetuadas por residentes em Portugal, com uma igual taxa de 26,6%. Em contrapartida, as Regiões Autónomas foram as menos procuradas com apenas 2,3% nos Açores e 1,3% na Madeira (INE, 2011, p. 32).

Em suma, podemos observar a figura 10, que traduz os principais dados relativos às dormidas dos residentes em Portugal:



No estudo “Estatísticas do Turismo – 2010”, é ainda referido que: “A maior concentração de dormidas associadas a um motivo específico numa região aconteceu no Centro pelo motivo “Religião”, facto justificável pela localização do Santuário de Fátima (...)” (INE, 2011, p. 33).

Constata-se então, que a preferência pelo território nacional e, nomeadamente pela região Centro, predomina, quando o motivo da viagem dos residentes em Portugal são: “Visita a familiares ou amigos”; e “Profissionais ou de negócios”.

Em média, a “Visita a familiares ou amigos” para fora de Portugal, apresentaram deslocações de 15,4 dias, representando em Portugal, 2,6 dias de duração, semelhante ao valor registado pelas viagens “Profissionais ou de negócios” com uma média de 2,7 dias (INE, 2011, p. 31). Esta constatação sobre o tempo de permanência, constitui-se como mais um indicativo muito relevante, como se perceberá.

2.1.2.6 - Despesa média diária por turista, segundo os principais motivos, por destino

Conhecer este indicador, significa uma melhor adaptação e organização da oferta, num modelo mais coerente. Desse modo, apresentamos na figura 11, a despesa média por turista em Portugal e no estrangeiro, em 2010.

2010				Unidade: Euros
Destino	Total (pelo menos uma noite)	Lazer, Recreio e Férias (pelo menos uma noite)	Lazer, Recreio e Férias (quatro e mais noites)	
TOTAL	35,48	40,12		38,25
Portugal	26,94	29,12		26,25
Estrangeiro	68,06	90,67		86,53
Destino	Visita a Familiares e Amigos (pelo menos uma noite)	Visita a Familiares e Amigos (quatro e mais noites)	Negócios/Profissionais (pelo menos uma noite)	
TOTAL	23,80	39,91		55,96
Portugal	21,26	43,71		37,37
Estrangeiro	32,71	33,30		82,32

Fonte: INE – Inquérito às Deslocações dos Residentes 2010

Figura 11 – Despesa média diária por viagem, segundo o motivo, por destino

Fonte: INE, 2011, p. 69

A média da despesa diária de cada turista por agregado familiar, situou-se nos 35,48 euros no total de deslocações, sendo, que nas viagens para Portugal, esse valor representou 26,94 euros, e 68,06 euros nas deslocações para fora de Portugal.

Os valores médios das despesas nas deslocações ao estrangeiro, registaram valores médios na ordem dos 90,67 euros, com o principal motivo de “Lazer, Recreio e Férias”, contrastando com a média de 21,26 euros em Portugal, nas deslocações pelo mesmo motivo (*Idem, Ibidem*).

2.2 - Região Centro (NUTS II): panorama turístico global

Após interpretação de dados estatísticos relativamente à atividade turística, a nível nacional, observemos agora, o desempenho do sector do Turismo, na região Centro (NUTS II), que nos apoiará, nomeadamente, na definição da procura no Médio Tejo (sub-região), mais à frente neste trabalho.

2.2.1 - Dormidas e Hóspedes

Constata-se na figura 12, entre outras indicações, que 65% das dormidas na região Centro, foram realizadas por residentes em Portugal e, 35%, por residentes no estrangeiro (INE, 2011, p. 5).

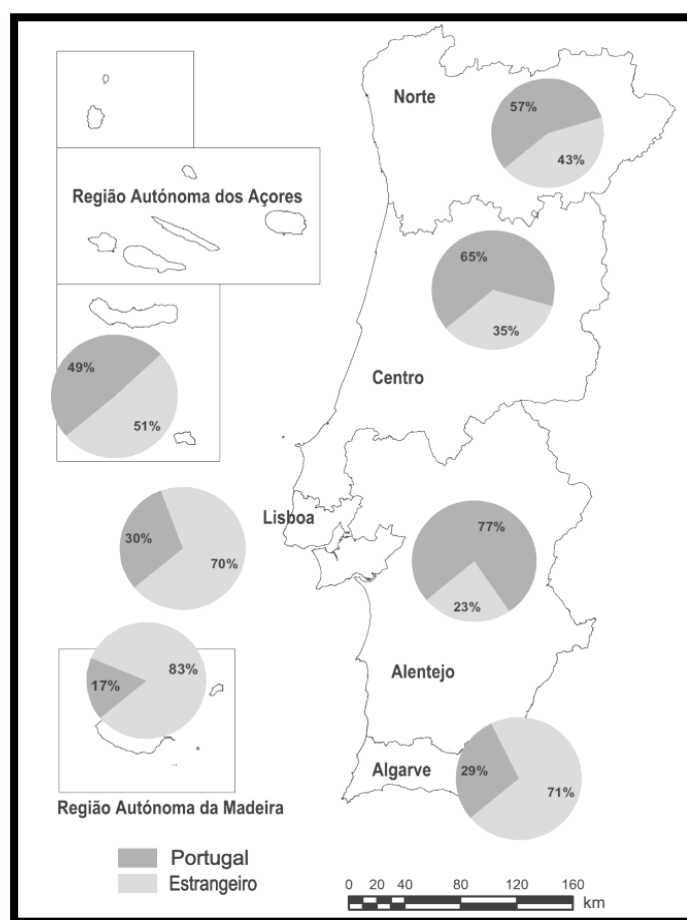


Figura 12 – Distribuição das dormidas por NUTS II, segundo a residência em Portugal e no Estrangeiro, 2010. Fonte: INE, 2011, p. 43

Verifica-se de igual modo, após observação do gráfico 7, que a região Centro apresenta uma evolução do número de hóspedes de 5,4% entre o ano de 2009 e 2010.

Podemos então argumentar que “O total anual dos hóspedes é o mais elevado dos últimos cinco anos, aproximando-se dos observados em 2008 (+0,6%) e 2007 (+1,2%). (...) Analisando a evolução destes indicadores nos últimos cinco anos verifica-se que os hóspedes cresceram, em média, 6,1% (...)” (INE, 2011, p. 40).

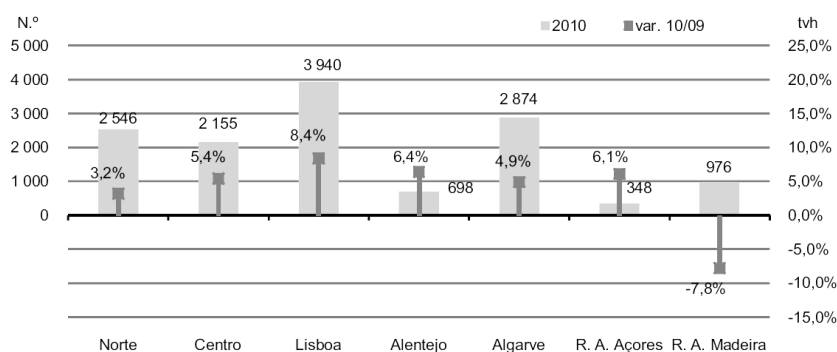


Gráfico 7 - Evolução dos hóspedes, por NUTS II

Fonte: INE, 2011, p. 40

De acordo com as “Estatísticas do Turismo”, a evolução positiva dos resultados apresentados em 2010, face aos anos anteriores, prende-se com o aumento da procura turística após um período de instabilidade económica (*Idem, Ibidem*).

Apesar de positiva, esta evolução não terá sido constante ao longo do ano, uma vez que o primeiro semestre apresenta um crescimento na ordem dos 2,8%, mas as dormidas decresceram em 1,3%, estagnado pelo forte aumento nos meses de época alta de mais 7,5% de hóspedes e 6,7% de dormidas (*Idem, Ibidem*).

Em relação ao número de dormidas, como se pode observar no gráfico 8, cresceu em todas as regiões à exceção da Madeira. No que à região Centro concerne, o número de dormidas em 2010 na região Centro, representa mais 3,7% que em 2009.

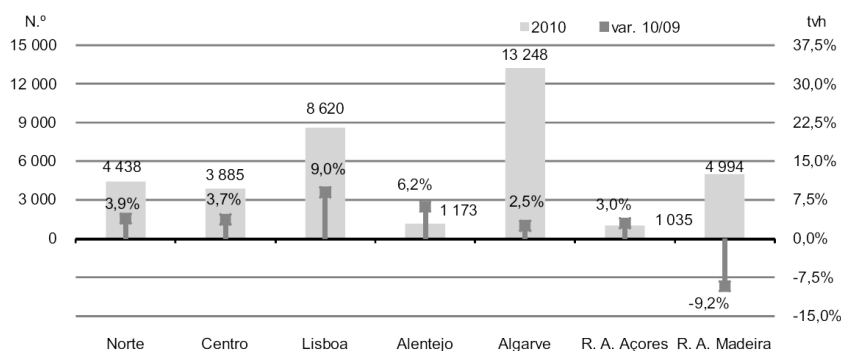


Gráfico 8 - Evolução das Dormidas, por NUTS II

Fonte: INE, 2011, p. 41

Observando o gráfico 8, verifica-se que houve, em 2010, uma evolução homóloga de dormidas em todas as regiões de Portugal continental, bem como na região autónoma dos Açores. As exceções, verificaram-se apenas na região da Madeira, com menos 9,2% das dormidas. As regiões que mais se destacaram favoravelmente, terão sido Lisboa com um aumento de 9% e o Alentejo com mais 6,2% de dormidas (*Idem, Ibidem*).

Podemos então concluir, que a região Centro obteve um desempenho muito satisfatório e, na conjuntura atual, pode-se considerar como muito importante o acolhimento de projetos inovadores que, possam reforçar esta tendência de visitas e alojamento.

2.2.2 - Quadro-Síntese: O posicionamento da região Centro em Portugal

Representamos na figura 13, o resumo da análise dos dados descritos anteriormente:

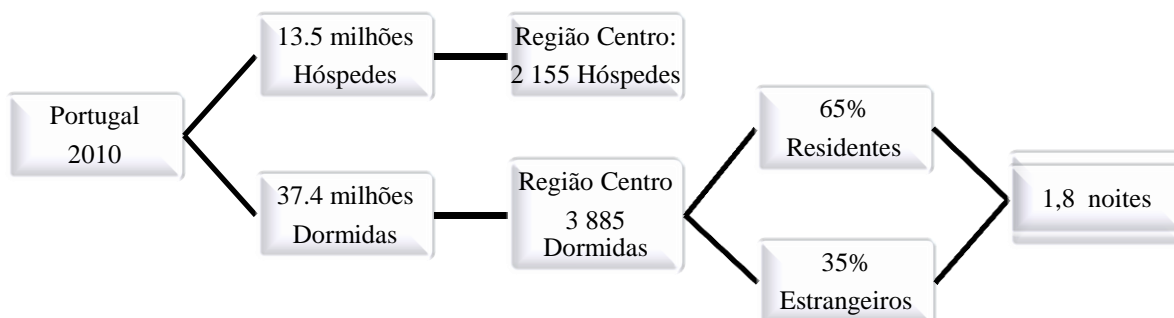


Figura 13 - Número hóspedes e dormidas e a sua caracterização

Fonte: INE, 2011. (Elaboração própria)

Comparativamente e, em função da globalidade dos dados apresentados, podemos considerar que a região Centro, face aos dados apresentados na figura 13, apresenta um desempenho muito relevante, a saber:

- 65% de dormidas por residentes;
- 35% de dormidas por estrangeiros.

Deste modo, além de poder cativar ainda mais nacionais, estará em condições de crescer em termos de captação de turistas estrangeiros, sendo que para isso, será determinante o desenvolvimento de uma estratégia turística no Médio Tejo, que, possa contribuir para o aumento efetivo da Procura só assim, será possível que estes números, continuem a aumentar.

Desde o ano letivo 2010 – 2011, existe um protocolo estabelecido entre o Instituto Politécnico de Tomar, e a CIMT, designadamente no âmbito da disciplina de Gestão Autárquica de Turismo e Cultura, do curso de Licenciatura de Gestão Turística e Cultural, onde se tem desenvolvido o projeto “Roteiro Turístico do Médio Tejo”. Este, por sua vez, está ancorado no projeto “Roteiro do Tejo”, sob protocolo acordado entre o Instituto Politécnico de Tomar, e a Administração Regional Hidráulica do Tejo”, neste caso, com o curso de Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural.

Capítulo III - Sistema Turístico da região do Médio Tejo

3.1- Apresentação do sistema turístico do Médio Tejo

Apesar das várias teorias e modelos existentes relativamente à composição e descrição de sistemas turísticos, todos eles convergem na conceção¹ de que os sectores de desenvolvimento, as estruturas de apoio e, os serviços, estão interligados, não só entre eles, mas como ao ambiente e à população local (Inskoop, 1991, p.27 *apud* Buhalis e Darcy, 2011, p. 2).

Desse modo, pretendemos através da figura 14, facilitar a compreensão do sistema turístico atual da região do Médio Tejo, balizando essas características na:

- a) Procura (visitantes / turistas);
- b) Oferta (estruturas de apoio / ambiente);
- c) Geografia (ambiente / população local);
- d) Operadores (sectores de desenvolvimento / serviços).

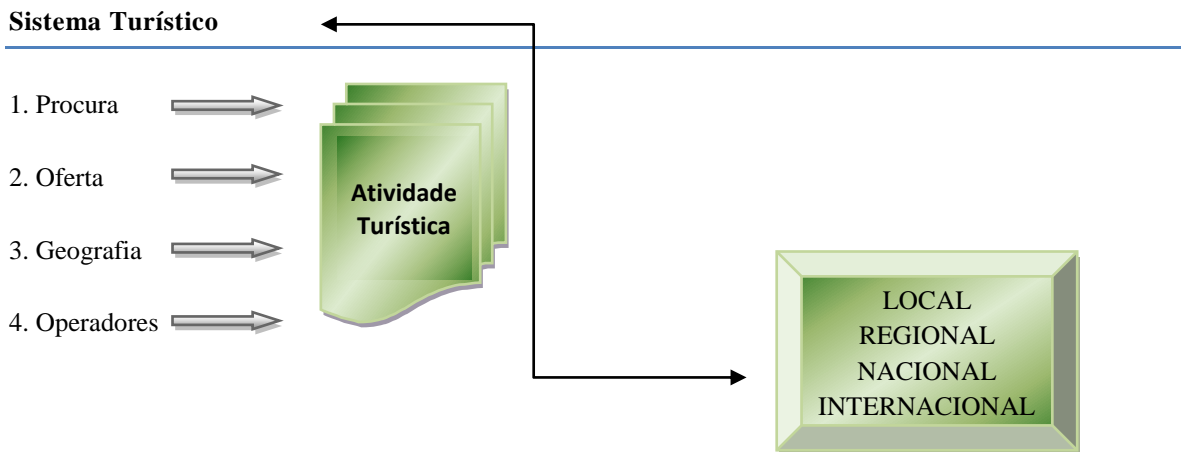


Figura 14 - Sistema Turístico – POGO. Fonte: Figueira, 2010a
(Elaboração própria)

¹ Conceção, no antigo acordo ortográfico

3.2 - Procura

Sabendo que a Procura é determinada pela tendência dos mercados, poder-se-á, do lado da Oferta, estruturar a promoção e, juntamente com os operadores e retalhistas, consagrar o destino e os seus principais produtos, como referências na atividade turística. No sistema global de qualquer destino, é a Procura que determina, em grande parte, a notoriedade do mesmo.

Podemos então concluir que, quanto melhor se percecionam a Procura, mais fácil e eficazmente se conseguirá estruturar, criar e vender um produto, ou um serviço. Este estudo da Procura, parte da análise de dados concretos e do conhecimento que se adquire através de observação do comportamento e, deverá ser sustentado por dados estatísticos. Perante esta evidência, importa neste trabalho, observar os números obtidos na região do Médio Tejo e, compará-los com a média nacional.

3.2.1 - A Procura na Região do Médio Tejo

Apresenta-se de seguida no gráfico 9, a capacidade hoteleira do Médio Tejo:

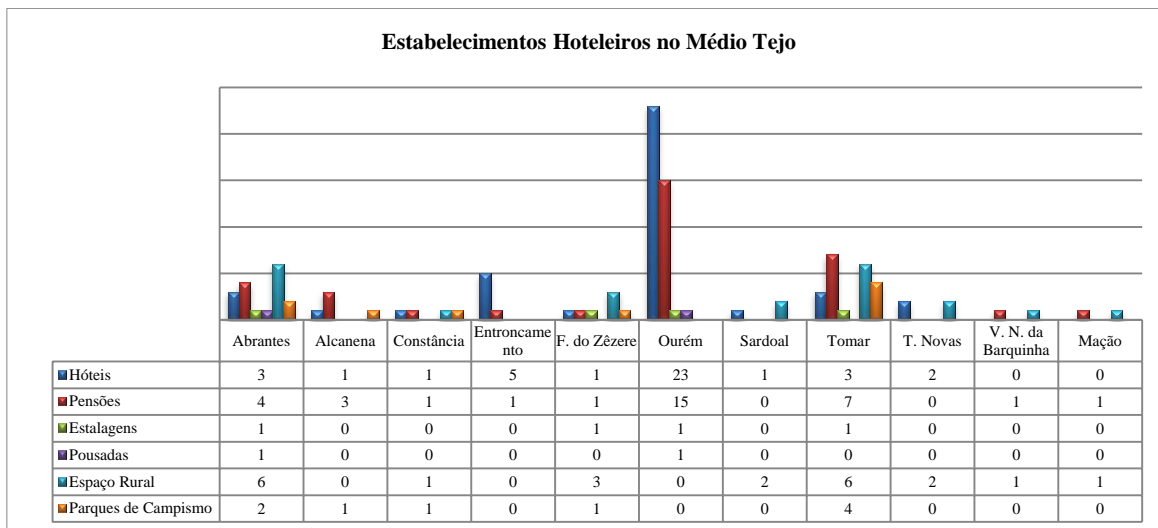


Gráfico 9 - Estabelecimentos Hoteleiros no Médio Tejo - 2010

Fonte: INE e Sites das Câmaras Municipais. (Elaboração própria)

Segundo os valores apresentados no gráfico 9, e fazendo uma análise global, assinalamos a posição de destaque, que o concelho de Ourém assume ao nível da oferta hoteleira, contrastando com o município de Mação, que apenas apresenta 2 estabelecimentos como oferta de alojamento.

No Anuário Estatístico da Região Centro (AERC), realizado em 2010 pelo INE, os dados indicam que:

a) **Média do número de noites:** a figura 15, representa a média do nº de noites em Portugal, na região Centro e no Médio Tejo. Neste último, território registou uma média de duas noites, que quase igualou a média global da região onde se insere, o Centro, o qual, apresenta uma média igual ao Baixo-Vouga, com 2,1 noites, que apenas terá sido ultrapassada pela região do Oeste e pelo Pinhal Litoral, com 2,6 noites e 2,9 noites, respetivamente.

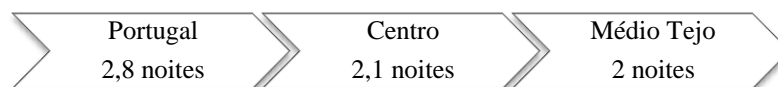


Figura 15 - Média do nº de noites em Portugal, na Região Centro e no Médio Tejo - 2010
Fonte: AERC, 2011, p. 402. (Elaboração própria)

b) **Capacidade hoteleira:** dos 13,9% de capacidade total que o Centro detém a nível nacional, o Médio Tejo, usufrui de uma capacidade de alojamento por habitante, de 31,6‰, como se observa na figura 16, sendo a região, que apresenta o resultado mais elevado da zona Centro. Para este resultado o maior contributo foi o município de Ourém, onde se encontra Fátima.

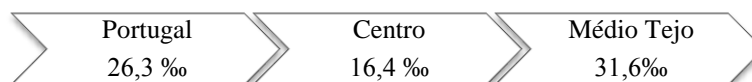


Figura 16 – Capacidade média de alojamento por 1000 Hab. - 2010
Fonte: AERC, 2011, p. 402. (Elaboração própria)

Como se constata pelo contributo do município de Ourém, o Turismo religioso, tem, aqui, um suporte hoteleiro de grande oportunidade e, naturalmente, para um maior crescimento.

c) **Hóspedes por habitante:** O Médio Tejo apresenta 1,7 hóspedes por cada habitante, superando a média da região Centro e de Portugal, com 0,9 Ho./hab e 1,3 Ho respetivamente, situando-se dessa maneira, em segundo lugar na região Centro, tendo a Cova da Beira registado 1,9 hóspedes por habitante.

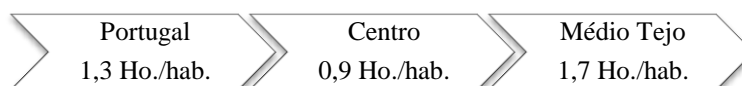


Figura 17 - Nº de Hóspedes por hab. - 2010. Fonte: AERC, 2011, p. 402. (Elaboração própria)

d) **Percentagem de hóspedes estrangeiros:** O AERC refere que, mais de metade dos hóspedes que permaneceram na região do Médio Tejo (figura 20), são estrangeiros (53,7%), proporção bastante superior à média da zona Centro (30,4%), bem como a nível nacional (50,5%).

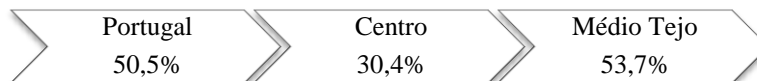


Figura 18 - Percentagem de hóspedes estrangeiros - 2010
 Fonte: AERC, 2011, p. 402. (Elaboração própria)

Mais uma vez e, apesar das evidências expeditas que nos possam levar a pensar na capacidade hoteleira do Médio Tejo, como insuficiente, estendemos que o valor de mais de 50% é, altamente vantajoso para iniciativas turísticas que, numa ótica de empreendedorismo, poderão agregar mais valor económico ao Médio Tejo, bem como na possibilidade da criação de novos negócios.

e) **Hóspedes e dormidas nos estabelecimentos, segundo o país de residência:** Os estabelecimentos hoteleiros no Médio Tejo, acolheram no seu conjunto 383.113 indivíduos, os quais efetivaram 667.401 dormidas, das quais, 257.599, foram realizadas por portugueses, representando cerca de 46% dos hóspedes. Vejamos as principais zonas emissoras na figura 19:

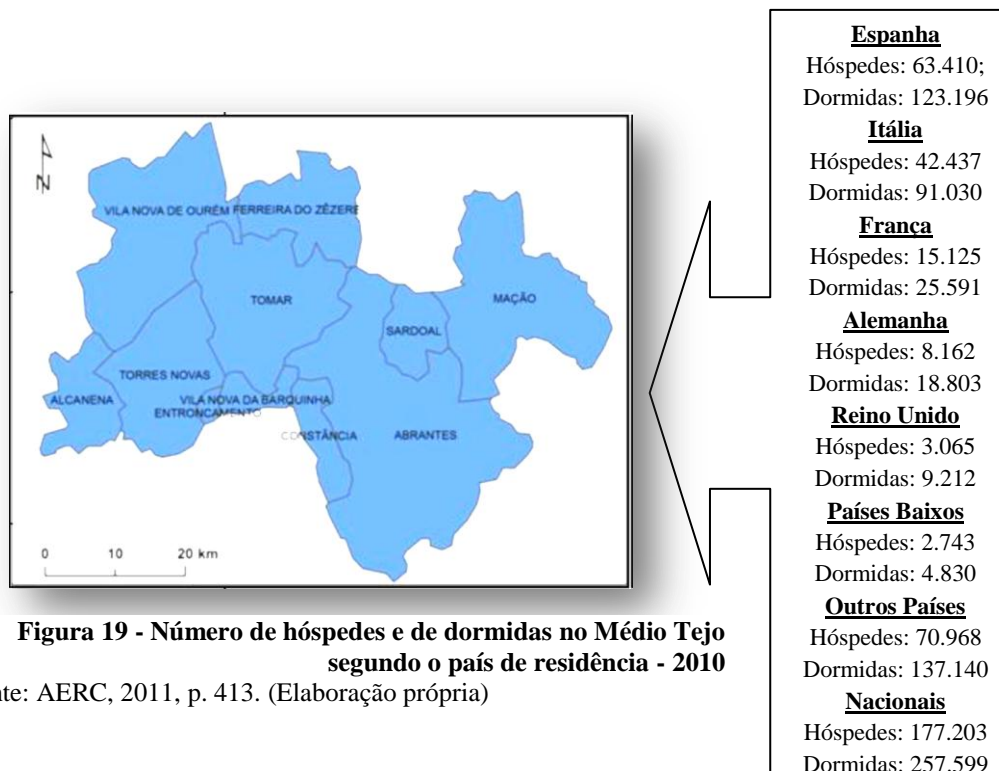


Figura 19 - Número de hóspedes e de dormidas no Médio Tejo segundo o país de residência - 2010

Fonte: AERC, 2011, p. 413. (Elaboração própria)

3.3 - Oferta: Recursos turísticos do Médio Tejo

Para que se compreenda que a estruturação da Oferta é um importante fator de motivação à experiência turística, apresentamos de seguida, nos tabelas numeradas de 1 a 9, um exaustivo levantamento de todos os recursos oferecidos por esta região, e que serão por sua vez, matéria de aproveitamento, nas atividades por nós a desenvolver.

Com base na informação cedida pela Entidade Regional de Turismo de Lisboa e Vale do Tejo (TLVT), pelo *site* do museu municipal de Ourém e, pela Câmara Municipal de Mação, apresentamos de seguida os recursos turísticos de cada município que compõem o sistema turístico do Médio Tejo.

Decidimos, posteriormente e, nesta lógica, eleger os “recursos âncora” do Turismo, como sendo aqueles que consideramos constituírem pólos mais fortes em termos de atratividade e retenção de indivíduos, de entre as próximas listas de recursos.

3.3.1- Espaços Públicos

Os espaços públicos têm uma relevância muito importante a nível social pois, permitem a interação entre turistas e residentes, proporcionando desse modo, além de lazer ou recreio, a observação da identidade cultural do território visitado. Nesse sentido, apresentamos de seguida, na tabela 1, os espaços públicos, presentes na região do Médio Tejo.

Tabela 1: Espaços públicos de relevância turística no Médio Tejo

Nome	Local	Designação
Aquapolis - Parque Urbano e Ribeirinho de Abrantes	Abrantes	<i>Área requalificada, situada nas duas margens do Tejo. Neste parque é possível realizar passeios a pé, de bicicleta, praticar canoagem, remo, vela, windsurf. No areal da praia do Aquapolis existem condições para a prática de voleibol, futebol e rãguebi. Possui um anfiteatro ao ar livre e um centro náutico.</i>
Jardim do Castelo		<i>Espaço bem cuidado que convida a um passeio, permite o acesso ao castelo através da: Porta da Traição. Este jardim constitui um magnífico miradouro sobre a cidade e arredores, tendo como fundo o rio Tejo.</i>
Outeiro de São Pedro		<i>Excelente miradouro nas imediações do castelo, terá sido o local do primeiro acento da igreja de S. Pedro. Segundo a lenda, terá sido aqui que D. Nuno Álvares Pereira pernoitou com as suas tropas antes de partir para a Batalha de Aljubarrota</i>
Parque Radical		<i>Localizado junto ao castelo, este espaço está equipado para a prática de desportos: bicicleta, patins e skate.</i>

Continua

Continuação

Parque Urbano de São Lourenço / de Abrantes	Abrantes	<i>De visita imprescindível, este parque dispõe de uma oferta variada de atividades de recreio e de lazer, tais como: percursos pedonais, ciclovia, parede de escalada, bicicletas, campo de paintball, lago artificial, parque infantil e de merendas, café/restaurante, parque de insufláveis, ludoteca e um espaço para a realização de festas de aniversários.</i>
Jardim - Horto de Camões	Constância	<i>Neste jardim, podemos encontrar 52 espécies botânicas referidas por Camões na sua lírica e nos "Os Lusíadas". São pontos de maior interesse: o painel de azulejos elucidativo; a estátua de Camões; o Jardim de Macau; um pequeno auditório com uma reprodução do Planetário de Ptolomeu; uma esfera armilar; um poço de traça árabe e, uma âncora do séc. XVII arrancada ao Tejo e classificada pelo Museu de Marinha.</i>
Parque Ambiental de Santa Margarida	Mação	<i>Neste parque, o visitante pode desfrutar da natureza. Contemplação e fruição, informação e formação ou convívio nos relvados e prados, lagos e riachos. Jardins de plantas aromáticas e medicinais, sobreiral, viveiro e um circuito ambiental dotado de equipamentos pedagógicos. Para os mais ativos e curiosos existem visitas guiadas, aulas de natureza, oficinas ambientais, cursos, jogos tradicionais e ambientais e percursos guiados no concelho de Constância.</i>
Parque de Merendas		<i>Localizado no Chão do Brejo, é um dos locais de eleição do Concelho de Mação para usufruir de tudo o que de belo e imenso existe no Concelho.</i>
Jardim da Várzea Pequena	Tomar	<i>É uma área ajardinada com tílias. Fica localizada à beira do rio Nabão, no lado norte da cidade, onde na época medieval existiam férteis várzeas.</i>
Mata dos Sete Montes	Tomar	<i>É o principal parque da cidade, com cerca de 39 hectares, desenvolvendo-se na planície ao cimo da Avenida Dr. Cândido Madureira e acompanhando de longe, as muralhas do castelo que se erguem a um nível superior. Começou como cerca do Convento de Cristo e em 1938 passou para a posse do Estado. Aqui coexistem jardins de buxo francês, de traçado geométrico, simples e regulares dispostos simétricos a um eixo, e uma mata com ciprestes, oliveiras centenárias, pinheiros mansos e carvalhos. Tem percurso de manutenção e parque de merendas.</i>
Parque Municipal do Mouchão		<i>É uma ilha no meio do rio Nabão, na zona norte da cidade, totalmente ajardinada e ocupada pelo Parque Municipal. À entrada, um dos ex-libris da cidade evoca ancestrais tradições de rega: a conhecida nora.</i>
Jardim da Avenida	Torres Novas	<i>Localizado na margem esquerda do rio Almonda, o Jardim da Avenida, com as suas árvores frondosas, esplanadas e baloiços é o local de eleição para relaxar e passear. Daqui obtém-se uma bela perspetiva do castelo.</i>
Barquinha Parque	Vila Nova da Barquinha	<i>Este parque muito bem concebido, é cada vez mais escolhido pela população local para passar os seus tempos livres: caminhar, andar de bicicleta e jogar à bola. Este parque, parte integrante do projeto Parque Almourol, recebeu o Prémio Nacional de Arquitetura Paisagista 2007, na categoria «Espaços Exteriores de Uso Público».</i>

Fonte: TLVT, 2011 e C.M .Mação, 2011. (Elaboração própria)

Podemos confirmar, através da observação da tabela 1, que existe uma diversidade de infraestruturas nos espaços públicos do Médio Tejo. Permitindo-nos dessa maneira, criar um serviço de visitação à medida dos requisitos do visitante, induzindo desse modo, um valor acrescentado neste território.

A importância destes espaços, nomeadamente, como um complemento ao acolhimento turístico, revela-se de extrema importância, na medida em que poderão proporcionar, além de momentos de Lazer, um contributo na aproximação entre o visitante, e o destino.

Desta maneira, será fundamental, então, uma otimização, gestão e promoção eficiente destes espaços, como contributo para uma experiência marcante, agradável e satisfatória.

3.3.2 - Equipamentos

Os equipamentos existentes no Médio Tejo, permitem a oferta de experiências essencialmente lúdicas, desportivas e culturais, como podemos observar na figura 2.

Estas infraestruturas são essenciais, pois vão ao encontro das principais necessidades, tanto da população residente, como dos indivíduos que visitam este região, proporcionando uma participação ativa na descoberta do território, da cultura e da identidade do local.

Tabela 2: Equipamentos de relevância turística no Médio Tejo

Nome	Local	Designação
Complexo Desportivo do Bonito	Entroncamento	<i>O Complexo Desportivo do Bonito, é um espaço que conjuga equipamentos desportivos ao ar livre com equipamentos em espaços fechados. Dispõe de três campos de futebol, três campos de ténis, uma piscina de grandes dimensões com cobertura amovível, um pavilhão desportivo com excelentes condições para a prática de modalidades em espaço coberto, e uma ciclovia. Permitindo a utilização da bicicleta, uma tradição dos ferroviários da região.</i>
Piscinas Entroncamento		<i>Piscina descoberta no Verão e coberta no Inverno.</i>
Centro Cultural Gil Vicente	Sardoal	<i>Este espaço possui um auditório multimédia com capacidade para 200 lugares sentados, e outras áreas de apoio, como camarins, sala de projeção, bar, etc. A elevada qualidade destas instalações permite a exibição de filmes, realização de espetáculos, teatro, música e outros similares, bem como a organização de congressos, simpósios e outros eventos semelhantes.</i>
Teatro Virgínia	Torres Novas	<i>Este teatro é um importante equipamento cultural da cidade. Da dança, à música, ao teatro e ao cinema alternativo, o Teatro Virgínia abrange ainda uma vertente educativa com uma forte aposta na formação de públicos. No ultimo andar do edifício, situa-se o Café Concerto. Capacidade 599 lugares. Som, luz e equipamento multimédia.</i>
Centro Cultural de Vila Nova da Barquinha	Vila Nova da Barquinha	<i>Local de exposições, conferências, música, teatro, dança e outras formas de expressão artística. Neste espaço funciona também a Biblioteca Municipal e o Espaço Internet. Certificação Internacional Herity.</i>

Fonte: TLVT, 2011. (Elaboração própria)

No âmbito do nosso projeto, estes recursos, como veremos no capítulo VI, apesar de não constituírem o enfoque principal da nossa proposta, servirão como complemento às atividades a desenvolver.

3.3.3- Natureza

Ao Turismo, exige-se cada vez mais, a participação e valorização da Natureza. Nesse sentido, apontamos os principais recursos oferecidos no Médio Tejo (Tabela 3), onde constatamos a existência de amenidades suficientes, para o desenvolvimento da atividade proposta, o *Touring*.

Tabela 3: Oferta de carácter natural no Médio Tejo

Nome	Local	Designação
Polje de Minde	Alcanena	<i>Conhecida como "Lagoa de Minde", é a mais importante formação do género do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros e única em Portugal. No Inverno, esta depressão transforma-se num imenso lago alimentado pelas galerias subterrâneas e pelos fortes períodos chuvosos, formando um sistema lagunar, quase único no mundo. Fenómeno raro, de grande interesse científico, constitui igualmente um fenómeno natural de invulgar beleza.</i>
Nascente do Rio Alviela		<i>Olhos d' Água do Alviela - Conjunto flúvio cársico da Ribeira dos Amiais. Esta é uma das nascentes mais importantes do nosso país, chegando a debitar 30 m3 por segundo. Desde 1880 até bem próximo da atualidade, a Nascente foi uma das principais fontes de abastecimento de água da cidade de Lisboa e, ainda hoje, "abre portas" a um dos maiores reservatórios de água doce do país.</i>
Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros	Alcanena, Rio Maior, Ourém e Torres Novas	<i>As serras de Aire e Candeeiros são o mais importante repositório das formações calcárias existente em Portugal. A natureza da vegetação, a rede de cursos de água subterrâneos e uma fauna específica foram motivo para a classificação como Parque Natural.</i>
Reserva Natural do Paúl do Boquilobo	Golegã	<i>Autêntico santuário ornitológico de reconhecida importância internacional (foram observadas cerca de 220 espécies de aves) e integrada na rede mundial de Reservas da Biosfera da UNESCO, a Reserva Natural do Paúl do Boquilobo localiza-se na bacia hidrográfica do rio Almonda e, alberga a mais importante colónia de garças do território português.</i>
Pego da Rainha	Mação	<i>A sua queda de água e a pequena lagoa que se forma leva a que seja um dos espaços mais agradáveis para passear e banhos nas tardes quentes do ano. Durante o ano de 2002 foram encontrados nas proximidades deste local, pinturas atribuídas ao período neolítico.</i>
Parque Eólico		<i>A implementação de Parques Eólicos tem sido uma realidade em Mação tendo ainda uma grande margem de crescimento, devido às excelentes condições geomorfológicas do Concelho que conta com algumas cadeias montanhosas a rondar os 600 metros de altitude</i>
Termas da Ladeira		<i>A estrutura geológica responsável por esta emergência, é uma crista quartzítica de orientação genérica N.W. – S.E.</i>
Albufeira de Castelo de Bode	Tomar, Ferreira do Zêzere	<i>Proporcionando paisagens deslumbrantes de floresta e serra, e com mais de 60 Km, é uma das maiores bacias hidrográficas do país. Localizada no limite norte do concelho, assume funções de: espaço de lazer, fornecimento de água e produção de energia elétrica.</i>

Fonte: TLVT, 2011 e C.M .Mação, 2011. (Elaboração própria)

3.3.4 - Património

Qualquer recurso que reflete as características intrínsecas da história/evolução da comunidade em que se insere, é detentor de uma singularidade única, e um valor cultural de grande relevância, conferindo a quem o visita, uma a compreensão perceptível do passado e a fruição do presente.

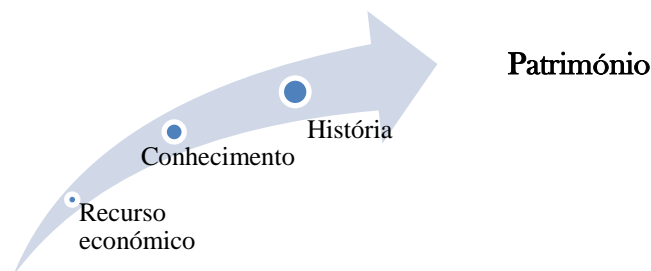


Figura 20 – Algumas características do património
Adaptado de: Figueira, 2010b. (Elaboração própria)

Desta forma, qualquer que seja o território, o património traduz-se de extrema importância, na valorização da atividade turística. Na tabela 4, apresentamos o património existente no Médio Tejo.

Tabela 4: Património presente no Médio Tejo

Nome	Local	Designação
Castelo / Fortaleza de Abrantes	Abrantes	<i>O castelo de Abrantes proporciona ao visitante, a possibilidade de desfrutar de uma vista magnífica sobre a cidade. A sua construção iniciou-se no século XII, tendo sido doado posteriormente por D. Afonso Henriques à Ordem de Santiago.</i>
Museu de Escultura em Ferro ao Ar Livre		<i>Integrado no Jardim de Sto. António, este museu constitui um interessante atrativo da cidade, e um excelente miradouro. Estão aqui expostos todos os trabalhos resultantes do I e II Simpósio de Escultura em Ferro.</i>
Museu Municipal D. Lopo de Almeida		<i>Instalado no interior da Igreja de St.ª Maria do Castelo, este museu tem uma exposição permanente de arte sacra com peças esculpidas em mármore ou calcário brando, entalhadas em madeira ou moldadas em terracota, que vão desde a época romana até ao século XVIII. No Museu pode ainda desfrutar do importante acervo histórico e artístico que a Igreja resguarda. Para além do mais rico e notável núcleo de azulejos sevilhanos de corda-seca que restam em Portugal, a igreja encerra uma tumulografia que, por si só, é património de indispensável visita. A perícia e a mestria dos lavrantes da pedra resultou em pleno na laboração dos túmulos que ali repousam, especialmente nas sepulturas de D. Diogo de Almeida, D. Lopo de Almeida e de D. João de Almeida.</i>

Continua

Continuação

Centro de Ciência Viva do Alviela	Alcanena	<i>Integrado na rede dos Centros de Ciência Viva, o Carsoscópio - Observatório do carso do PNSAC é um espaço interativo de divulgação científica e tecnológica que integra 3 infraestruturas distintas: Geódromo - uma plataforma de simulação da realidade virtual que viaja ao longo de 175 milhões de anos em busca das origens do Maciço Calcário Estremenho; o Climatógrafo - um filme a 3D sobre a influência do clima na nascente do rio Alviela e modulo interativo que permite provocar a precipitação para observar as variações no caudal do rio e o Quiroptário - módulos interativos que exploram as características dos morcegos cavernícolas.</i>
Museu Aguarela Roque Gameiro	Alcanena	<i>O museu apresenta o seu programa museológico, numa lógica de rotatividade das obras em exposição permanente, oferecendo ciclos expositivos temporários. Compreende um espaço dedicado à prática do desenho, assim como um centro de documentação.</i>
Centro de Ciência Viva - Parque de Astronomia	Constância	<i>Integrado na rede dos Centros de Ciência Viva, este Parque constitui um convite à participação em atividades baseadas na Astronomia, proporcionando variadas experiências e oportunidades de conhecer o Céu e a Ciência. Este espaço engloba um parque exterior com vários módulos interativos, entre os quais uma Esfera Celeste, um Globo, um Relógio Analemático, a representação do Sistema Solar e um Carrossel do Zodíaco. Possui um Observatório com uma cúpula móvel que abriga um telescópio catadióptrico de 10", tipo Schmidt Cassegrain, instalada no terraço do edifício principal, onde se realizam observações noturnas.</i>
Museu dos Rios e Artes Marítimas		<i>O museu, com espólio predominantemente relativo à etnografia fluvial, possui instrumentos de trabalho e miniaturas de embarcações tradicionais. Aqui podem observar-se objetos de uso quotidiano, fotografias, redes, etc., retratando um modo de vida que existiu quando Constância era um porto fluvial.</i>
Museu Nacional Ferroviário e Rotunda das Locomotivas	Entroncamento	<i>Museu central, apresenta uma exposição permanente ilustrando a história do caminho-de-ferro em Portugal e dispõe de um espaço para exposições temporárias. O museu é ainda constituído por vários núcleos espalhados pelo território nacional.</i>
Torre Pentagonal de Dornes	Ferreira do Zêzere	<i>A sua forma Pentagonal, constitui um raro exemplar da arquitetura militar da Reconquista. Mandada edificar por Gualdim Pais, mestre da Ordem do Templo, para defesa da linha do Tejo, terá sido construída sobre a base de uma antiga torre romana. No interior, é possível encontrar algumas inscrições funerárias templárias. No século XVI, perdida a função guerreira, foi transformada em torre sineira.</i>
Balneário Romano	Mação	<i>Situado numa esplanada em declive e rodeado por um imenso olival, este balneário situado na estação arqueológica romana no Vale do Junco, está distribuído por dois pisos distintos, aproveitando o declive do terreno, distingue-se o atrium ladeado pelo "apodytherium" e pelo "frigidarium"</i>
Cruzeiro em Amêndoa		<i>Construído em 1940, este altaneiro monumento foi construído aquando das comemorações do 8º centenário da Independência de Portugal, e nas celebrações do 3º centenário da Restauração da Independência em 1640.</i>

Continua

Continuação

Torre Sineira	Mação	<i>A Igreja de Amêndoa, bem como a sua Torre Sineira é uma das mais antigas da região. No “Catálogo de Todas as Igrejas de Portugal” no ano 1320 existiam já referências à Igreja de Amêndoa.</i>
Casa Brasonada		<i>De estilo romântico, esta casa burguesa de dois pisos com remate em platibanda, vãos em arco quebrado de gosto neogótico, desenvolve-se numa planta em “U” invertido aberto para um pátio quadrangular. A fachada é enquadrada por pilastras e rematada por cimalha moldurada a que se sobrepõe uma platibanda.</i>
Fonte do Outeirão		<i>De construção setecentista, é conhecida pela Fonte da Estrada Real.</i>
Fonte Românica	Mação	<i>A cerca de 1 Km de Cardigos, estende-se entre encostas suaves a planura que associa no nome a característica geográfica e o seu padrão de honra. Localizada no Chão do Pião existe uma belíssima fonte de mergulho, que é na verdade, uma grande mina chamada de “Pião”.</i>
Castro de S. Miguel		<i>Tinha uma posição estratégica central relativamente às bacias do Tejo, Zêzere e Ocreza, e era defendido pelas serranias cujas cristas o cercam. O Castro de S. Miguel foi classificado em 1950 pelo no decreto 37.801 do Diário do Governo de 2 de Maio como Monumento Nacional.</i>
Ponte Romana		<i>Enquadrada, numa paisagem rural, num planalto, com uma envolvente de vegetação onde predominam os fetos, oliveiras e eucaliptos, data do período entre os séculos 1 a. c. e 1 d. c..</i>
Anta da Foz do Rio Frio		<i>Esta anta foi escavada no Verão de 1982. Ergue-se no esporão existente entre a Foz do Rio Frio e o Rio Tejo no extremo Sudoeste do Concelho de Mação. As escavações permitiram o reconhecimento da planta original do monumento; anta com corredor, câmara poligonal formada por 11 esteios.</i>
Parque Jurássico		<i>Descoberta a 4 de Julho de 1994, no local de uma antiga pedreira, esta jazida paleontológica de 60 000m², situa-se no flanco oriental da Serra d' Aire, a cerca de 16 Km da cidade de Torres Novas. Com extensos trilhos de dinossauros contendo várias centenas de pegadas que ascendem a 175 milhões de anos, este monumento é considerado o mais extenso e um dos mais antigos registos de pegadas.</i>
Dólmen de Azurrague	Ourém	<i>Dólmen de corredor da pré-história, esta estrutura apresenta na câmara esteios, desalinhados, pedra de cabeceira e um corredor.</i>
Estação arqueológica de Casais de Abadia		<i>Ocupações do Neolítico, Calcolítico, Romano, Medieval e Moderno. Na escavação arqueológica de 1999 foram identificados muros e poço da época romana.</i>
Gruta do Casal do Papagaio		<i>Concheiro Mesolítico, onde se encontraram diversos materiais arqueológicos de grande interesse sobre o dia a dia dos seus habitantes: fragmentos osteológicos de dois humanos (crânio e alguns dentes); restos osteológicos, moluscos, crustáceos e conchas de caracóis terrestres; restos de talhe e de adornos.</i>
Lapa dos Furos		<i>Em 1982 foram realizados trabalhos arqueológicos, onde se identificaram vestígios do Paleolítico Médio, Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Romano e Idade Média (século XII). Os vestígios compõem-se de: contas de cor verde e outras discoidais; cerâmica de construção e manual carenada; pontas de seta em sílex, material de debitage levallois, machado e anzol de cobre, pregos em ferro e material osteológico</i>

Continua

Continua

Vila romana de Coinas	Ourém	<i>Numa vertente suave, a 180 metros de altitude situa-se uma Villa romana do Alto Império. Neste local foram identificadas algumas estruturas como alicerces e pedra aparelhada, e um mosaico romano que foi incorporado no Museu Nacional de Arqueologia.</i>
Cabeço de Maria Candal		<i>Depósito, da Idade do Bronze Final, com diversos materiais arqueológicos. Estes material estão no Museu Machado de Castro. Da época também foram referidos alicerces de uma fortaleza.</i>
Castelo de Ourém		<i>No topo do morro do castelo, no sítio de Ourém Velho, regista-se ocupação desde a Pré-História, como o comprovam as escavações arqueológicas em 2003, 2004, 2005 e 2008. Regista-se um Castro da Idade do Bronze (Final) / Idade do Ferro, uma Atalaia Romana e um Povoado Medieval, com prolongamento na época Moderna.</i>
Oficina de talhe da Chã da Cabeça		<i>Em 1986 foram encontrados três sítios que formavam uma Oficina de Talhe, com centenas de artefactos líticos pertencentes ao Neolítico Final / Calcolítico.</i>
Vila romana de Arrochela		<i>Estação ao ar livre, provavelmente de origem Neolítica e um Vicus do Alto Império Romano, comprovada por diversos materiais arqueológicos: Cerâmica de construção e doméstica, pesos de tear, material lítico em sílex.</i>
Achada do Pontão		<i>Ocupação da época Tardo Romano até Alto Medieval. Neste local encontrou-se cerâmica de cobertura, bastante fragmentada. Na localidade da Moçomodia, a população refere que no promontório próximo se encontram “pedras redondas com letras”, dos mouros.</i>
Calçadas romano-medievais		<i>As calçadas localizadas junto da Fonte dos Cavalos e na Mulher Morta, apresentam-se como medievais, mas poderão ter origem na época romana. Estas duas calçadas, são construídas com pedras em calcário e alguns seixos e apresentam pedras em cunha.</i>
Estação romana da Corredoura		<i>Foram identificados fragmentos de cerâmica de construção.</i>
Vila romana de Olival	Ourém	<i>No Olival, em 1972, foram descobertos vestígios de uma Villa Romana (Século I - IV), nomeadamente mosaicos, materiais de construção e cerâmica comum. Um mosaico é policromado, com oito cores, representa as quatro estações, está decorado com motivos geométricos, foliáceos e flores e, assenta sobre uma camada de Opus Signinum.</i>
Vila romana de Rouquel		<i>Vestígios de uma Villa Romana, do período do Alto Império, comprovados por diversos materiais arqueológicos: mosaicos, escória, cerâmica de construção, e doméstica.</i>
Torre da antiga Igreja e necrópole em Rio de Couros		<i>Templo referido em 1167, numa carta do Bispo de Leiria. Junto do Templo está um sarcófago, em mármore liso, tardo romano.</i>
Estação romana de Seixa		<i>Casal do Baixo-império Romano, comprovado por vários vestígios arqueológicos: moedas, material osteológico, escória e cerâmica de construção. Alguns autores referem que aqui passaria uma estrada romana e que foram encontradas talhas com ossos, cinzas e carvões.</i>
Paço dos Condes de Ourém		<i>Monumento erguido pelo 4.º Conde de Ourém, para nele instalar a sua residência oficial. Considerado modelo ímpar no País, este monumento nacional é uma excelente demonstração de poder militar, poder económico e de poder simbólico à época. Este conjunto é composto por uma torre central, com fins residenciais, e por dois torresões defensivos, situados mais a sul.</i>

Continua

Continuação

Cadeia	Ourém	<i>Data de construção anterior a 1755, supõe-se remontar ao séc. XVII. O edifício voltado a sul acolhe a Ucharia do Conde, que promove a cultura gastronómica e vitivinícola do concelho. O edifício a norte funciona como galeria de exposições de artesanato e de artes, também de produção local.</i>
Antiga Casa da Câmara		<i>Data de construção, supõe-se do séc. XV, funcionaram aqui os Paços do Concelho até 1841, data em que a sede de concelho foi transferida para Vila Nova de Ourém. Atualmente, no rés-do-chão, funciona a Galeria Municipal (com exposições de artes e artesanato) e no 1.º piso a sede da Junta de Freguesia de N.ª Sr.ª das Misericórdias.</i>
Ponte dos Namorados		<i>Data de construção indeterminada, com tabuleiro suportado por 2 arcos, a ponte foi reconstruída em 1734, colocando-se o cruzeiro, cuja tarjeta ensina que, tal como a ponte serve para ir de uma margem à outra, também a cruz assegura a passagem da Terra ao Céu.</i>
Fonte Gótica de Ourém (IIP)		<i>Data de construção do séc. XV e, erguida no Burgo medieval de Ourém, em 1434, de acordo com inscrição na mesma, era então senhor da Vila, D. Afonso, 4º Conde de Ourém, neto de D. Nuno Álvares Pereira. Este monumento, de planta quadrada e volume prismático com cobertura em terraço, está implantado a meio de um tabuleiro retangular. Tem características singulares, no género da arquitetura gótica portuguesa.</i>
Fonte dos Cavalos		<i>Data de construção do séc. XV, a bica está inserida num nicho rematado em arco quebrado aberto, sendo a arquivolta feita com blocos de pedra sobrepostos. Esta fonte é conhecida como fonte dos cavalos por ter sido concebida para os abastecer. Terá sido arquitetada a mando de D. Nuno Álvares Pereira segundo o dístico que nela existiu, e a sua construção fora conduzida pelo seu Ouvidor em Ourém, D. Fernão Lopes Rodrigues.</i>
Fontes do Poço João Loução		<i>Data de construção do séc. XIX, a fonte está inserida num nicho rematado em arco de volta perfeita, com uma tabela no topo da arquivolta, com a inscrição: “CM 1876”. Ainda no nicho, existe uma laje encaixada nas paredes laterais e frontão, que servia para fins lúdicos e como apoio para os recipientes.</i>
Fontes de Fontainhas		<i>Data de construção do séc. XIX – Alvenaria de pedra, composto por uma fonte e um bebedouro para animais. A água é conduzida da pia recetora para o bebedouro por uma conduta feita com telha de meia cana. Também, uma fonte e tanque de lavagem de roupa, com duas pedras bateadeiras. As fontes estão integradas num parque de merendas, tem na envolvente um dos mais notórios conjuntos de oliveiras centenárias de que há registo no Concelho.</i>
Fonte de Pisões		<i>Data de construção do séc. XIX, este equipamento construído em cantaria de pedra, é constituído por fonte de 1 bica e uma bacia recetora de pedra, circular. A bica, emoldurada por um frontão de pedra com um leão esculpido, tem a inscrição “D1884S”.</i>
Fonte Nova		<i>Data de construção do séc. XIX, este equipamento em alvenaria de pedra caiado de branco, é composto por uma fonte, um reservatório e um tanque, com função de lavagem de roupa. Inserida num nicho, rematado em arco de volta perfeita com uma tabela (de pedra) no topo com a inscrição “CM 1876”.</i>
Fonte do Ribeirinho		<i>Data de construção do séc. XIX, tem moldura em cantaria de pedra. O frontão apresenta uma planta retângula, com um pequeno nicho que acolhe a escultura de N.ª Sr.ª de Fátima. Tem duas tabelas com inscrições; uma no topo com: “CM 1897” e outra sob o nicho com: “M.P.F. 1963”. A cornija é ornamentada, com duas esferas e, ao centro, com um pináculo. A fonte foi deslocada do seu contexto original para a rotunda à entrada da cidade de Ourém.</i>

Continua

Continuação

Fonte Velha	Tomar	<i>Data de construção do séc. XIX, este equipamento é composto por fonte e bebedouro para animais. Apresenta duas fachadas funcionais. O tardo acolhe o bebedouro para os animais Na parte superior, ao centro, exibe uma tabela de pedra, com a inscrição “CM 1885” e o brasão real gravado.</i>
Fonte da Aldeia Pequena		<i>Data de construção do séc. XIX, a bica está posicionada lateralmente em relação à bacia recetora, e está inserida num nicho rematado em arco de volta perfeita, com uma lápide saliente no topo, ao centro, com a inscrição “CM 1880”. À esquerda está uma pia retangular de pedra, com funções de bebedouro de animais, sucedendo-lhe um lavadouro e um tanque de acumulação de água, em cantaria de pedra.</i>
Fonte de Olival		<i>Data de construção do séc. XIX, este é um equipamento construído em cantaria de pedra e terra. O frontão tem planta retangular, com cornija ornamentada com volutas e 3 esferas. O cume tem uma lanterna pendurada. A parede do frontão tem duas tabelas.</i>
Convento de Cristo e Castelo de Tomar		<i>O Convento de Cristo e o Castelo Templário de Tomar são reconhecidos pela UNESCO como Património da Humanidade, desde 1983. Em 1160 deu-se início à construção do castelo, tendo chegado aos nossos dias como um dos mais genuínos castelos medievais nacionais. São numerosos e significativos, os elementos românicos da fortaleza e o mais importante é, com certeza, a torre de menagem.</i>
Museu dos Fósforos Aquiles da Mota Lima		<i>Coleção que ultrapassa as 60 mil caixas de fósforos e respetivos rótulos de mais de 100 países, é a maior coleção filumenística da Europa, iniciada em 1953 pelo tomarense Aquiles de Mota Lima, que a doou à Câmara Municipal de Tomar em 1980.</i>
Museu Luso-Hebraico Abraão Zacuto (sinagoga)	Torres Novas	<i>Instalado na sinagoga e situada na antiga Judiaria de Tomar, este é o único Templo hebraico medieval de Portugal. Mandado erigir pelo Infante D. Henrique, como agradecimento pela ajuda prestada pela comunidade judaica durante o período dos Descobrimentos, o Templo é um espaço de planta quadrada, suportado por quatro colunas que representam as mães de Israel. Entre as colunas ligam-se 12 arcos simbolizando 12 tribos de Israel. No século XV, com a expulsão dos Judeus de Portugal, a sinagoga foi fechada e teve vários usos até que, em 1939 foi inaugurada como Museu Luso-Hebraico.</i>
Aqueduto do Convento de Cristo		<i>É a primeira grande obra de engenharia mandada construir por Filipe I, para abastecimento de água ao Convento de Cristo. Em 1593, o arquiteto italiano Filippo Terzi, iniciou trabalhos e Pedro Fernandes Torres, concluiu-os em 1613. O aqueduto, com 6 quilómetros de extensão, é formado por 180 arcos, muitas vezes sobrepostos.</i>
Ponte Velha ou de D. Manuel		<i>Ponte de origem romana que, depois das cheias de 1550, foi reparada pelo povo e em 1710 D. João V mandou construir as guardas. As últimas obras foram efetuadas no século XX.</i>
Roda do Mouchão		<i>Roda hidráulica, situada na bacia do rio, evoca tradições antigas de rega, para as culturas exploradas nas hortas da baixa do rio Nabão, quando a cidade era romana e se chamava Sellium.</i>
Ruínas Romanas de Villa Cardílio		<i>Esta estação arqueológica romana é o principal testemunho da presença romana no concelho. As escavações arqueológicas iniciadas em 1963, permitiram descobrir um conjunto de alicerces, bases de colunas e pavimentos ornamentados com diversos quadros de "tesselas" formando um edifício composto por três elementos principais: entrada, peristilo e exedra.</i>

Continua

Continuação

Castelo de Torres Novas	Torres Novas	<i>Fortaleza árabe do século XII, e conquistado em 1190 por D. Sancho I, constitui um símbolo da importância política de Torres Novas na época medieval. Circundado por uma muralha de onze torres e pela casa do alcaide (séc. XIV), o castelo possui no interior do recinto amuralhado, um aprazível e bem cuidado jardim. Sofreu várias reconstruções das quais sobressaem as de D. Sancho I, a de D. Fernando e a que foi efetuada por ocasião das comemorações dos centenários da Independência e da Restauração (1940). Ex-líbris da cidade foi classificado como Monumento Nacional em Junho de 1910. No exterior pode-se ver uma estátua de D. Sancho I da autoria de João Cutileiro.</i>
Museu Agrícola de Riachos		<i>Este museu reúne um espólio representativo do modo de vida tradicional das população de Riachos, e dos vários aspetos da ruralidade ribatejana, destacando-se o lagar, a eira, a casa tradicional, a maquinaria agrícola, o traje e as artes e ofícios.</i>
Museu Municipal Carlos Reis		<i>Encontra-se instalado na Casa Mogo de Melo, edifício classificado como imóvel de interesse concelhio. Para além de integrar um importante núcleo de pintura do mestre Carlos Reis, um dos expoentes do naturalismo português, o museu reúne património artístico e arqueológico de elevada riqueza, destacando-se os núcleos permanentes dedicados à pré-história, à arte sacra, à romanização no concelho de Torres Novas e à apresentação da história local.</i>
Castelo de Almourol	Vila Nova da Barquinha	<i>Fortaleza reconstruída por Gualdim Pais, em 1171, é o ex-líbris do concelho de Vila Nova da Barquinha. À época da Reconquista integrava a chamada Linha do Tejo, constituindo um dos exemplares mais representativos da arquitetura militar da época, evocando simultaneamente os primórdios do reino de Portugal e a Ordem dos Templários. Cercado pelas águas do rio Tejo, destaca-se num maciço granítico de uma ilhota do Tejo, entre Vila Nova da Barquinha e a freguesia da Praia do Ribatejo.</i>

Fonte: TLVT, 2011 e C.M .Mação, 2011. (Elaboração própria)

A enorme diversidade patrimonial exposta na tabela 4, confere não só um valor acrescentado à região do Médio Tejo na sua diferenciação enquanto destino turístico, mas também no âmbito da nossa proposta, nomeadamente em atividades de *Touring*, pois, em apenas alguns quilómetros de distância, concentram-se um grande número de recursos representativos da cultura e da geografia da desta região. Por vezes, é até mesmo possível no mesmo local, observar mais do que um tipo de expressão artística.

3.3.5 - Praias fluviais

Como aproveitamento dos recursos endógenos, e a sua transformação em atrativos turísticos, as praias fluviais são locais onde as experiências em Turismo, se podem explorar com grande vantagem para a economia local. Estes recursos estão expostos na tabela 5:

Tabela 5: Praias Fluviais do Médio Tejo

Nome	Local	Designação
Praia fluvial da Aldeia do Mato	Abrantes	<i>Encontra-se na margem esquerda do Rio Zêzere, em plena Albufeira de Castelo de Bode, perto da povoação de Aldeia do Mato. O acesso à praia é efetuado através de rampa. Tem piscina flutuante, equipamento para a prática de canoagem, vela e remo, bar/ cafetaria, instalações sanitárias e bungalows.</i>
Praia fluvial dos Olhos de Água	Alcanena	<i>Em pleno Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, esta praia fluvial, situada nas margens do rio Alviela, é uma zona de lazer muito aprazível e que apresenta águas cristalinas dada a proximidade da sua nascente. Este espaço, dispõe de um conjunto de infraestruturas como acesso a deficientes, instalações sanitárias e duche, parque de campismo, parque infantil e parque de merendas. Dispõe ainda de serviço de bar e de restaurante.</i>
Praia fluvial da Castanheiro ou Lago Azul	Ferreira do Zêzere	<i>Localiza-se na Albufeira da Barragem de Castelo do Bode. Tem bar, restaurante e cais para pequenas embarcações.</i>
Praia fluvial de Ortiga	Mação	<i>Com uma envolvente natural impressionante, a sua localização e o seu potencial fazem as delícias dos visitantes. Preparada para as mais diversas atividades aquáticas, tem à disposição dos que a visitam as famosas gaivotas, canoas e águas calmas.</i>
Agroal – Praia fluvial	Ourém	<i>Integra a maior nascente do Rio Nabão, muito apreciada pelas suas águas frias com fama de serem termais. Tem ao seu dispor uma praia fluvial com solário; uma área de lazer, um anfiteatro ao ar livre.</i>

Fonte: TLVT, 2011 e C.M .Mação, 2011. (Elaboração própria)

A beleza paisagística da região é já por si repleta de encantos e, após aliar a geografia do local, à sua mística e envolvência, encontramos uma forma exclusiva de proporcionar uma experiência única. Podemos concluir que a paisagem e os equipamentos disponíveis para as atividades da comunidade e, dos visitantes, são valores de grande interesse que importam explorar. Neste aspeto, o Turismo de experiências permite usufruir dos territórios e, levar os turistas a explorarem espaços normalmente não visitados, tendo todo este espaço natural e cultural, geográfico e humano, para descobrir.

3.3.6 - Tradição

A espessura da história dos “Lugares”, e dos Indivíduos, é outra linha que este projeto pretende explorar. A tabela 6, apresenta esse potencial.

Tabela 6: Património tradicional do Médio Tejo

Nome	Local	Designação
Centro histórico de Abrantes	Abrantes	<i>Espaço de lazer e animação, onde a arte e o convívio estão presentes, o centro histórico de Abrantes é um conjunto de ruelas estreitas e edifícios salpicados de recantos e flores. Praças e largos com elevado interesse histórico e artístico, albergam vários conjuntos de esculturas em bronze, existindo ainda diversos monumentos de interesse, jardins e miradouros.</i>
Pomonas Camonianas	Constância	<i>Estas festas cujo nome está associado à divindade que presidia à florescência das plantas e ao crescimento dos frutos, realizam-se por ocasião do Dia de Portugal e de Camões. Num ambiente que lembra o século em que Camões viveu, realiza-se em Constância uma exposição-venda dos frutos e das flores referidos pelo poeta na sua obra, entre outras iniciativas de carácter cultural e de lazer.</i>
Aldeia de Dornes	Ferreira do Zêzere	<i>É um dos mais belos quadros da riquíssima paisagem portuguesa, a 13 km da vila-mãe, cujo património histórico, o ambiente preservado e a torre envolta pelo casario branco fazem de Dornes o ex-libris do paraíso turístico que é a albufeira de Castelo de Bode.</i>
Pelourinho	Mação	<i>Este monumento erigido provavelmente ainda em 1518 ou quando muito em 1519, estava situado de frente do município, na Praça de Cardigos, no seu extremo de calçada à portuguesa, circundada por casas de dois pisos.</i>
Cerro do Outeiro		<i>O Cerro do Outeiro é um aglomerado populacional do século XVI que se desenvolveu na encosta de um monte. Aqui, predominam as construções em pedra de xisto compactado argiloso. Estas habitações são geralmente compostas por dois pisos, com cobertura de duas águas, em telha de canudo.</i>
Barcos Picaretos		<i>Os picaretos são barcos usados pelos pescadores da freguesia da Ortiga para a pesca no Rio Tejo. São barcos negros, compridos e chatos, com uma forma oblonga truncada pela ré e de proa bastante levantada e pontiaguda. Na freguesia existe apenas um calafate: o Senhor Manuel Fontes.</i>
Centro Histórico de Ourém	Ourém	<i>O burgo amuralhado de Ourém, outrora conhecido por Abdegas, inscreve-se numa zona central e estratégica do país, cuja posição topográfica se revelou favorável a uma orientação defensiva-militar. Ocupado desde a Pré-História, destaca-se-lhe o séc. 15 como tempo de maior esplendor, graças à ação cosmopolita de D. Afonso, o 4.º Conde de Ourém. O terramoto de 1755 abalou fortemente o povoado, mas, subsistem vestígios de períodos anteriores, cuja riqueza tipológica confirma a importância desta vila na época medieval.</i>

Continua

Nome	Local	Designação
Aldeia de Aljustrel	Ourém	<i>A aldeia de Aljustrel é uma das aldeias mais conhecidas em Portugal por congregar as habitações dos três videntes das aparições de Fátima. Várias habitações populares de um e dois pisos, a par de edifícios recentes, alinham-se dos 2 lados da via. A norte da povoação inscrevem-se os Valinhos, com o Calvário Húngaro (Templo inaugurado em 1956) e a Via-sacra, assinalando os Passos da Paixão de Cristo.</i>
Casas onde nasceram os videntes de Fátima		<i>Data de construção do séc. XIX, as casas de piso térreo são cobertas por telhado de 2 águas, com paredes de alvenaria caiada de branco, portas e janelas em molduras simples de cantaria. O interior de cada casa é composto por várias divisões que abrem para a sala central: quartos, cozinha, arrecadação, com teto em madeira de um plano e cobertura em telha vã (arrecadação).</i>
Pelourinho de Ourém		<i>Supõe-se que a data de construção remonte aos finais do séc. XV e é único no município de Ourém. Este pelourinho, é uma marca representativa dos foros municipais da vila. É um pelourinho de pinha, com fuste marcado a meia altura por três molduras. Tem nele inscrito o escudo das armas oficiais da vila de Ourém, esculpido com a data de 1620.</i>
Pelourinho do Sardoal	Sardoal	<i>Este pelourinho de picota é um belo exemplar de estilo manuelino. Trata-se de uma reprodução fiel do original que deveria datar do séc. XVI, foi realizada em 1934 aquando das comemorações da elevação do Sardoal a vila.</i>
Centro histórico de Sardoal		<i>No centro do Sardoal, a primavera é um verdadeiro espetáculo de beleza e cor, quando os muros e varandas se enchem de cor, legitimando o título de Vila Jardim. As ruas e os largos empedrados cheios de encanto, recheiam as suas simples casas tradicionais.</i>
Praça de Touros de Vila Nova da Barquinha	Vila Nova da Barquinha	<i>É a segunda praça de touros mais antiga de Portugal. Foi construída no século XIX, em 1853 e, embora tendo sido restaurada em 1992, manteve a traça original. Esta praça tem lotação para 3.580 espectadores.</i>

Fonte: TLVT, 2011 e C.M .Mação, 2011. (Elaboração própria)

A Tradição é marca intrínseca da Identidade e, por sua vez, da Cultura de um território.

Ao nível da região do Médio Tejo, e observando a tabela 6, verificamos que a “memória” desta região se encontra suficientemente consolidada, para se constituir como um pólo de desenvolvimento turístico-cultural, na medida em que preserva as características fundamentais que levaram à construção da sua identidade, promovendo desse modo, uma experiência turística genuína.

3.3.7 - Turismo Religioso

Organizámos na tabela 7, os elementos passíveis de agrupar no domínio do Turismo religioso. A existência de património edificado e manifestações religiosas no Médio Tejo, é, de facto, muito importante no ponto de vista do Turismo de experiências. Face aos dados que apresentámos anteriormente neste trabalho (ponto 2.1.2.5), importará invocar o crescimento de Fátima, para se entender a importância destes recursos para o *Touring*.

Tabela 7: Património Religioso do Médio Tejo.

Nome	Local	Designação
Igreja de São João Baptista	Abrantes	<i>A sua fachada principal é maneirista, faltando-lhe uma torre. O interior é constituído por três naves, com arcos de volta perfeita, sendo o teto revestido a painéis de madeira. A capela-mor, de teto em caixotões de pedra, é revestida de azulejos seiscentistas em azul e branco. É ainda de realçar o órgão de marcenaria setecentista talhado em madeira de castanho.</i>
Igreja de São Vicente		<i>No curto reinado de D. Sebastião (século XVI), foi reconstruída, adquirindo elementos maneiristas e o seu aspecto atual. A igreja possui planta longitudinal composta por nave retangular, com dois corpos laterais, capela-mor, capelas laterais e sacristias anexas. A fachada principal está ladeada por dois torreões, sendo o da direita rematado por torre sineira com coruchéu azulejado.</i>
Igreja Matriz do Espírito Santo	Alcanena	<i>Igreja datada de 1708, é de estilo barroco, revelando grande equilíbrio e excelentes proporções. No portal vêm-s as imagens de S. João Evangelista e de N^a Sra. da Conceição, esculturas em pedra de tamanho quase natural. No interior, encontra-se uma imagem do Espírito Santo, escultura em pedra do século XVII. Esta igreja é considerada uma das mais belas da região.</i>
Igreja Matriz - Nossa Senhora dos Mártires	Constância	<i>Encontra-se na parte mais alta da vila e foi construída em 1577, totalmente reconstruída no séc. XVIII. Podemos destacar a alegoria de Malhoa que, decora o teto, e a imagem de N. S^a da Boa Viagem - protetora dos marítimos.</i>
Igreja da Misericórdia		<i>Igreja do século XVII, possui para além das telas e imagens, azulejos seiscentistas. O altar-mor e o retábulo são em talha. Entre os anos de 1811 e 1822 serviu como igreja matriz da vila de Constância.</i>
Igreja de Nossa Senhora da Graça – Águas Belas	Ferreira do Zêzere	<i>De construção recente, do seu espólio ressaltam a custódia de prata dourada, cinzelada, do séc. XVIII, o retábulo da antiga igreja com talha seiscentista e as esculturas em pedra de S. Judas, St^o António e S. Bartolomeu.</i>
Igreja de Nossa Senhora do Pranto		<i>Esta igreja apesar de ser do séc. XII, na sua aparência exterior é mais evidente a feição quatrocentista dada por D. Gonçalo de Sousa. Tem no magnífico revestimento de azulejos medievais é cenário ideal para contemplar o conjunto de interessante estatuária em pedra do séc. XVI. E ainda a imagem de Nossa Senhora do Pranto, no altar-mor, a imagem de Santa Catarina, o óleo figurando "O Descanso na Fuga para o Egipto" de 1544 e o órgão de tubos com varandim do séc. XVI.</i>
Igreja de Santa Maria - Areias		<i>Construída no século XV, e reconstruída em 1548, este Templo de 3 naves com arcos redondos sobre colunas jónicas foi sendo remodelado ao longo dos tempos, apresentando influências renascentistas, maneiristas e barrocas sobre uma base estrutural gótica. A capela-mor, tem as paredes totalmente revestidas a azulejos do século XVII.</i>

Continua

Nome	Local	Designação
Igreja Matriz – Aboboreira	Mação	<i>De destaque no seu interior as imagens de S. Silvestre em pedra de Ança e a de Nossa Senhora da Conceição.</i>
Igreja Matriz – Amêndoa		<i>Existem notícias de neste lugar existir já no século XIII uma construção religiosa. Este primitivo Templo terá sido reconstruído entre os séculos XVI e XVII. De planta em cruz latina, longitudinalmente distribuída e dividida em 3 naves e com a capela – mor semi-circular, era rematada por uma fachada de empena triangular, repete uma tipologia comum nas igrejas da zona de Mação.</i>
Igreja Matriz – Cardigos		<i>Mandada construir por D. João III em 1525 a pedido dos moradores de Cardigos, foi edificada numa extremidade da Vila, encontrando-se hoje no meio da Vila. É constituída por três naves e, o teto da capela mor parece conservar ainda a primitiva pintura.</i>
Igreja Matriz – Envendos		<i>Edifício do séc. XVII com 3 naves, onde se destacam vários elementos arquitetónicos como colunas oitavadas, púlpito de cálice de forma pouco comum, um prato de oferta de cobre lavrado e o portal de arco perfeito com um fecho onde existe uma cruz de malta esculpida.</i>
Igreja Matriz de Mação		<i>Edifício concluído em 1597, como está gravado no tímpano do portal. A torre sineira coroada por merlões e chanfrados é ainda uma estrutura sobrevivente da primeira construção. Em meados do século XVII as paredes são cobertas de azulejos com características de painéis atapetados com padrões repetitivos.</i>
Capela de Nossa Senhora da Visitação do Carvoeiro		<i>Pensa-se que terá sido construída no Séc. XVI (último quartel). Arquitetura religiosa, popular. Capela da Misericórdia, de características populares; nave e capela-mor abobadada, mais elevada. A capela tinha inicialmente "uma casa separada para acomodar os pobres, a qual chamam "hospital".</i>
Capela do Calvário		Não indica.
Capela do Espírito Santo		<i>A atual ermida foi erigida em finais do séc. XVII e em inícios do séc. XVIII, no local de um Templo anterior que chegou a funcionar como Matriz da povoação.</i>
Igreja Misericórdia		<i>A Igreja da Misericórdia data de 1550. É um imóvel de grande valor. No interior, está o bellissimo altar em talha dourada. Já no exterior do nicho envidraçado existente na frontaria, mostra-se atualmente a imagem de Santa Maria de Mação, escultura em pedra de Ança do século XV.</i>
Santuário de Fátima	Ourém	<i>Data de construção do séc. XX, é palco das aparições de N.ª Sr.ª a 3 pequenos pastores, a Cova da Iria tornou-se o local de culto, que acolhe anualmente milhões de peregrinos e turistas do mundo inteiro.</i>
Igreja da Santíssima Trindade		<i>Erigida em 2007, e obra do Arquiteto greco-ortodoxo Alexandros Tombazis, a nova igreja tem forma circular, com 125 metros de diâmetro, combina a luz e a tecnologia, procurando respeitar a atmosfera de Fátima.</i>
Igreja paroquial de Fátima		<i>Data de construção de 1918, este Templo dedicado a Santo António foi construído sobre os alicerces de outro mais antigo. Conserva um silhar de azulejos seiscentistas, duas esculturas em pedra do séc. XVI e, à entrada, do lado direito, figura a pia batismal onde foram batizados os videntes das aparições.</i>
Santuário de Nossa Senhora da Ortiga		<i>Construção do séc. XVI., tem uma fachada principal com galilé; remate em empena com pequena sineira no cunhal direito. A capela-mor tem retábulo em pedra. Em 1801, a ermida foi convertida em Santuário Mariano por bula do Papa Pio VII. A romaria ao Santuário de Nossa Senhora da Ortiga é feita anualmente, no primeiro domingo de Julho.</i>

Continua

Nome	Local	Designação
Igreja antiga de Olival	Ourém	<i>Data de construção do séc. XIV, o Templo tem como orago Nossa Senhora da Purificação. Crê-se que tenha sido fundado entre 1210 e 1211, com o assentimento de D. Sancho I e de D. Soeiro II. A estrutura atual data do séc. XIV e foi intervencionada nos séculos XVII, XVIII, XIX e XXI. A capela-mor exibe um retábulo em talha dourada. O seu acervo congrega ainda azulejos barrocos e uma rica imaginária.</i>
Igreja Paroquial de Seixa		<i>Data de construção do séc. XIII a ermida de St.ª Maria de Seixa associase, talvez no imaginário coletivo, à presença do Condestável Nuno Álvares Pereira em 1385, apelando à vitória da batalha de Aljubarrota, sendo que regressaria ao local em gesto de agradecimento pelos resultados alcançados.</i>
Capela de Nossa Senhora da Ajuda		<i>Data de construção do séc. XVII, a fachada principal é aberta por portal simples. No interior, o altar-mor é em pedra, tendo ao centro a imagem de Nossa Senhora da Ajuda.</i>
Capela dos Toucinhos		<i>Data de construção do séc. XVII e com uma planta retangular simples, composta por nave e sacristia. O interior tem nave única, com púlpito em pedra.</i>
Ruínas da Capela de São Sebastião		<i>Data de construção indeterminada é um exemplar da arquitetura maneirista. O interior é de nave única com cobertura em abóbada assente em cornija saliente. Algures ali bivacaram El-Rei D. João I e o Condestável D. Nuno com as suas tropas em 11 de Agosto de 1385, quando seguiam para a batalha de Aljubarrota.</i>
Capela de Santo António		<i>Data de construção indeterminada é um Templo de nave única com teto de 3 planos e um pavimento em tijoleira. O arco triunfal pleno tem pilastras e arco marcados por molduras e impostas salientes; a capela-mor tem teto em falsa abóbada pintada em azul numa manifestação do firmamento celeste; ao centro da abóbada inserido em moldura circular um busto de Santo António.</i>
Capela do Ninho de Águia		<i>Data de construção do séc. XVII, "...feita e dotada por pessoa particular, que teve licença para n'ella se dizer missa no ano de 1637", Couseiro ou memórias do Bispado de Leiria: 1868. O Templo começou a ser construído por João Afonso de Matos.</i>
Capela de São Paulo		<i>Data de construção do séc. XVII é um Templo simples, com fachada principal de um pano, aberta por portal em arco pleno ladeado por duas pilastras. O interior é de nave única e altar-mor com retábulo em calcário. "Abaixo da greja parochial está uma ermida, da invocação de S. Paulo" - Couseiro ou memórias do Bispado de Leiria: 1868.</i>
Capela de Casal Farto		<i>Data de construção do séc. XIX, XX é um Templo delimitado por adro empedrado na fachada principal e por área de jardim nas restantes. A fachada principal é rasgada por portal decorado. No interior, a capela-mor tem cobertura em falsa abóbada de madeira e retábulo em talha.</i>
Capela da Perucha		<i>Data de construção dos Séc. XVIII e XIX, este Templo está integrado na rota dos "Caminhos do Norte". Presume-se que tenha sido erguido entre 1760 e 1810. Apresenta uma planta de nave longitudinal e capela-mor retangular. A fachada principal é caracterizada por um frontão triangular recortado, que se estende por todo o alçado, de onde sobressai uma custódia esculpida na pedra.</i>
Capela de Nossa Senhora da Conceição	<i>Construção do Séc. XVI, esta capela de arquitetura maneirista foi fundada em 1578 com o apoio do cardeal D. Henrique. O alpendre prolonga a memória da albergaria ali instituída por Martim Anes Bocifal no séc. XIV. A capela-mor é de teto abobadado de caixotões, enriquecidos com frescos; as paredes possuem azulejos seiscentistas.</i>	

Continua

Nome	Local	Designação
Capela de Santo Amaro	Ourém	<i>Data de construção dos Séc. XVII, esta Igreja seiscentista, com grandes intervenções atuais diz-nos que "o cabido da collegiada fez a capella e reformou a ermida, e pediu licença ao bispo D. Diniz, no ano de 1636, para n'ella se dizer missa, e que lh'a deu, com a clausula de ficar obrigados á fabrica d'ella".</i>
Capela de N.^a Sr.^a do Amparo		<i>Data de construção dos Séc. XVII, integra um painel de azulejo na capela-mor, barroco, datado do séc. XVIII. É representativo de cenas bíblicas (t.c. Anunciação do Anjo, Nascimento de São João Baptista, Desposórios de São José).</i>
Capela de N.^a Sr.^a do Testinho		<i>Data de construção dos Séc. XVII, no lugar de Estreito, o Conde de Castelo de Melhor, foi salvo de uma perseguição. Num gesto de agradecimento mandava erigir ali, em 1687, uma ermida em honra de Nossa Senhora do Testinho.</i>
Antiga Colegiada / Igreja matriz de Ourém		<i>Data de construção dos Séc. XVIII a sua construção teve início em 1453, no local onde antes estava a Igreja de St.^a Maria de Ourém. Esta foi uma das maiores e mais antigas Colegiadas fundadas pela ação eclesiástica da Casa Ducal de Bragança. Por ordem de D. José I. o edifício atual foi reconstruído em 1766, mas já sob um estilo pombalino.</i>
Cripta e Túmulo do 4.^o Conde de Ourém		<i>Data de construção dos Séc. XV, a Cripta ou Capela do Marquês foi fundada no séc. XV. É exemplar único dentro da arquitetura gótica. Aloja o túmulo do 4.^o Conde de Ourém, que morrendo em 1460, foi trasladado em 1487 para esta arca tumular. O túmulo, em pedra branca, é ornado com brasões e mais motivos em relevo, destacando-se a estátua jacente. O rosto do Conde é considerado um dos mais bem esculpidos em Portugal antes do Renascimento.</i>
Capela de N.^a Sr.^a da Conceição		<i>Data de construção dos Séc. XVII, este imóvel da arquitetura neoclássica foi fundado pelo Cônego António Henriques em 1642, sendo então designada por: Ermida do Espírito Santo. A fachada principal é forrada com azulejos do séc. XVII.</i>
Capela do Espírito Santo	Sardoal	<i>Construída no século XVI, esta capela de grande simplicidade arquitetónica tem, no seu altar, os principais motivos de interesse: um retábulo de talha dourada com um painel de Pentecostes no centro e uma imagem quinhentista da Santíssima Trindade, em pedra.</i>
Igreja do Convento de Santa Maria da Caridade		<i>Este convento, edificado pelo Franciscanos da Província de Soledad em 1571 sofreu obras de ampliação em 1676. Na igreja, destaca-se o altarmor em talha dourada do século XVIII e a sacristia. Nos claustros, é digno de nota o relógio de sol. Merece também referência, a Capela da Nossa Senhora do Remédios datada do século XVIII.</i>
Igreja Matriz do Sardoal		<i>Fundado no século XIV, ao longo dos anos este Templo é submetido a sucessivos restauros que se refletem na sua riqueza e profusão de estilos. Do período gótico, encontramos a rosácea flamejante e os portais. Na capela-mor, destaca-se o imponente retábulo de talha dourada, exemplar do barroco joanino. Na capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, o primitivo retábulo da igreja - as tábuas do Mestre do Sardoal, são pinturas a óleo sobre madeira de carvalho, dos chamados Primitivos Portugueses que, datam das primeiras décadas do século XVI e constituem o mais importante património da Vila do Sardoal.</i>
Igreja da Misericórdia		<i>As origens desta igreja remontam a 1370, quando a rainha D. Leonor mandou erguer uma pequena ermida neste local. A pequena capela foi entretanto ampliada, tendo sido substituída pela atual igreja em 1551. Na fachada principal, é de notar o pórtico renascentista em pedra de Ançã, onde se pode observar o painel da Misericórdia.</i>
		Continua

Nome	Local	Designação
Convento ou Igreja e Capela de Santa Iria	Tomar	<i>Esta igreja dedicada à padroeira de Tomar, contém um magnífico calvário em pedra e uma decoração alusiva aos símbolos do Espírito Santo nos painéis da capela-mor. No interior sobressaem os azulejos, em ponta de diamante, do séc. XVII</i>
Igreja de Nossa Senhora da Graça		<i>A Misericórdia de Tomar, foi fundada pelo Rei D. Manuel I, em 1510. A Igreja de Nossa Senhora da Graça, ou de Nossa Senhora da Cadeia é vulgarmente conhecida por Misericórdia. É uma construção maneirista edificada na segunda metade do século XVI. A imagem da padroeira preenche o nicho que remata o elegante pórtico quinhentista.</i>
Igreja de Santa Maria do Olival		<i>Igreja e panteão de Mestres Templários, da primitiva construção, resta a fachada gótica assinalada pelo "Signum Salomonis", marca dos cavaleiros templários, contraposta na enorme rosácea na fachada. Nesta igreja é possível observar a transição entre os estilos românico e gótico. De realçar a lápide fúnebre do sepulcro de Gualdim Pais, o Panteão onde foram sepultados 22 mestres templários e azulejos policromos do séc. XVII.</i>
Igreja de São Francisco		<i>O Convento de São Francisco de Tomar foi fundado em 1624 por uma comunidade de frades franciscanos oriundos do cenóbio de Santa Cita, iniciando-se a construção da igreja em 1628 e terminando em 1660. A fachada é maneirista</i>
Igreja de São João Baptista		<i>A Igreja Matriz de Tomar, localizada no centro da cidade, foi reconstruída nos finais do século XV por ordem de D. Manuel I, embora se desconheça a data da sua fundação. Em estilo gótico tardio, são muitos os elementos Manuelinos utilizados na sua decoração, sendo de destacar o portal, rematado por um coruchéu octogonal. Dividindo-se em três naves, perfeitamente demarcadas no exterior, possui uma torre sineira de grandes dimensões e, no interior, merecem destaque as pinturas renascentistas do Mestre Gregório Lopes, o púlpito em pedra e a abóboda da capela-mor.</i>
Igreja da Misericórdia	Torres Novas	<i>Constitui um dos monumentos mais emblemáticos do património da cidade. Julga-se que a construção do Templo data de meados do século XVI, com trabalhos de embelezamento e de decoração que se estenderam pelos dois séculos seguintes. O edifício tem como principais símbolos de referência o pórtico renascentista, o teto seiscentista, a tribuna dos mesários e os três retábulos de talha dourada e o presépio da oficina de Machado de Castro. De salientar o portal com elementos manuelinos.</i>
Igreja de Santiago		<i>Segundo a lenda, D. Afonso Henriques erigiu a capela votiva a Sant'Iago em 1148 e D. Sancho I terá acrescentado a igreja em 1203. O altar e o retábulo são de rica talha dourada setecentista e encontram-se profusamente decorados.</i>
Igreja da Atalaia	Vila Nova da Barquinha	<i>Dedicada a Nossa Senhora da Assunção, esta igreja data do século XVI e utiliza um novo conceito de espaço. O elemento que merece maior destaque é o portal, com duas pilastras que albergam nichos com as figuras de São Pedro e São Paulo. No interior, azulejos do século XVII decoram as paredes.</i>
Igreja de Tancos - Tancos		<i>Dedicada a Nossa Senhora da Conceição, foi construída no século XVI, possuindo uma ampla abóboda de caixotões e azulejos do século XVII e retábulo de talha maneirista.</i>

Fonte: TLVT, 2011 e C.M .Mação, 2011. (Elaboração própria)

3.3.8 - Festas, Feiras e Romarias

As manifestações culturais que apresentamos na tabela 8, são apenas um resumo das demais realizadas no Médio Tejo, ao longo do ano. Elegemos as mais notórias e que promovem maiores fluxos de visitantes. Estas, manifestam e exprimem tradições, consagrações, animação, religião, cultura e lazer, representando desse modo, a cultura popular e social da população do Médio Tejo, contribuindo decisivamente para a sua divulgação.

Tabela 8: Principais festas, feiras e romarias na região do Médio Tejo

Mês	Local	Designação
Janeiro	Ferreira do Zêzere	Cantar os Reis (noite de Reis)
	Alcanena, Minde	Domingo Espírito Santo, Dia de Santo António e Dia de S. Sebastião
Fevereiro	Abrantes	Feira de S. Matias (entre 15 de Fevereiro e 15 de Março)
		Festival Gastronómico “Sabores do Tejo” (meados de Fevereiro, início de Março)
	Ferreira do Zêzere	Recriação da antiga Feira Anual de S. Brás (meados de Fevereiro)
	Tomar	Mostra da Lampreia (final de Fevereiro, início de Março)
Março	Constância	Festas do Concelho (Sexta-feira, Sábado e Domingo de Páscoa)
	Tomar	Dia da Cidade (dia 1 de Março)
		“De Tomar aos Conventos” / Doçaria Tomarense (de 1 a 31 de Março)
	Torres Novas	Festival Gastronómico do Cabrito (Março, início de Abril)
	Vila Nova Da Barquinha	Mês do Sável e da Lampreia (fins-de-semana)
Abril	Abrantes	Festa da Primavera
	Constância	Festa de N.ª Sra. da Boa Viagem (Segunda-feira, após a Páscoa)
	Ferreira do Zêzere	Festival Gastronómico do Lagostim
	Ourém	Semana Santa “Via Sacra ao Vivo” (Páscoa)
	Sardoal	Quaresma, Semana Santa e Páscoa (Quinta-feira Santa)
		Festa do Espírito Santo

Continua

Mês	Local	Designação
Maio	Alcanena	Programa Romarias / Festas do Concelho (semana 8 de Maio)
	Ferreira Do Zêzere	Teatro de rua a caminho de Dornes
		Feira da Cereja
	Ourém	Aparições de N.ª Sra. de Fátima (dia 13 de Maio)
	Tomar	Congresso da Sopa
	V. N. Barquinha	Feira d'Época
Junho		Festival da Gastronomia de Alvega
	Abrantes	Festas de Abrantes (dia 14 de Junho)
		Festa de S. Pedro (dia 29 de Junho)
	Alcanena	Festas do Divino Espírito Santo
	Constância	Pomonas Camonianas / Mercado Quinhentista (dia 10 de Junho)
	Entroncamento	Festas da Cidade e de S. João (4ª semana de Junho)
	Ferreira Do Zêzere	Santos Populares e Feriado Municipal (dia 13 de Junho)
	Ourém	Festas da Cidade / Mostra Gastronómica e Artesanato (dia 29 de Junho)
	V. N. Barquinha	Festas do Concelho / Barquinha Non-Stop (dia 13 de Junho)
Julho	Constância	Festa de Sta. Margarida – Santa Margarida da Coutada
	Tomar	Festa dos Tabuleiros (quadrienal – próxima: 2015)
	Torres Novas	Festas do Almonda (primeira quinzena) Bênção do Gado – Riachos (segunda quinzena quadrienal – próxima: 2015)
Agosto	Abrantes	Feira Mostra de Mouriscas
	Constância	Festa de N.ª Sra. da Assunção (dia 15 de Agosto)
	Ferreira do Zêzere	Festa de Nossa Senhora do Pranto (dia 15 de Agosto)
	Ourém	Aparições de N. Sra. de Fátima (dia 13 de Agosto)
	Torres Novas	Festival Gastronómico da Enguia – Boquilobo (meados de Agosto)
	V. N. Barquinha	Festa do Rio e das Aldeias (dia 15 de Agosto)
		Continua

Continuação

Mês	Local	Designação
Setembro	Ferreira do Zêzere	Festa de N. ^a Sra. da Graça (dia 8 de Setembro)
	Ourém	Aparições de N. ^a Sra. de Fátima (dia 13 de Setembro)
	Sardoal	Festas do Concelho (de 18 a 22 de Setembro)
Outubro	Abrantes	Feira Nacional da Doçaria Tradicional (final de Outubro, início de Novembro)
	Alcanena	Mostra Gastronómica e Artesanato Regional (primeiro fim de semana)
	Ourém	Aparições de N. ^a Sra. de Fátima (dia 13 de Outubro)
	Tomar	Feira de Sta. Iria (dia 20 de Outubro)
		“Feijão com Todos” (todos os fins de semana e nos dias 5 e 20)
Torres Novas	Feira Nacional dos Frutos Secos (primeira quinzena))	
Novembro	Entroncamento	Feriado Municipal (dia 24 de Novembro)
	V. N. Barquinha	Feira de Todos os Santos (1 de Novembro)
		Feira d’Época
Dezembro	Alcanena	Dia da Encarnação – Espinheiro (dia 24 de Dezembro)

Fonte: CIMT, 2011. (Elaboração própria)

No âmbito das feiras, festas e romarias, “Ao tornar-se o turismo uma atividade económica relevante no mundo capitalista, as peregrinações foram incorporadas, criando-se a categoria turismo religioso, em relação aos centros de visitação capazes de atrair pessoas das classes média e alta. A gente do povo continua porém, a realizar as suas peregrinações com sua própria estrutura organizacional, mantendo traços culturais que remontam a velha tradição da peregrinação penitencial e incorporando, dentro de suas possibilidades, aspetos típicos do turismo da modernidade.” (Benjamin, 2000, pp. 23-24 apud Filho, 2003).

Estas atividades (feiras, festas e romarias), proporcionam momentos de lazer, elencadas ao nível popular e, são, sobretudo, mecanismos de intercambio cultural, pois proporcionam interagir ao nível cultural, religioso, histórico, espiritual e social, levando os participantes nestas atividades, a beneficiarem de um rompimento com as suas vidas quotidianas, usufruindo assim de momentos de lazer, ao mesmo tempo que conhecem e interagem com estas manifestações populares (Filho, 2003, p. 259).

A este nível, a OMT (1999, p.7), refere que: *“As deslocações por motivos de religião, de saúde, de educação e de intercâmbios culturais ou linguísticos constituem formas particularmente interessantes de turismo, que merecem ser encorajadas(...)”*.

Concordamos totalmente com esta afirmação, por parte da OMT, apesar de não serem as festas, feiras e romarias, o principal objetivo de visitação, nas atividades que propomos com a cria o deste projeto, conforme se ver  adiante (capítulo VI), embora, não esteja fora do nosso raio de a o, caso seja necessário, ou essencial, proporcionar visitas a estas festas, consoante o desejo dos visitantes que utilizem os nossos serviços.

3.3.9 - Recursos âncora do turismo

Analisando o gráfico 10, verificamos que apesar da singularidade de cada recurso turístico, é notório que o município de Ourém, é detentor de cerca de 35 % dos recursos existentes no Médio Tejo, manifestando assim, uma clara relevância em relação às outras concelhos, em termos do número total de recursos. Ourém, visto como destino turístico, manifesta uma realidade diferente dos outros municípios do Médio Tejo. Pois, expressa um crescente afluxo de visitantes religiosos devido ao facto de integrar Fátima como freguesia.

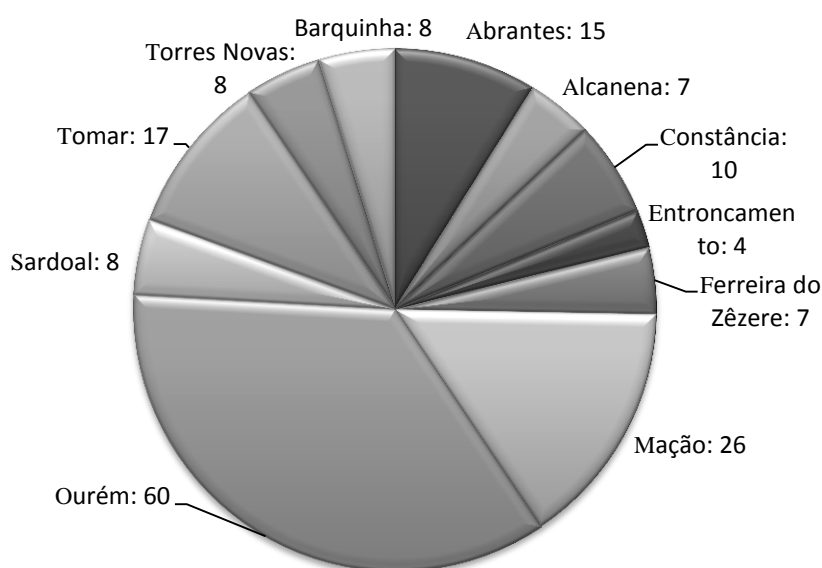


Gráfico 10 - N° de Recursos da Região no Médio Tejo por município - 2010

Fonte: TLVT, 2011 e C.M .Mação, 2011. (Elaboração própria)

Consideramos que esta região não se pode isolar internamente, isto é, todos os municípios terão de cooperar entre si para um correto desenvolvimento da atividade turística neste território. A competitividade terá assentar, nomeadamente, em zonas externas ao Médio Tejo, e não internas.

De entre todos os recursos apresentados, elegemos de seguida aqueles que pensamos conterem mais eficácia no que ao apelo e à retenção de turistas dizem respeito.

Como indicam as autoras Murta e Albano (2002, p. 144), “Atração âncora (...) garantem expressivos números de visitantes e consumidores. As atrações âncora necessárias para a viabilização de roteiros turísticos podem tomar várias formas: parques e atrativos naturais bem apresentados, fazendas patrimoniais, terras indígenas abertas à visitaçã, produtos típicos, centros históricos, feiras de artesanato, museus e centros culturais, além de produtos artísticos, como teatro, cinema, dança e exposições, entre outros.”. Desse modo, nomearemos, além dos recursos que em harmonia com o PTD aparentam contribuir para a permanência de turistas e visitantes, destacaremos também aqueles que consigam apelar a deslocações ao Médio Tejo, ao nível do projeto aqui considerado.

Classificaremos os recursos-âncora do Turismo (figura 21) em três níveis: os principais (topo da pirâmide), os relevantes e os elementares (no meio da pirâmide), e os basilares (na base da pirâmide). Consideramos todos os outros recursos como basilares, pois poderão contribuir para a valorização desta região. Estes recursos tiveram a sua seleção apoiada no PENT, no PTD, e em observação expedita.

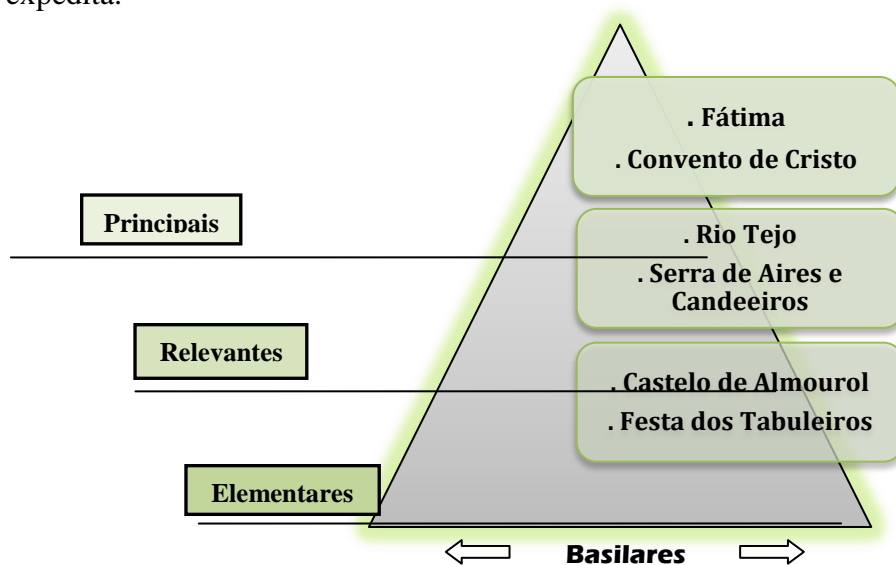


Figura 21 - Recursos-Âncora do turismo na região do Médio Tejo
(Elaboração própria)

Segundo o PTD (2008, p. 13), a: “Relevância turística do património do Médio Tejo, com vista à construção de um produto turístico atractivo, diversificado e substancial, que valoriza a sua herança templária, que investe na integração das margens ribeirinhas dos seus rios em "cidades e vilas com rio", que oferece uma alternância bem conseguida entre

padrões de vivência urbanos e rurais, patentes nas suas 6 cidades e nas suas 5 vilas, que combina a riqueza patrimonial e cultural intrínseca aos seus 5 castelos, que é banhada por 5 rios e que oferece condições naturais e ambientais de excelência à prática de actividades desportivas”.

Após a identificação dos recursos, é notório que, apesar do raio de ação atingir apenas uma sub-região, de toda a zona Centro, esta reúne uma considerável quantidade de recursos a explorar, oferecendo assim, uma vasta escolha, tanto à disposição do viajante como do nosso projeto, na elaboração das visitas. Por um lado, a pessoa poderá escolher quais os elementos que satisfarão a sua deslocação até esta região e, por outro, a nossa associação encontrará mais facilidade em criar elementos que proporcionem vários tipos de Turismo, tendo em conta principalmente aquelas que são as diretrizes e as apreciações que o PENT alvitra nesta região, no que ao *Touring* diz respeito.

“Em vez de pensar primeiro no destino turístico regional delimitado por fronteiras administrativas e de centrar a estratégia no investimento público em recursos-atrativos, pensar a partir do nível local numa abordagem multinível integrada que crie valor para as empresas através da gestão de produtos e de redes de cooperação que formam o produto-destino regional” (Ferreira, 2011b).

Esta chamada de atenção, leva-nos a considerar que as atividades não poderão ser criadas numa perspetiva estática pois as motivações são várias, e a conjuntura está sempre em mudança. Por isso, a constante adaptação das atividades e das experiências que pretendemos oferecer, serão constantemente auditoriadas e avaliadas através de um sistema de gestão da qualidade contínuo, implementado pela direção da associação, através da utilização de várias ferramentas, de modo a planear, analisar, avaliar, integrar e, por fim, agir, com o objetivo de garantir a todos aqueles que recorrem à nossa proposta, a superação das suas expetativas.

3.4 - Geografia

O território de uma determinada comunidade, representa para as populações locais, o “aqui”, enquanto que, para o viajante de origem externa, representam o “lá”. Deste modo, qualquer território que se pretenda desenvolver como zona recetora, terá de repensar e desenvolver o sistema turístico. Na ótica do viajante, de modo a responder às expetativas do turista, bem como agradar aos locais (Gunn, 1997, p. 58).

Neste sentido, será necessário: *“Desenvolver ofertas distintivas para as regiões alinhadas com a proposta de valor do destino Portugal, capitalizando a vocação natural de cada região e desenvolvendo factores de qualificação(...) As regiões têm um conjunto de recursos diversificados, sendo que destes alguns constituem factores de diferenciação.”* (PENT, 2007, p. 73).

Logo, e com base no PENT (2007, p. 73), identificamos na figura 22, alguns factores geográficos de diferenciação presentes nas regiões de Portugal.



Figura 22 - Principais recursos diferenciadores do Médio Tejo
Fonte: PENT, 2007, p. 73 (adaptado). (Elaboração própria)

Em termos de localização, consideramos de grande relevância, o facto do Médio Tejo (além dos recursos e equipamentos já enumerados), possuir uma posição geográfica privilegiada em termos de acessibilidades e de proximidade a outros pólos urbanos de dimensão importante da região Centro (PTD, 2008, p. 187).

A beleza natural desta região é, por si só, um grande contributo no que respeita a despertar “sensações” a quem a visita, e satisfação na experiência de a conhecer através de uma Oferta e um acolhimento qualificado.

Nesse sentido, a CIMT enquanto entidade com competências e intervenção no território, “pretende promover a valorização turística do Património e a sustentabilidade dos seus recursos endógenos, fomentando a criação, programação e fruição desses recursos, para viabilizar um desenvolvimento turístico baseado em produtos qualificados e sustentáveis. Acções a implementar: Criação e promoção do Portal do Turismo (actualização permanente, tradução para inglês, promoção), Iniciativas: 5 Castelos 5 Rios (folheto e brochura); Mapa do Património e Museus (folheto); Realização de Seminários Temáticos; Colocação de quiosques multimédia nas sedes de concelho.” (CIMT, 2011).

Como se observa, a afirmação territorial proposta pela CIMT está atenta, por exemplo, aos “castelos” e aos “rios”, recursos âncora que, estruturados com objetividade económica, podem contribuir para aumentar a visitação ao território do Médio Tejo.

3.5 - Operadores

Apresentamos na tabela 9, os operadores turísticos do Médio Tejo, registados no Turismo de Portugal, e o seu objeto de atividade:

Tabela 9: Operadores turísticos na região do Médio Tejo.

Entidade	Registo	Localização	Atividades	Objeto
Alfa Aventura	10/2007	Abrantes	<i>Rappel, slide, passeios de btt, canoagem, vela, windsurf, canyoning, corridas de aventura, jogos tradicionais, montanhismo, multiatividades, orientação, paintball, passeios de barco, passeios de jangada, passeios pedestres, trekking, remo, tiro: com arco, besta e zarabatana.</i>	<i>Prática de atividades de lazer</i>
Segredos de Aldeia-Nova Aventura, Lda.	314/2011	Abrantes	<i>Aluguer ou utilização de motas de água e de pequenas embarcações dispensadas de registo (pequenas embarcações de praia sem motor, nomeadamente botes, charutos, barcos pneumáticos, gôndolas, pranchas com ou sem vela e embarcações exclusivamente destinadas à prática do remo); Canoagem; Passeios marítimo-turísticos; Outra; Aluguer de embarcações com tripulação; Outra; Aluguer de embarcações sem tripulação; Outra; Passeios de bicicleta;</i>	<i>Organização de atividades de animação turística, exploração de empreendimentos turísticos, restauração, hotelaria e similares</i>
Pesnoar	285/2011	Abrantes	<i>BTT; Jogos tradicionais; Passeios de bicicleta; Teambuilding; Animação de espaços; Enoturismo; Escalada Artificial; Escalada Natural; Marcha; Montanhismo; Outras atividades com cordas; Pedestrianismo/Caminhada; Percursos de obstáculos; Pontes; Rally paper; Rappel; Slide; Sobrevivência; Passeios em veículos automóveis</i>	<i>Gestão e exploração de equipamentos desportivos. Organização de atividades e eventos de desporto natureza e turismo ativo</i>
Costaline	72/2006	Alcanena	<i>Passeios turísticos em veículo automóvel, todo-o-terreno e em bicicleta, percursos pedestres, canoagem em águas mansas, paintball, espeleologia, observação da natureza, orientação, organização de eventos, tiro com arco.</i>	<i>Não Indicado</i>
Glaciar, Sports Bar, Lda.	66/2006	Constância	<i>Atividades Equestres; BTT; Canyoning; Escalada; Jogos tradicionais; Marcha; Montanhismo; Moto 4; Observação fauna e flora; Organização de eventos; Orientação; Outras atividades com cordas; Paintball; Passeios de bicicleta; Passeios de Comboio; pedestrianismo/Caminhada; Percursos; Pontes; Rally paper; Rappel; Slide; Teambuilding; Tiro; Passeios em veículos automóveis; Passeios em veículos TT; Visitas a monumentos, museus e outros locais turístico; Aluguer embarcações; Canoagem;</i>	<i>Atividades náuticas, atividades de exploração da natureza, bar e restaurante, atividades de aventura e recreio nos meios ambiente e aquático</i>
				<i>Continua</i>

Continuação

Entidade	Registo	Localização	Atividades	Objeto
Ponto Aventura	193/2011	Constância	<i>BTT; Escalada Artificial; Escalada Natural; Jogos tradicionais; Orientação; Paintball; Rappel; Slide; Aluguer ou utilização de motas de água e de pequenas embarcações dispensadas de registo (pequenas embarcações de praia sem motor, nomeadamente botes, charutos, barcos pneumáticos, gôndolas, pranchas com ou sem vela e embarcações exclusivamente destinadas à prática do remo); Canoagem;</i>	93293 (CAE - secundário)
Terra Oculta	64/2009	Ferreira do Zêzere	<i>Organização de atividades náuticas, mergulho, batismos de mergulho e visitas turísticas descidas de rio canoagem e jangadas passeios de barco, ski náutico, bóias, banana, vela e remo organização de passeios pedestres e orientação, manobras de cordas, escalada, rappel, slide, organização de torneios de paintball, organização de passeios todo-o-terreno, de bicicletas, jipes e quadriciclos, organização de atividades equestres, organização de atividades de tiro: tiro com arco, besta e pressão de ar, organização de eventos parques insufláveis, parede de escalada artificial palhaços música ao vivo, jogos tradicionais, campos de férias.</i>	Não Indicado
Zerpelin	94/2010	Mação	<i> Animação de espaços; Passeios de bicicleta; Canyoning; Escalada Natural; Marcha; Montanhismo; Observação fauna e flora; Orientação; Paintball; Pedestrianismo/Caminhada; Rappel; Slide; Visitas a monumentos, museus e outros locais de relevante interesse turístico; Canoagem;</i>	Organização de atividades de animação turística
Delta slide	69/2003	Ourém	<i>Festas para empresas e grupos, Empresa Aventura (EmpresOUT), Universidade Aventura (UniversidadOUT), Escola Aventura para jovens (EscolOUT), Campo de Férias, Cursos de Liderança</i>	Não Indicado
Desafio Global Ativism	12/2004	Ourém	<i>Organização de Eventos turísticos e desportivos (circuitos de obstáculos com slide, rappel, deslizamento ventral, paralelas, pêndulo, teleférico e ponte himalaia), paintball, rafting e canoagem, btt, percursos em todo-o-terreno, insufláveis, animação empresarial, jogos de estratégia e gestão, jogos de dinâmica de equipa, team-building, autoconstrução de jangadas</i>	Realização e organização de eventos turísticos e desportivos, animação turística, apoio técnico e formação de cursos na área desportiva; (...)
Continua				

Continuação

Entidade	Registo	Localização	Atividades	Objeto
Premier Travel Solutions	215/2010	Ourém	<i>Atividades de culinária e costura; Animação de espaços; artes gráficas; Birdwatching; BTT; Canyoning; Espaços Museológicos/Exposições; Coaste ring; danças de salão; Dirtsurf; Enoturismo; Escalada Artificial; Escalada Natural; Espeleologia; Aerodelismo / Automodelismo / Nautimodelismo; Go Kart; Jogos de dardos; Jogos tradicionais; Marcha; Montanhismo; Moto 4; Motociclos; Neve; Observação fauna e flora; Organização de eventos (congressos, seminários, reuniões, exposições e afins); Orientação; Outras atividades com cordas; Paintball; Passeios de bicicleta; Passeios de burro; Passeios de segway; Passeios em atrelagens de tração; Passeios equestres; Pedestrianismo/Caminhada; Percursos de obstáculos; Percursos Interpretativos; Pontes; Rally-paper; Rappel; Slide; Sobrevivência; Teambuilding; Tiro; Passeios em veículos automóveis; Passeios em veículos TT; Visitas a monumentos, museus e outros locais de relevante interesse turístico; Snorkeling;</i>	<i>Animação Turística, nomeadamente a organização e gestão de eventos e exploração de atividades lúdicas, culturais, desportivas e de lazer. Transporte ocasional de passageiros em veículos ligeiros por meio de táxi e veículos de aluguer</i>
Desafios Caramulo	44/2002	Ourém	<i>Animação de espaços; BTT; Escalada Artificial; Espeleologia; Jogos de dardos; Jogos tradicionais; Montanhismo; Motociclos; Observação fauna e flora; Organização de eventos; Orientação; Paintball; Passeios de segway; Percursos de obstáculos; Rally-paper; Rappel; Slide; Teambuilding; Tiro; Passeios em veículos automóveis; Passeios em veículos TT; Zorbing; Aluguer ou utilização de motas de água e de pequenas embarcações dispensadas de registo; Canoagem; Motas de água; Rafting;</i>	<i>Atividades de animação turística</i>
Jouguinho	47/2004	Ourém	<i>Karting, kart buggies, pedestrianismo, passeios a pé e a cavalo, passeios e orientação de BTT, jipe e moto 4, jogos tradicionais, escalada, slide e rappel, hipismo, canoagem, tiro ao arco, besta, pressão de ar e zarabatana, paintball, challenger</i>	Não Indicado
Facir	5/2001	Ourém	<i>Passeios em comboios turísticos</i>	Não Indicado
				Continua

Continuação

Entidade	Registo	Localização	Atividades	Objeto
Costa e Pereira	63/2008	Ourém	<i>Montanhismo; Organização de eventos (congressos, seminários, reuniões, exposições e afins); Pedestrianismo/Caminhada; Aluguer ou utilização de motas de água e de pequenas embarcações dispensadas de registo (pequenas embarcações de praia sem motor, nomeadamente botes, charutos, barcos pneumáticos, gôndolas, pranchas com ou sem vela e embarcações exclusivamente destinadas à prática do remo); Bodyboard; Canoagem; Skimming; Surf; Vela; Wakeboard; Windsurf; Autódromos; Balneários termais e terapêuticos e SPA; Centros equestres e hipódromos destinados à prática de equitação desportiva e de lazer; Kartódromos; Marinas, portos de recreio e docas de recreio; Parques temáticos;</i>	Não Indicado
Versão Desafio	48/2008	Tomar	<i>Paintball, tiro com arco, besta e zarabatana, btt, canoagem, slide, tirolesa, ponte paralela, himalaiana, escalada, rappel, pontes de troncos, orientação a pé e de bicicleta, passeios pedestres, passeios todo-o-terreno, passeios a cavalo, jogos tradicionais, peddy-paper, rally-paper, atividades rurais (na horta junto a animais), festas, formações, colóquios e congressos</i>	Não Indicado
Via Aventura	74/2006	Tomar	<i>Jogos tradicionais; Outras atividades com cordas; Paintball; Passeios de bicicleta; Pedestrianismo/Caminhada; Passeios em veículos TT; Aluguer ou utilização de motas de água e de pequenas embarcações dispensadas de registo (pequenas embarcações de praia sem motor, nomeadamente botes, charutos, barcos pneumáticos, gôndolas, pranchas com ou sem vela e embarcações exclusivamente destinadas à prática do remo); Canoagem; Rafting;</i>	Sociedade por quotas
Templar Aventura	909/97	Tomar	<i>Animação de espaços; Passeios de bicicleta; Canyoning; Enoturismo; Escalada Natural; Espeleologia; Jogos tradicionais; Marcha; Montanhismo; Moto 4; Neve; Observação fauna e flora; Organização de eventos (congressos, seminários, reuniões, exposições e afins); Orientação; Paintball; Passeios equestres; Passeios de burro; Pedestrianismo/Caminhada; Rappel; Slide; Sobrevivência; Tiro; Passeios em veículos automóveis;; Visitas a monumentos, museus e outros locais de relevante interesse turístico; Bodyboard; Canoagem; Hidrospeed; Mergulho; Motas de água; Snorkeling; Rafting; Remo; Ski aquático; Surf; Vela; Visitas arqueológicas; Wakeboard; Windsurf</i>	Atividade de agência de Viagens e Turismo

Continua

Entidade	Registo	Localização	Atividades	Objeto
Natureza Vertical	141/2011	Tomar	<i>BTT; Canyoning; Coaste ring; Escalada Artificial; Escalada Natural; Jogos tradicionais; Montanhismo; Neve; Orientação; Paintball; Passeios de bicicleta; Pedestrianismo/Caminhada; Percursos de obstáculos; Pontes; Rappel; Slide; Teambuilding; Tiro; Passeios em veículos TT; Aluguer de embarcações com tripulação; Mergulho; Aluguer ou utilização de motas de água e de pequenas embarcações dispensadas de registo); Canoagem; Hidrospeed; Rafting; Vela; Wakeboard; Windsurf; Outra;</i>	<i>Animação e organização de atividades turísticas</i>
Caminhos com Vida	27/2009	Tomar	<i>Observação fauna e flora; Pedestrianismo/Caminhada; Visitas a monumentos, museus e outros locais de relevante interesse turístico</i>	<i>Organização de atividades de animação turística</i>
Alexandra de Castro Pires Cardoso de Menezes	145/2011	Tomar	<i>BTT; Canyoning; Jogos tradicionais; Orientação; Paintball; Caminhada; Slide; Teambuilding; Tiro; Aluguer ou utilização de motas de água e de pequenas embarcações dispensadas de registo (pequenas embarcações de praia sem motor, nomeadamente botes, charutos, barcos pneumáticos, gôndolas, pranchas com ou sem vela e embarcações exclusivamente destinadas à prática do remo); Canoagem;</i>	Não Indicado
Desprendimento	314/2006	Tomar	<i>Organização e realização de campos de férias</i>	<i>Campos de Férias e Atividades, Formação e Consultoria</i>
Aventur - Aventura e Lazer Air Desert	13/2004	Torres Novas	<i>Passeios pedestres, canoagem, rappel, btt, e jogos tradicionais</i>	Não Indicado
	Instituto Nacional de Aviação Civil nº 0024/10	Torres Novas	<i>Balonismo</i>	<i>Operador Aéreo</i>
Trincanela, Snack-Bar Pastelaria, Lda.	31/2006	Torres Novas	<i>Paintball, passeios de bicicleta, jogos tradicionais, charrete, volley praia, rappel, escalada, passeios pedestres, canoagem, insufláveis, carros a pedais, ludoteca, tiro ao alvo, natação, futebol, atletismo.</i>	Não Indicado
Almondaire, TDSL	34/2005	Torres Novas	<i>Organização de eventos, caminhadas, orientação, paintball, escalada, tiro com arco e canoagem</i>	Não Indicado
Diver Almourol	07/2001	Vila Nova da Barquinha	<i>Centros náuticos com atividades, como o paintball, percursos de arborismo (árvore em árvore), rappel, slide, BTT, caça ao tesouro, paredes de escalada, orientação, insufláveis, kart cross, 4x4, etc.</i>	<i>Turismo ativo e de aventura, e lazer, e formação outdoor</i>

Fonte: Turismo de Portugal, 2011b (RNAAT). (Elaboração própria)

A operacionalização de determinados produtos estratégicos do Turismo, não é verificável na região. O que queremos transmitir, é a falta de aproveitamento dos recursos quer pelos agentes públicos, quer privados no que respeita a nível da atividade turística. Apesar de proposto no PENT, como um produto estratégico para a região, o *Touring* não é aplicado de forma pujante, é nesse aspeto que a nossa proposta de projeto, é inovadora. Fica também registada, a falta de ações no terreno, concretamente no que concerne a este tipo de Turismo.

Aliada à situação seguidamente apresentada, *”A inclusão na Região de Polarização Metropolitana de Lisboa determina um espaço de excursionismo, no qual os residentes e os turistas alojados no centro (“Lisboa-cidade resort”) fazem deslocações no mesmo dia, uma relação típica de centro-periferia. enquanto espaço periférico que, apesar de possuir recursos turísticos primários com elevado potencial de atração turística, não tem até hoje logrado desenvolver uma cadeia de valor completa como destino turístico, designadamente por carências no domínio dos recursos secundários e, em particular, do alojamento hoteleiro.”* (Ferreira, 2011c), torna-se premente criar produtos de modo a operacionalizar e dinamizar, o Turismo.

Capítulo IV - Destino turístico Médio Tejo

4.1 - Conceito de Destino Turístico

De uma maneira geral, o destino turístico representa a área geográfica na qual os turistas pretendem passar algum tempo, longe de casa. Poderá ser uma zona contida, uma vila, uma aldeia, uma cidade, uma ilha, ou até mesmo um país, assim, não existem barreiras quanto à área geográfica do destino (Cho, 2000, p. 144).

“O conceito de “destino turístico” impôs-se nos anos 90 e a Comissão Europeia (2000: 149) veio defini-lo como “uma área identificada separadamente e promovida para os turistas como lugar a visitar, e dentro da qual o produto turístico é coordenado por uma ou mais autoridades ou organizações identificáveis”. Um destino turístico é um território que contem os elementos suficientes para satisfazer experiências turísticas. No novo século, o paradigma territorial dominante é o destino turístico enquanto espaço de experiências.” (Ferreira, 2010).

Gunn define destino turístico como uma *área geográfica*, que contém uma massa crítica de desenvolvimento que satisfaz os objetivos do viajante e distingue três escalas: sítio (“*site zone*”); destino (“*destination zone*”) e região (“*regional zone*”) (Gunn, 1994, *apud* Hall, 2005, p. 160).

Desta forma, e face ao exposto nesta definição, o destino turístico Médio Tejo, apesar de possuir as competências inerentes à atividade turística, isto é, além de fornecer condições à satisfação das necessidades fisiológicas dos turistas, tais como, alojamento, transporte e alimentação, deverá conter infraestruturas de apoio ao desempenho do acolhimento, proporcionar atividades e outras atratividades, para que o visitante permaneça no local com a qualidade exigida.

4.2- Médio Tejo: tem identidade para ser considerado um destino turístico?

As competências necessárias para que um território se possa caracterizar como Destino Turístico, são apresentadas na figura 23:

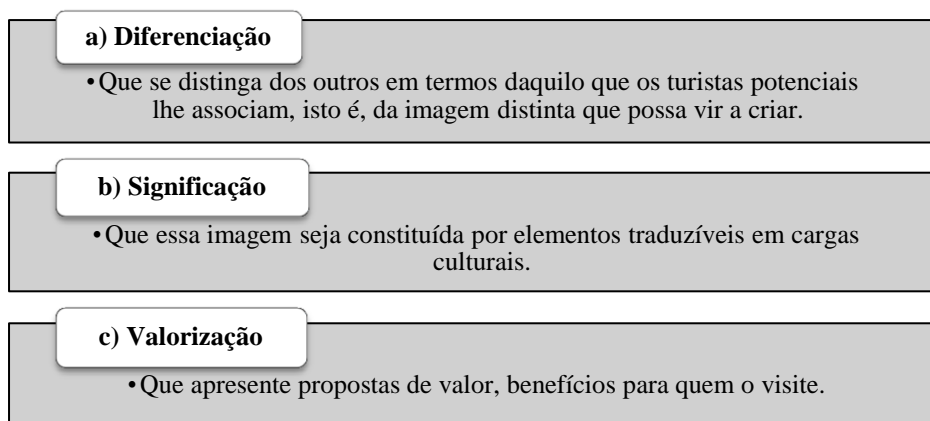


Figura 23 - Características da Identidade de um Destino Turístico
Fonte: Ferreira, 2010. (Elaboração própria)

Observemos por exemplo, os elementos diferenciadores da Zona Centro, propostos pelo PENT, para a prática do *Touring*, assente em seis fatores-chave: o património natural, os monumentos histórico-religiosos, Fátima, aldeias típicas, parques naturais e grutas (figura 24).

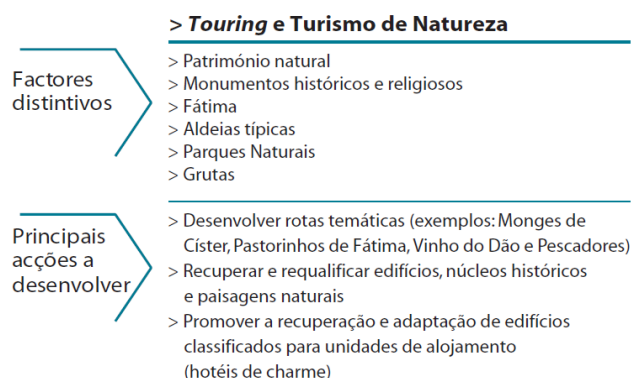


Figura 24 - Fatores de Diferenciação da região Centro..

Fonte: PENT, 2007, p. 73. (Elaboração própria)

Além dos declarados pelo PENT, , existem outros valiosos atributos capazes de potenciar a Diferenciação, Significação e Valorização do Médio Tejo, de modo a tornar esta região num destino turístico, apesar de não ter, ainda, sido capaz de alcançar uma imagem enérgica e adequada à manifestação da sua imagem enquanto destino, como indicam as estatísticas, de modo a construir e consolidar uma identidade turística resistente.

Contudo, podemos argumentar que, *“A maioria dos produtos turísticos continuam-se a basear em modos de consumo relativamente estáticos e nos factores de produção tradicionais. Emergem sinais de mudança no sentido de prestar mais atenção à produção de experiências e à criatividade como elementos da produção e do consumo turístico.”* (Richards e Wilson, 2007b).

Perante esta evidência, assiste-se atualmente, à estandardização do aproveitamento dos recursos da região como produtos de Turismo clássicos. Esta tendência deve-se à semelhança dos meios utilizados pelos agentes na atividade turística (pois a sua área de atuação, é essencialmente de animação turística e desportiva, como descrito anteriormente), bem como à falta de empenho na produção de atividades no terreno capazes de captar e reter os visitantes (*Touring* / visitação).

O modelo tradicional de aproveitamento dos recursos, resiste dentro de uma força conservadora, que não se deixa ultrapassar pelos agentes e políticas empreendedoras da região, isto é, assiste-se à visitação do convento de Cristo, de museus, ao património classificado, à realização de atividades desportivas, de feiras e romarias, sem contudo, e em contrapartida, as dormidas refletirem o número de visitantes que a região necessita.

A principal preocupação dos agentes que intervêm diretamente nos grandes projetos e decisões da região, reflete a falta de iniciativa criativa, uma vez que se prendem, quase em exclusivo, com a promoção do território, conforme podemos observar, enquanto residentes nesta região. No nosso ponto de vista, esta atitude não irá alterar significativamente o estado atual, que terá sido agravado negativamente nos últimos meses, pelas políticas de austeridade, emergentes no país.

Procurámos então, nesse sentido, desenvolver ideias e propostas para que as oportunidades de oferta de visitas que compreendem experiências, garantam a satisfação e a permanência dos visitantes e turistas, o máximo de tempo possível na região, promovendo dessa maneira a notoriedade que, por sua vez, contribuirá positivamente para uma imagem de qualidade da região.

Deste modo podemos considerar que, face às dificuldades que registámos, dos princípios que definem o projeto que apresentamos e, naturalmente, às possibilidades e limites que têm que ser ponderados, existe uma evidente falta de “produto turístico diferenciado” .

Na nossa análise, tentámos então procurar os elementos que poderiam possuir as competências ideais para representarem a identidade do destino turístico Médio Tejo, na nossa ótica associativa e turisticamente operacional. Em sede de projeto, e após exploração dos elementos fundadores de um destino turístico, bem como dos produtos atualmente (e futuramente) oferecidos, apresentamos esses elementos:

a) Diferenciação: propomos a oferta estabelecida pela CIMT (com base no PTD), com o nome de “**5 Castelos, 5 Rios**”, “*que combina a riqueza patrimonial e cultural intrínseca aos seus 5 castelos [Abrantes, Almourol, Ourém, Tomar e Torres Novas] que é banhada por 5 rios [Almonda em Torres Novas, Alviela em Alcanena, Nabão em Tomar, Tejo em Abrantes, Constância e Vila Nova da Barquinha e Zêzere em Ferreira do Zêzere e Constância]*” (PTD, 2008, p. 8).

b) Significação: o destino turístico Médio Tejo dificilmente poderia deter outra, que não a mística dos **Templários** como uma imagem de carga cultural simbólica. Vejamos por exemplo o que afirma o PTD sobre esta temática: “*A diversidade e complementaridade*

do património do Médio Tejo são mais-valias inegáveis na construção de um produto turístico atractivo e substancial, que valoriza a sua **herança templária** [conjunto do Castelo e Convento de Cristo em Tomar (património mundial reconhecido pela UNESCO) e do Castelo do Almourol em Vila Nova da Barquinha]” (PTD, 2008, p. 8).

Nesse sentido, escolhemos este tema com base na extraordinária herança que a Ordem dos Templários legou a este território, a este nível, destacamos o facto de a sua maior expressão se concentrar no convento de Cristo, um monumento de excelência inserido na região Médio Tejo, classificado como Património Mundial da Humanidade, e que possui inegáveis testemunhos, de “*Terras galgadas pelos lendários Templários, defensores dos interesses e protecção dos peregrinos cristãos na Terra Santa a quem estava incutida a ideia de que matar em nome de Deus era justificável e de que morrer por Ele, santificável*” (PTD, 2008, p. 23).

c) Valorização: será desenvolvida através das experiências proporcionadas aos visitantes, nas atividades desenvolvidas pelos agentes e, nomeadamente pelas experiências em Turismo proporcionadas pela associação, em concertação com o que indica a revisão do PENT: “*O turista global atual, (...) move-se cada vez mais pela busca de experiências intensas e autênticas e momentos, em detrimento de destinos e produtos turísticos tradicionais.*” (PENT 2.0, 2011, p. 31).

De seguida, apresentamos na figura 25, a nossa perspetiva sobre a identidade do destino turístico Médio Tejo:



Figura 25 - Composição da identidade do destino turístico Médio Tejo
Fonte: Ferreira, 2010. (Elaboração própria)

Decidimos utilizar a designação de “produto turístico diferenciado”, para colmatar, como identificámos antes, a necessidade de iniciativas criativas e diferenciadas, configurando a nossa proposta, uma forma de intervenção académico-empresarial, por via associativa.

Relembramos que as regiões têm que: saber atrair talentos; saber usar as tecnologias mais emergentes e inovadoras; saber trabalhar em ambiente multicultural onde, no foco principal, o papel da tolerância, é fundamental (Florida e Tinagli, 2004). Com a nossa proposta, pretendemos contribuir para o alcance destes objetivos.

Sabemos que “*O destino turístico é avaliado pelos turistas que o experimentam*” (Figueira, 2011). Nesta medida, são os consumidores, neste caso, os turistas, quem irão atribuir o valor à experiência vivida e, neste caso, se o *feedback* for positivo, certamente que isso se traduzirá em mais visitas. Na figura 26, estão representados os principais componentes que poderão condicionar esta avaliação.

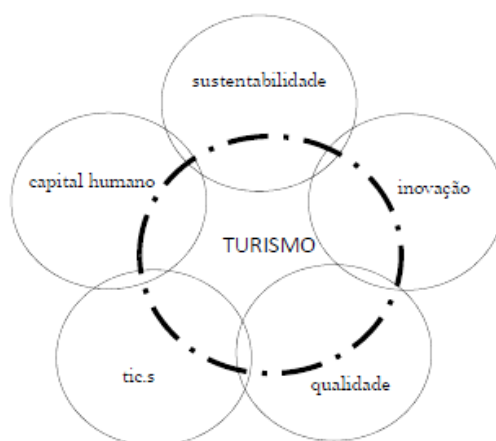


Figura 26 – Componentes de avaliação de um Destino Turístico
Fonte: Figueira, 2011. (Elaboração própria)

É portanto, necessário, delinear e planear qualquer destino turístico, com particular enfoque nestas áreas (capital humano; sustentabilidade; inovação; qualidade e tic's), de modo a obter uma apreciação final positiva, por parte da Procura. A Formação será assim, uma ferramenta essencial, para o aperfeiçoamento e melhoria das competências nestas áreas.

4.3– Apreciação global do Médio Tejo enquanto zona recetora

Com base na importância da imagem de qualidade que um território deve expressar, neste caso, o Médio Tejo, realizámos um inquérito junto de uma amostra da população residente (vinte e quatro), de modo a perceber e apurar, qual a importância e pertinência efetiva, da nossa proposta.

Como ponto de partida para a elaboração deste inquérito, foram tidas em conta, as experiências proporcionadas pela atividade turística. Primeiramente, a um nível geral, e posteriormente, questões ligadas à associação e às atividades que propomos criar. Os resultados apresentam-se nos gráficos 11 a 17:

I – Qual é a importância que atribui às experiências nas suas viagens?

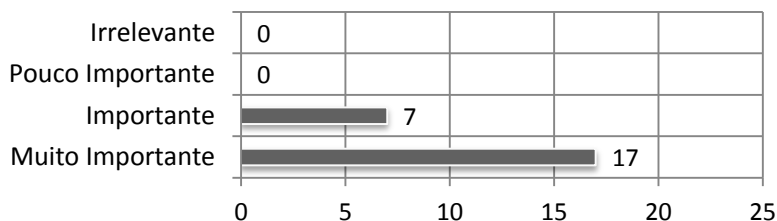


Gráfico 11 – Importância atribuída às experiências nas viagens.
(Elaboração própria)

Ficou registado nesta questão, que as experiências são um contributo fundamental para alcançar a satisfação dos turistas. É por isso, necessário, proporcionar experiências positivas, de modo a contribuir para uma notoriedade favorável do território.

II – Considera que o aproveitamento turístico da região do Médio Tejo é:

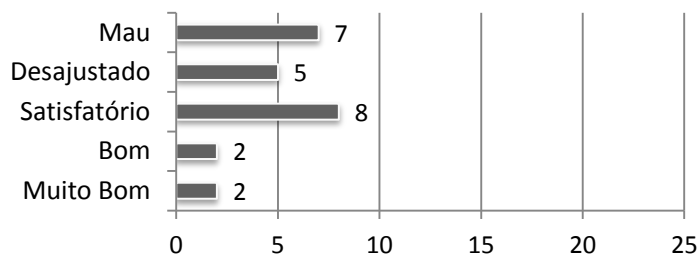


Gráfico 12 – Qualificação do aproveitamento turístico do Médio Tejo.
(Elaboração própria)

Apesar de a maioria dos inquiridos considerar o aproveitamento turístico do Médio Tejo, inferior ao satisfatório, doze pessoas inquiridas apreciam o seu aproveitamento. Mais um indicador, que suscita a importância de uma boa comunicação com a Procura.

III – Já realizou visitas com acompanhamento profissional?

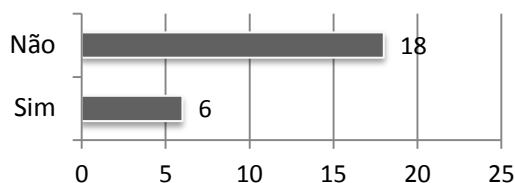


Gráfico 13 –Nº de indivíduos que realizaram visitas com acompanhamento profissional (Elaboração própria)

Observa-se, de acordo com o gráfico 13, que grande parte dos inquiridos, ainda não realizou visitas com acompanhamento profissional (guias ou outros agentes competentes) até à data de realização deste inquérito. Apenas seis confirmaram já ter realizado essa atividade. Os dezoito indivíduos consideram essenciais este tipo de atividade.

Dos seis inquiridos que já realizaram visitas com acompanhamento profissional, somente quatro já visitaram o Médio Tejo, com estes serviços, conforme se pode observar na figura 14.

IV – Já realizou visitas à região do Médio Tejo com acompanhamento profissional?

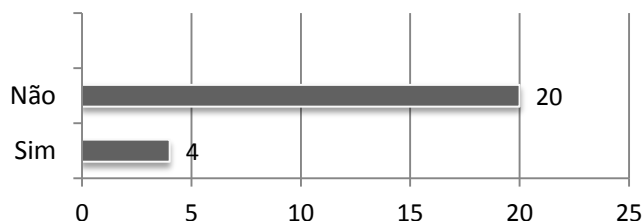


Gráfico 14 - Nº de indivíduos que já realizaram visitas com acompanhamento profissional no Médio Tejo. (Elaboração própria)

Quando inquiridas sobre o seu grau de satisfação, relativamente a estas visitas, a sua opinião divide-se, sendo que 50% atribui a classificação de: “Bom”, os restantes 50% consideraram as atividades de: “desajustadas”.

Verifica-se a necessidade de recorrer a mais ações desta natureza, pois a divulgação e realização destas atividades, acabará por se traduzir em mais atividades, mais consumo e, por conseguinte, mais divulgação desta região.

V – Seleccione os obstáculos que considera serem o principal impedimento ao desenvolvimento do turismo na região do Médio Tejo?

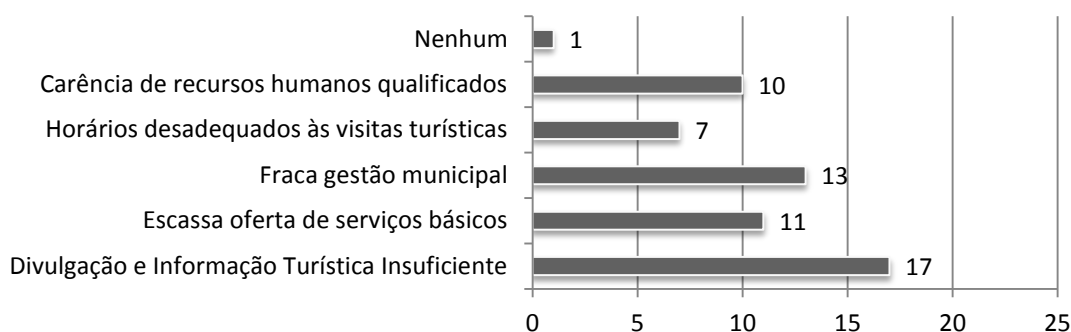


Gráfico 15 - Principais obstáculos que impedem o desenvolvimento do turismo no Médio Tejo
(Elaboração própria)

Nesta questão, possibilitou-se ao inquirido a escolha de mais do que uma opção, podendo este eleger todos os obstáculos que considerasse preponderantes.

Como é possível observar no gráfico 15, o principal obstáculo identificado pelos inquiridos foi: “Divulgação e Informação Turística Insuficiente”. Poderão ser vários os motivos que levaram a esta escolha, mas a comunicação, promoção e divulgação dos recursos, bem como dos eventos, terá de ser repensada, de modo a alterar estes números. A “Fraca Gestão Municipal” foi a segunda razão mais apontada para o insucesso do desenvolvimento turístico desta região. Apesar de unidos, os municípios constituintes do Médio Tejo deverão fomentar o trabalho em rede e reunir esforços na criação de políticas mais ajustadas à sua realidade turística.

Alguns inquiridos (onze) consideram que o obstáculo da “Escassa Oferta de Serviços Básicos”, tornando esta razão, na terceira mais escolhida. Este resultado sugere que se deverá trabalhar em parceria com os agentes públicos e privados, na construção e elaboração de iniciativas e medidas turísticas aplicadas ao território do Médio Tejo.

A “Carência de Recursos Humanos Qualificados”, é outro obstáculo evidente, identificado por dez inquiridos evidência, com dez indivíduos a selecionarem esta opção. Embora, seja um facto, que o nosso país detém grandes profissionais e recursos humanos, as escolas estão cada vez melhor preparadas e equipadas para a formação de recursos humanos em Turismo e, o presente curso de Mestrado, disso é exemplo. Perante este facto,

os municípios necessitam promover e fomentar uma seleção mais adequada de recursos humanos na área do Turismo.

VI – Na sua opinião, que importância atribui à existência de um serviço de transporte turístico, que conceda simultaneamente experiências de visitação no território do Médio Tejo?

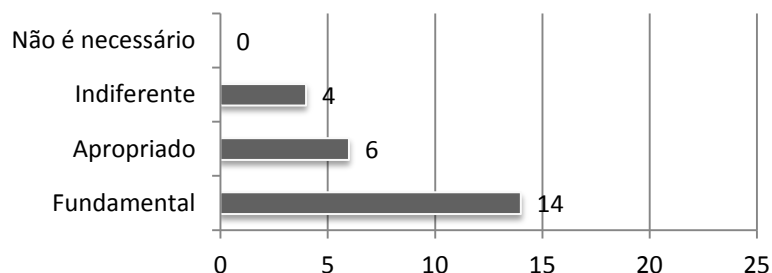


Gráfico 16 – Classificação da criação de um serviço de transporte e informação turística.
(Elaboração própria)

Tentámos apurar na questão VI, a importância atribuída pela população inquirida, quanto à existência de um serviço semelhante ao que pretendemos proporcionar e, as respostas não poderiam ser mais favoráveis: 56%, manifestaram ser fundamental a existência de serviço deste tipo; 24% indicaram que seria apropriado existir esta alternativa, para os restantes 16% seria indiferente; e um indivíduo não respondeu. Este resultado, vem fortalecer a nossa aposta neste sector e aludir a uma necessidade de dinamização e fortalecimento do *Touring*, nesta região.

VII – Considerando a existência de um transporte que realizasse visitas aos principais pontos turísticos, bem como a locais recônditos fascinantes, promovendo um turismo de experiências na região do Médio Tejo, estaria recetivo a usufruir desse serviço?

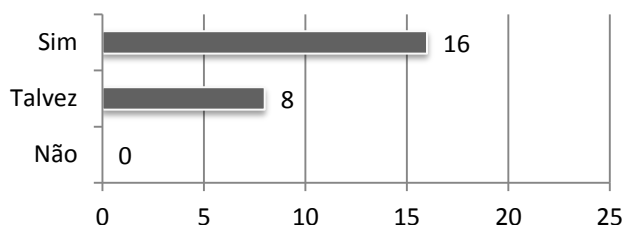


Gráfico 17 – Nº de indivíduos interessados na aquisição dos serviços da Acultour
Elaboração própria

O gráfico 18, reflete a tendência de consumo dos serviços por nós propostos enquanto associação sem fins lucrativos. Os resultados desta pergunta, fundamentam e consolidam, a possibilidade de desenvolver o serviço que pretendemos.

Capítulo V – Experiências em Turismo

5.1 - Turismo como consumo de experiências

Sabemos que o Turismo se define pelas deslocações, atividades e permanência de indivíduos, fora do seu ambiente natural, por um período contínuo que não ultrapasse um ano e não seja inferior a vinte e quatro horas, por motivos de lazer, negócios e outros que não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada, no destino (OECD, 2008, p. 546) e, etimologicamente, entende-se por experienciar, “*Viver ou verificar determinada sensação ou sentimento através da experiência; passar pela experiência de.*” (Barthes e Compagnon, 2001, p. 1646).

“(…) *consumir turismo é consumir experiências.*” (Sharpley e Stone, 2010, p. i), É no contexto desta afirmação, que afirmamos que, durante o consumo do Turismo é inevitável viver, verificar ou experimentar serviços e produtos durante a deslocação dos indivíduos para fora seu do ambiente natural, como descreve a própria definição de turista (o consumidor de Turismo). Logo, entendemos esse facto como consumo de experiências, o qual denominamos de “experiências em Turismo”.

Como refere Sharpley e Stone (2010, p. i), o consumo do Turismo (como consumo de experiências), é composto por dois tipos: as experiências dos turistas, e a experiência do Turismo, as quais apresentamos na imagem 27:

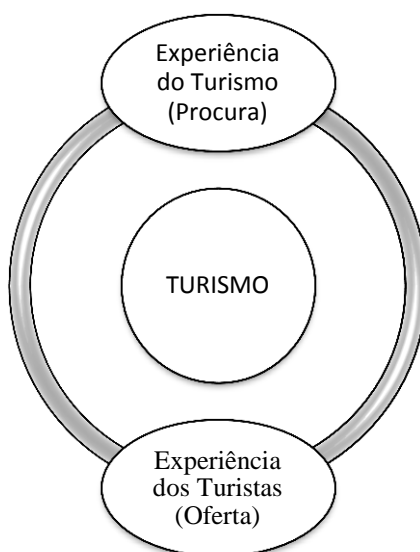


Figura 27 - Composição das experiências em Turismo
(Elaboração própria)

Com base na figura 27, passamos a descrever os dois tipos de experiências em Turismo:

a) As experiências dos turistas, podem ser encaradas como aquelas que são criadas ou oferecidas pelas inúmeras empresas, organizações, ou indivíduos que compõem o setor do Turismo; eles comercializam experiências que, de certo modo, satisfazem uma necessidade imediata (uma refeição, uma viagem de avião, alojamento, entretenimento, etc.) e espera-se que proporcionem benefícios ou uma satisfação imediata, mas de curta duração (*Idem, Ibidem*).

b) A experiência do turismo, é a experiência de se ser um turista, o que resulta, não só, de uma combinação de experiências, mas também do sentido ou do significado que lhe é atribuído pelos turistas em relação à sua vida sociocultural habitual (experiência pela diferença), e que pode ser mediado pelas características do destino. Implicitamente, portanto, a experiência do Turismo traz benefícios mais duradouros ou recompensas para os turistas, talvez, compensando, determinadas necessidades sociais ou objetivos (*Idem, Ibidem*).

As experiências que propomos oferecer, enquanto associação sem fins lucrativos, serão desenvolvidas tendo por base o conceito de *Touring* que, consiste em “*Descobrir, conhecer e explorar os atrativos de uma região.*” (Turismo de Portugal, 2006, p. 9), colocando dois tipos de veículos automóveis à sua disposição, na esperança de que, com este tipo de experiência, possamos provocar sensações ou sentimentos, permanecendo e projetando, na memória dos visitantes, uma imagem positiva e favorável, do destino que o acolhe.

Por outro lado, as experiências dos turistas não são uniformes pois, a relação das experiências do Turismo, são únicas para cada indivíduo, logo, existem tantas experiências, quanto turistas, facto que torna, quase impossível, descrever a natureza do Turismo de experiências (*Idem, Ibidem*).

Como é extremamente difícil conhecer os hábitos individuais de cada turista, será portanto, extremamente difícil criar experiências individuais. Julgamos que a forma mais adequada e eficaz de proporcionar experiências a estes viajantes, seja a cocriação², desenvolvimento e proposta de variadíssimos circuitos e rotas, estruturando e concentrando os elementos, que irão permitir, dessa maneira, uma melhor apresentação da região.

² Co-criação no antigo acordo ortográfico

5.2 - O touring como experiência na região do Médio Tejo

Como já referimos, a visitação da região do Médio Tejo será o ponto de partida da nossa associação. Este território, não só pelas suas características geográficas como também culturais e patrimoniais, apela sobretudo ao desenvolvimento do *Touring*.

Como indica o PENT, este tipo de Turismo, foi a segunda principal motivação de deslocação a Portugal em 2006:

“A Espanha (22%), o Reino Unido (17%) e a Alemanha (13%) foram os principais mercados emissores. Este produto é especialmente importante na Madeira (57%) e no Alentejo (56%). Nas restantes regiões, os valores variam entre os 45% e os 50%, com excepção da região de Lisboa (30%) e do Algarve que praticamente não é visitado para Touring.” (PENT, 2007, p. 64).

O PENT refere também, que, o aumento dos turistas estrangeiros, será efetivado através do *Touring*, vejamos:

“O Turismo na região Centro deverá crescer em número de turistas e em valor. A estratégia prevê o cross-selling com a região de Lisboa e do Porto e Norte. A atracção de turistas estrangeiros será feita através dos produtos Touring e Turismo de Natureza” (PENT, 2007, p. 54).

Uma vez que a Região do Médio Tejo está atribuída à zona Centro do país, estas indicações incidem sobre ela.

Existem muitas outras formas de proporcionar experiências em Turismo, mas optamos principalmente pelo *Touring*, não só por se apresentar como um dos dez produtos estratégicos do PENT (sol e mar, *Touring* cultural e paisagístico, city break, Turismo de negócios, Turismo de natureza, Turismo náutico, saúde e bem-estar, golfe, resorts integrados e Turismo residencial, e gastronomia e vinhos), mas também por possuímos as competências, quer profissionais, quer pedagógicas, para este tipo de atividade, além de que não se verifica uma vigorosa aposta neste tipo de Turismo na região do Médio Tejo, pelo menos, ao nível dos agentes locais.

5.2.1 - Opinião de alguns operadores turísticos sobre as experiências em turismo no Médio Tejo

Em contacto com alguns operadores do Médio Tejo, através de um inquérito, foi possível confirmar o exposto anteriormente. Dos trinta questionários enviados, apresentamos de seguida na tabela 10, as respostas dos três operadores que responderam, nomeadamente: Terra Oculta, Caminhos com Vida, e Zerpelin.

Tabela 10: Respostas do inquérito realizado às EAT, na região do Médio Tejo.

Pergunta	Respostas		
	Terra Oculta	Caminhos com Vida	Zerpelin
Considera que os recursos culturais do Médio Tejo são aproveitados de forma eficaz pelos Operadores Turísticos desta Região?	“Não”	“Não”	“Não”
A sua empresa executa atividades ao nível do turismo cultural na Região do Médio Tejo?	“Não”	“Sim: Passeios pedestres de interpretação do património”	“Não”
Como vê as oportunidades de negócio, nomeadamente através da realização de atividades de Touring / Visitação do património, nesta Região?	“Uma boa oportunidade de negócio, mas pouco explorada”	“Na minha opinião, existem oportunidades de negócio nesta região, na medida em que existe uma grande variedade de atrativos turísticos num espaço relativamente reduzido”	“O Património cultural que conheço no concelho de Mação, a região onde trabalhamos, não está devidamente recuperado, tornando-o difícil de visitar e apreciar. Mesmo que o estivesse, tenho algumas dúvidas que houvesse mercado suficiente. Nunca encontramos na nossa empresa algum cliente que se mostrasse minimamente interessado em pouco mais do que a paisagem. Não digo que não haja oportunidades de negócio mas teriam de ser muito bem planeadas e publicitadas. Seria necessário oferecer algo diferente”
Na sua opinião, o que pensa faltar na Região do Médio Tejo, para que esta se afirme como destino turístico?	“Uma agência de promoção na zona, uma vez que a região de turismo não funciona”	“Na minha opinião falta a vontade de trabalhar em conjunto, por parte dos vários agentes (entidades oficiais, empresas, etc.)”	“Proteção do meio ambiente, em particular da produção desenfreada de madeira e de aproveitamentos turísticos mal informados das câmaras municipais; Uma marca forte, o que passa por definir uma estratégia concertada e conquistar uma identidade própria nas cabeças dos potenciais visitantes. Médio Tejo é suposto ser sinónimo de qualquer coisa única. Qual?”

(Elaboração própria)

Estas respostas, por parte destes profissionais do sector, serão levadas em consideração na elaboração do nosso projeto, visto refletirem opiniões de entidades que trabalham diariamente no terreno e, possuem um conhecimento privilegiado, dos vetores a ter em consideração num projeto desta natureza.

5.3 - Especificidades na estruturação dos produtos enquanto experiências em turismo

Devido às diferentes tendências de consumo, verificado ao longo dos anos, também o Turismo conheceu vários tipos de motivação. Ao criar conceitos e critérios mais exigentes para a atividade, a OMT procurou assim acompanhar os requisitos da procura. À semelhança da própria definição de Turismo, também a conjuntura e o consumo conheceram várias disposições.

Na ótica dos bens consumidos, o “produto turístico” identifica-se pela reunião de vários elementos que, isoladamente, não seriam habitualmente categorizados de “turísticos” ou como possuindo valor turístico, sendo que, ao agrupá-los, reunimos a condição ideal para os apelidar de “produtos turísticos” (Ignarra, 2003, p. 50).

Nessa medida, observemos a figura 28, onde estão elencadas as matérias-primas que constituem um Produto turístico.

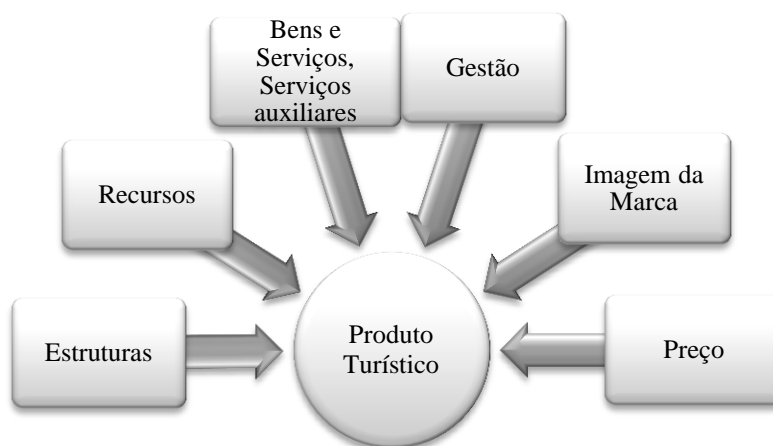


Figura 28 - Matérias-Primas do Produto Turístico.
Fonte: Ignarra, 2003, p. 50 (adaptado)
(Elaboração própria)

Como refere Ignarra (2003, p. 50), a matéria prima de um produto turístico são os bens e serviços utilizados para garantir a satisfação do cliente. Estes, são compostos por: produtos alimentares, produtos de utilização em instalações turísticas, serviços de acolhimento e, serviços de informação turística, sendo complementados pelos serviços auxiliares: equipamentos de apoio ao turista.

Embora a conjuntura possa condicionar o Turismo, e este, por sua vez, condicionar o território da comunidade, ambos se complementam. Será, portanto, uma oportunidade ao progresso de qualquer região, o desenvolvimento do Turismo, como vários estudos assim o sugerem.

Podemos referir que, *“O turismo pode trazer à comunidade local uma série de benefícios económicos, por meio de empregos diretos e indiretos, aumento da renda local, melhoria das estruturas e dos serviços públicos (...) um exemplo concreto de impactos positivos do turismo são os investimentos em capacitação e infra-estruturas(...)”* (Scarpato, 2008, p. 16).

O Turismo está a mudar, assim como o próprio consumidor (o Turista). É necessário, então, o acompanhamento às alterações no comportamento dos viajantes. Como se refere, *“One of the major characteristics of tourism is its dynamic nature. Like any other complex human activity, tourism is made up of a large number of elements and processes, all of which are capable of considerable change over time, in some cases at a very rapid rate.”* (Butler, 1997, p. 9).

Nesta lógica de mudança, as experiências que compõem o Turismo, possuem um espaço natural, que podemos traduzir por “experimentar ambientes, sensações e produtos”.

Como atividade sistémica que é, o Turismo partilha transversalmente uma série de produtos e serviços, facultados por diversos sectores (restauração, hotelaria, transportes, animação, etc...) que poderão ser adquiridos e consumidos pelos turistas.

Isto é, um determinado bem consumido por um turista, será indicado como consumo turístico em estatísticas e estudos e, nesse sentido, analisados como tal. Estas análises, e sendo divulgadas, são úteis para uma melhor perceção dos mercados sobre os produtos turísticos que são oferecidos no destino, permitindo melhor segmentar a Oferta.

A variedade dos serviços e produtos à disposição do turista são tão diversos (além dos óbvios), que tornar-se-á uma tarefa difícil reconhecer, quais são os produtos que atraem ou preenchem as necessidades dos diferentes tipos de turistas. Isto é, um viajante cuja motivação depende exclusivamente de negócios, poderá no seu tempo disponível, consumir ou utilizar produtos que foram concebidos ou pensados para um outro público alvo, como por exemplo turistas de desporto.

Nesta relação, *“O papel do consumidor passa do mero receptor de produtos formatados para o de co-produtor de experiências turísticas, exercendo a sua própria criatividade, o que força os produtores a serem mais criativos na (co-)produção de experiências turísticas.”* (Richards e Wilson, 2007a, p. 2).

Dessa maneira, a nossa Associação não segmentará a sua Oferta segundo as motivações dos turistas (culturais, lazer, religiosas, desportivas, de negócios e outros), mas sim em duas perspetivas (analisadas detalhadamente posteriormente neste projeto), numa vertente geracional (Tradicionais, *Baby Boomers*, Geração X e Geração Y), pois acreditamos que cada geração possui valores, características e exigências distintas. A outra vertente, consiste em proporcionar ao visitante, a opção de criar, ele próprio, o circuito que considera mais apropriado à sua satisfação um género de visitas *à la carte*.

Capítulo VI - Definição do Projeto: O *Touring* como contributo para o desenvolvimento do destino Médio Tejo

6.1- Apresentação do Projeto

Depois de uma pequena apresentação do território onde atuaremos, dos números suscitados pelo Turismo a nível internacional, nacional e regional, da distinção das várias experiências que compõem o Turismo e, de aludir ao *Touring* como um dos dez produtos turísticos que poderão potenciar o Turismo em Portugal e na região, pretendemos de seguida apresentar o veículo essencial para o incremento e desenvolvimento da nossa proposta de base, isto é, do *Touring* na região do Médio Tejo. Para isso, propõe-se a criação de uma associação sem fins lucrativos, que proporcionará experiências de visita aos turistas, através das suas atividades.

Pretende-se fundamentalmente, que este projeto aproveite os recursos endógenos, culturais e patrimoniais, transformando-os em produtos de valor atrativo e, operacionalizando grande parte da Oferta desta região, principalmente no sector turístico, sempre numa ótica sustentável apoiada nas novas tecnologias. A figura 32, apresenta as componentes que configurarão as atividades da nossa associação:

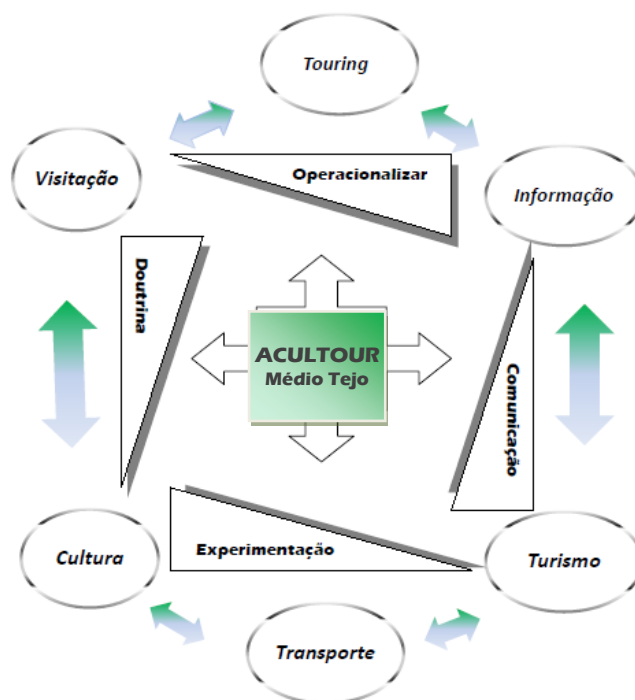


Figura 29 – Componentes da Oferta da associação Acultour (Elaboração própria)

Atualmente e, devido à sua extrema importância, nomeadamente na atividade turística, não seria possível descurarmos a “sustentabilidade”, como um elemento de grande importância na estruturação de qualquer atividade turística. Dessa maneira, serão também alvo de preocupação da Associação, não só a preservação dos locais visitados, através da adoção de medidas internas, bem como, o aproveitamento integrado de todos os excedentes e recursos necessários à realização da atividade, de modo a preservar o meio ambiente.

A eleição de experiências turísticas marcantes, será nossa missão. Não confiamos em respostas fáceis e despreocupadas, acreditamos que a qualidade é o fator-chave de qualquer serviço que se preste, seja a sua finalidade alcançar o lucro, ou não.

A satisfação dos visitantes será sinónimo de ainda mais visitantes e, se conseguirmos que regressem ao seu ambiente habitual, satisfeitos e realizados com esta região, certamente que isso influenciará o aumento de visitas. A responsabilidade social e ética, são fatores decisivos no nosso projeto.

A OMT, defende que: *“As comunidades de acolhimento por um lado, e os actores profissionais locais por outro, devem aprender a conhecer e respeitar os turistas que os visitam, e informar-se sobre os seus modos de vida, gostos e expectativas; a educação e formação ministradas aos profissionais contribuem para um acolhimento hospitaleiro(...)”* (OMT, 1999, p. 5). Nessa perspetiva, é nossa intenção deixar uma “marca” positiva e favorável no visitante / turista.

A tendência do lucro e dos proveitos, que impera nas sociedades mais modernas e capitalistas, ofuscou em muito, a preocupação dos agentes (principalmente os públicos) em garantir serviços de excelência, isto é, em ir além da satisfação do visitante. Como não retêm benefício diretos e imediatos com isso, descuram a excelência, realizando apenas o básico, o que lhes é pedido. É exatamente, deste tipo de filosofia, que nos pretendemos demarcar, contribuindo assim para uma diferenciação, tentando deste modo anular alguns possíveis equívocos que os visitantes possam adquirir ao lhes ser facultado um serviço, onde a grande preocupação de quem o prestou, ou é acabar no horário, ou obter lucro.

Atualmente, e sem juízos de valor da nossa parte, consideramos que impera (principalmente no mundo ocidental), a tendência da procura do lucro. É prova disso, a “mensagem” que o atual Governo Português, tenta promover nos seus concidadãos,

promovendo a obtenção de receita, com os menores custos, de acordo com o atual Ministro de Estado e das Finanças, Vitor Gaspar (2011), que refere que *“A estratégia orçamental que seguimos combina medidas de impacto mais imediato de aumento da receita e de cortes significativos do lado da despesa”*. É portanto, provável e compreensível, que grande parte dos agentes públicos reduzam esforços no acolhimento, informação, e animação, provocando uma quebra na retenção de turistas ou, na qualidade do serviços, uma vez que os cortes na empregabilidade foram e serão inevitáveis futuramente.

Contudo, não poderemos esquecer os indivíduos que se deslocam até esta região, pelo que deveremos ter em conta que os visitantes e turistas são fundamentais para a difusão de uma imagem enérgica e favorável, pois serão eles que servirão de “correio” entre o “lá” e o “cá”, isto é, eles levarão consigo, o testemunho das experiências que a região do Médio Tejo lhes proporcionou e, todos teremos a ganhar se for um testemunho positivo, conceito conhecido como marketing *“mouth to mouth”*.

Quanto aos agentes privados, que naturalmente procuram o lucro, também sofreram grandes penalidades devido à conjuntura, obrigando-os assim a alguns ajustes da sua oferta.

Enquanto associação sem fins lucrativos, a nossa missão, será garantir, facilitar e ministrar atividades de visitação, para que os visitantes possam usufruir deste tipo de serviço, e garantir de um acompanhamento e acolhimento qualificado, assim como a disponibilidade de usufruir de transporte, profissional e de excelência, durante a atividade.

Nessa perspetiva, apresentamos na figura 30, apresentaremos uma imagem descritiva dos vários níveis de todas as nossas atividades, enquanto serviços, nomeadamente o serviço principal, o atual e o acrescentado.

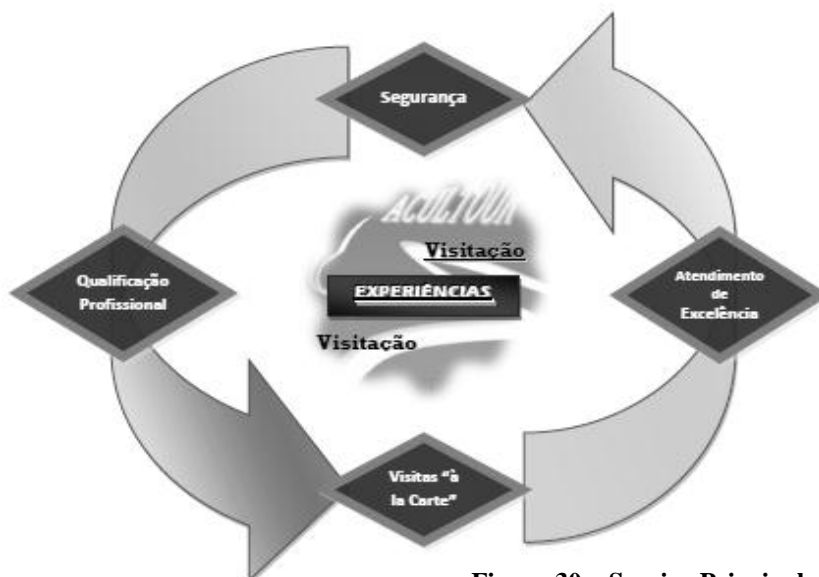


Figura 30 – Serviço Principal, serviço Atual e Valor Acrescentado da Associação Acultour (Elaboração própria)

No **serviço principal** (*core service*), compreendem-se as experiências proporcionadas pela realização das nossas atividades, orientadas para a descoberta de novas sensações, com o auxílio de transportes interior

O **serviço atual** (*actual service*), traduz-se na visitação a locais que consideramos possuírem particularidades específicas (alguns não acessíveis à maioria dos visitantes).

Este processo de trabalho, estará sempre apoiado em medidas sustentáveis, seja na preservação dos locais visitados, seja no “desgaste” provocado no ambiente devido às deslocações.

Nesse sentido, procuraremos utilizar os meios tecnológicos mais modernos, de modo a moderar o consumo de recursos nas deslocações até aos recursos, tudo isso, ampliado pela segurança, hospitalidade, qualificação profissional e pela proposta de visitas *à la carte* que, despertarão dessa maneira, o **valor acrescentado** das nossas atividades.

É nossa intenção através das iniciativas da associação, criar atividades recreativas que despertem experiências, de modo a produzir uma motivação extra nos viajantes, contribuindo, assim, para o aumento de viagens e dormidas de indivíduos motivados, não só pela visita a familiares, ou negócios, como indicado nas estatísticas, mas também pelo lazer e novas experiências

A denominação da Associação será:

ACULTOUR



A_{animação} ***cul***_{tura} ***Touring***

Optámos pelo acrónimo “Acultour”, principalmente, por três razões. A primeira, prende-se com a fonética, que parece apresentar uma facilidade natural ao ser pronunciada quer por portugueses, quer por estrangeiros, nomeadamente por quem fala inglês. A segunda, tem que ver com a sua composição, na medida em que é constituída pela primeira sílaba de algumas palavras-chave ligadas às atividades que propomos, nomeadamente, “animação, cultura e *Touring*. Por último, e muito importante, é o facto de começar pela letra, “A” pois, estrategicamente, indica alguma vantagem na pesquisa por parte dos visitantes, na medida em que esta letra é a primeira do alfabeto.

6.2 - Justificação do Projeto

À semelhança de outros territórios nacionais e internacionais, o Médio Tejo possui uma indubitável série de condições e qualidades (geográficas, patrimoniais e culturais), capazes de satisfazer qualquer que seja o elemento motivador do viajante que se desloque até esta região. Contudo, consideramos que isso não signifique uma metodologia e operacionalização suficientes da gestão e/ou aproveitamento económico e sociocultural destes recursos, uma vez que, apesar do valor evidente do património, verifica-se a inexistência de uma ligação entre os recursos e entre os próprios municípios, isolando assim, em termos turísticos, a Oferta.

O presente projeto não se apresenta como um instrumento de resolução definitivo deste problema, mas sim como uma contribuição para o desenvolvimento e aproveitamento turístico-económico da região. É por isso, um ponto de vista, de como, em sede de

desenvolvimento de produtos de Turismo cultural, se poderá agregar valor à componente de projetos e iniciativas empresariais da região, criando condições de ligação entre locais e recursos de vários municípios, unindo assim, os atrativos que atualmente se encontram isolados.

Numa leitura atenta da estratégia do PENT, mencionado pelo Turismo de Portugal, fica esclarecido que, “(...) *queremos percecionar o destino turístico Portugal enquanto um dos destinos na Europa com um desenvolvimento mais sustentável, através do desenvolvimento baseado na qualificação e competitividade da oferta, alavancado na criação de conteúdos autênticos e experiências marcantes e genuínas, transformando o setor num dos motores do desenvolvimento social, económico e ambiental a nível regional e nacional*” (PENT 2.0, 2011, p. 10).

De acordo, ainda com o PENT (figura 31) , podemos igualmente destacar a aposta no desenvolvimento de produtos de *Touring*, indo ao encontro dos nossos objetivos.

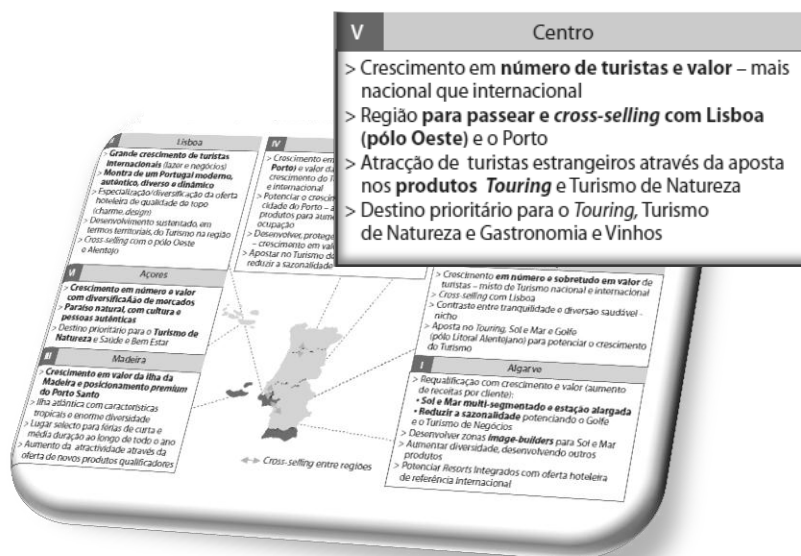


Figura 31 – Conceito / Objetivo por região (NUT II)
Fonte: PENT, 2007, p. 74

Ao criarmos um projeto desta natureza, além da projeção do Médio Tejo como destino turístico, a nossa missão será a de contribuir com a nossa proposta para a valorização dos recursos, dando essencial destaque à cultura, com o objetivo de desenvolver e rentabilizar o movimento turístico nesta região. Desta forma, pretendemos promover, o crescimento económico, que por sua vez intensificará o progresso desta região estando atentos à ideia

de que, “(...) *dever-se-á reforçar a qualidade dos produtos turísticos, complementando a oferta com experiências marcantes como forma de oferecer aos turistas que nos visitam vivências únicas e genuínas.*” (Idem, *Ibidem*).

Esta chamada de atenção, é sustentadora de várias propostas favoráveis e, a nossa, é particularmente orientada, de modo a responder a este e outros tipos de constatações dos potenciais do “anexos” do Turismo como coprodutores da oferta do destino. Exemplo disso, será a possibilidade do visitante, programar e organizar a visita, à sua medida, não tendo de frequentar os mesmos sítios no caso de utilizar o serviço duas ou três vezes.

*“A visão definida no PENT para o Turismo nacional mantém-se globalmente válida, tendo sido identificada a oportunidade de a reforçar com dois aspetos, o enfoque num modelo de desenvolvimento sustentável e a **diferenciação** mais vincada por via de **experiências marcantes e genuínas**”* (PENT 2.0, 2011, p. 9).

6.3 - Principais vantagens competitivas do destino turístico Médio Tejo

As características vantajosas que o Médio Tejo possui para o desenvolvimento do Turismo, traduzem-se na variedade e, ao mesmo tempo, na singularidade que o território apresenta a vários níveis.

Isoladamente, a maior parte dos onze municípios da região do Médio Tejo seriam locais pouco atrativos, na medida em que existem territórios que dispõem apenas de duas/três unidades hoteleiras (ex.: Mação, V. N. Barquinha e Sardoal), ou seja, com reduzida capacidade de alojamento, o que, em termos turísticos e, na dimensão do território, consideramos como escasso, comparativamente com Fátima, que se compreende como um fenómeno de visitas isolado devido às características da motivação dos visitantes (religiosas). Como já se referiu, se estivessem “separados”, a promoção seria feita individualmente e certos pólos não teriam a capacidade de a realizar, quer por falta de meios técnicos, financeiros, e até mesmo na oferta de atrativos.

A competição seria muito grande e acabaria por “afastar” as pessoas de certas zonas menos promovidas, para visitarem aquelas com maior capacidade de atração, de promoção e de recursos. Mas, por outro lado, a união e a criação da região do Médio Tejo trouxe um equilíbrio, isto é, os territórios mais pequenos e com menos recursos, ficam equitativamente apoiados, nomeadamente ao nível da promoção.

A união deste território é, acima de tudo, uma mais-valia para a população local pois, a identidade das tradições culturais e dos atrativos, mantêm-se diferenciados pelas características singulares que apresentam, assistindo assim à **união pela diferença**, através de dois pontos unificadores: a bacia hidrográfica do rio Tejo e, características histórico-patrimoniais exclusivas.

O Médio Tejo como destino, além da sua identidade (analisada anteriormente), necessita de divulgar e promover elementos que possam, posteriormente, competir com outros destinos, bem como, passíveis de reformas inovadoras, de modo a acompanhar as tendências e evoluções técnicas ao nível do Turismo.

Apontamos de seguida, no quadro 6, as principais vantagens competitivas do Médio Tejo, divulgadas no estudo de estratégia e desenvolvimento PTD, cujo horizonte temporal é de 2008 - 2013.

Quadro 5: Vantagens Competitivas do Médio Tejo

Localidade	Eixo competitivo	Descrição
Abrantes	Geografia	<i>Um futuro construído na relação com o Tejo.</i>
	Sociocultural	<i>Uma cidade com tradição industrial articulada com a tecnologia e o sistema de ensino.</i>
Alcanena	Cultural	<i>Uma vila com tradição industrial ligada à indústria de curtumes.</i>
Constância	Cultural / Geográfico	<i>A identidade de uma vila sustentada pela confluência dos rios Zêzere e Tejo.</i>
Entroncamento	Patrimonial / Geográfico	<i>Uma cidade que se desenvolveu em torno do caminho-de-ferro.</i>
	Cultural	<i>O projeto em curso para a concretização do Museu Nacional Ferroviário.</i>
Ferreira do Zêzere	Cultural / Patrimonial	<i>Uma vila que preserva as tradições de vivência rural, patentes na aldeia de Dornes.</i>
	Geografia	<i>A apetência da Albufeira da Barragem de Castelo do Bode no turismo ligado à água e à natureza.</i>
Mação	Património	<i>Riquíssima zona paleontológica e arqueológica.</i>
	Geografia	<i>Paisagens espreiadas do norte alentejano</i>
Ourém	Religião	<i>A dimensão religiosa da cidade de Fátima.</i>
	Territorial	<i>O papel da requalificação urbana no reforço da projeção turística das cidades de Fátima e de Ourém.</i>
Sardoal	Geografia	<i>A tranquilidade de uma vila ligada à natureza e à floresta.</i>
	Religião / Património	<i>A tradição das festas religiosas da Páscoa, com as Capelas Enfeitadas.</i>
Tomar	Património	<i>A riqueza patrimonial e histórica simbolizada pelo Castelo Templário e Convento de Cristo.</i>

Continua

Continuação

Localidade	Eixo competitivo	Descrição
Tomar	Social / Geográfico	<i>A pertinência da valorização da relação da Cidade com o rio Nabão.</i>
Torres Novas	Social / geográfico	<i>A vivência urbana numa cidade atravessada pelo rio Almonda.</i>
	Geografia	<i>Cruzamento dos eixos rodoviários da A1 com a A23.</i>
Vila Nova da Barquinha	Geografia	<i>Uma vila ribeirinha que se estende ao longo das margens do rio Tejo.</i>
	Património / Cultural	<i>A memória templária do Castelo do Almourol.</i>

Fonte: PTD, 2008, p. 13. (Elaboração própria)

Com as descrições expostas no quadro 5, fortalecemos a opinião que temos vindo a expressar ao longo deste trabalho, de que o Médio Tejo concentra características próprias e exclusivas, que estabelecem, numa perspetiva turística, ótimas condições, para um excelente desenvolvimento desta região.

Deste modo, possuindo recursos, que, apresentam todas estas vantagens competitivas, bem como conhecendo a tendência da Procura como analisado anteriormente, resta-nos, através de um planeamento estratégico, criar e implementar ações que contribuam para o desenvolvimento do destino Médio Tejo.

Neste sentido, apresentamos no capítulo VII, um modelo de negócios, que, apesar de se revelar como um instrumento, sobretudo dedicado a empresas, poderá ser adaptado ao nosso tipo de organização (associação sem fins lucrativos). Pretende-se com este modelo, apresentar de uma maneira genérica e essencial, a orgânica da associação Acultour.

Capítulo VII - Modelo do projeto

7.1 - Tela do Modelo de Negócios

A Tela do modelo de negócios proposto por Alex Osterwalder e Yves Pigneur, parte do mesmo princípio de qualquer outro modelo, na medida em que se estabelece na Procura, Oferta, Instalações e na Viabilidade Financeira.

A escolha deste modelo, que representa uma ferramenta de gestão estratégica, permite auxiliar na estruturação de uma organização, estando, diretamente, ligado a estas e ao seu funcionamento, baseou-se no facto deste modelo ter já sido aplicado em várias empresas, algumas delas, multinacionais, como por exemplo a IBM e a Ericsson, ou seja, a evidenciando a sua relevância como um excelente recurso de controlo, gestão e modelo de apresentação, permitindo criar estratégias alternativas.

Este modelo compreende também, todos os elementos (denominados de blocos de construção), de um modelo de negócios tradicional, mas apresenta-os de uma forma mais clara (Osterwalder e Pigneur, 2010, p. 15).

Apesar da finalidade do nosso projeto, como já referido não ser a procura do lucro, o funcionamento de um associação não se poderá desligar da orgânica de uma organização, pelo que adotaremos esse modelo, exposto na figura 32.

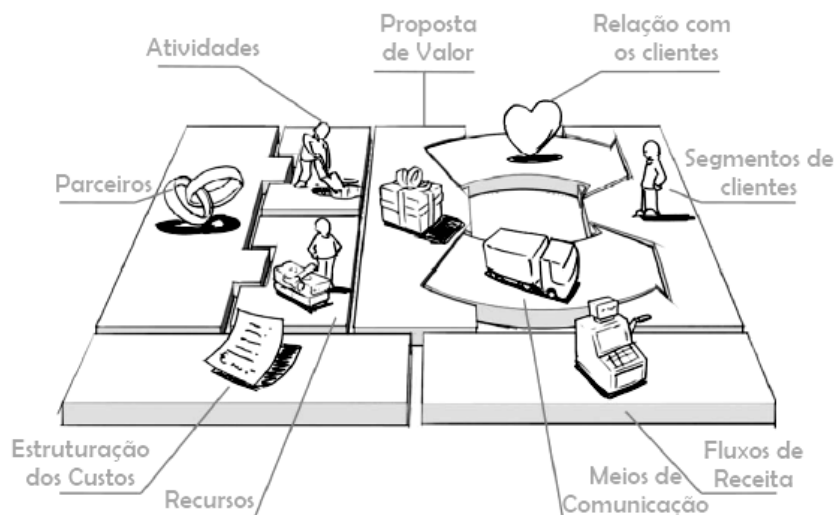


Figura 32 – Composição da Tela do modelo de negócios
Fonte: Osterwalder e Pigneur, 2010, pp. 18, 19 (adaptado)

Como já referido, esta Tela de negócio, aborda nove áreas do negócio, descritas na figura 32, compreendidas nas suas quatro principais vertentes, ou seja: a Procura, Oferta, Instalações e Viabilidade financeira (*Idem, Ibidem*).

Descrevemos de seguida, a análise de cada um destes aspetos, nos pontos seguintes (7.1.1 a 7.1.9), na perspetiva de uma organização sem fins lucrativos.

7.1.1 - Segmentos de Clientes

Por clientes, entendem-se todos os consumidores ou coprodutores das atividades propostas pela associação (nacionais e estrangeiros). Neste âmbito, a associação entende, como fundamental, a prestação de um serviço profissional e qualificado, de modo a responder, através de um contato de excelência com os turistas, a satisfação de uma experiência em Turismo. Segmentámos a nossa oferta, a dois tipos de público específicos: os “**Tradicionalis**” e *Baby Boomers*; e à **geração Y** e **geração Z**.

O comportamento dos turistas é analisado geralmente em diferentes perspetivas, tais como: o local de residência; a profissão; o género; o nível de escolaridade; o estado civil; os rendimentos; e o ciclo familiar. No entanto, a idade, tem sido cada vez mais sugerida como uma variável de escolha e, parece ser um determinante importante na imagem do consumo, influenciando, dessa maneira, o comportamento dos viajantes na escolha das viagens (Huang e Petrick, 2010, p. 27).

Uma vez que, propomos os produtos segundo uma variável demográfica, designadamente (a idade dos consumidores), importa então considerar, não só a sua idade cronológica, mas, sobretudo, apostar nas diferentes “gerações” e respetivas classes etárias que encerram (Huang e Petrick, 2010, p. 27 *apud* Stevens et al., 2005).

A utilização do termo “gerações”, é abordado por investigadores que analisam e estudam os efeitos da população na sociedade, com o objetivo de se dirigirem às pessoas que terão nascido num determinado período de tempo e terão convivido com os mesmos “eventos-chave” histórico-sociais (Huang e Petrick, 2010, p. 27 *apud* Gursoy et al., 2008).

Apresentamos então de seguida, na figura 33, as principais características do consumo, reveladas pelas gerações acima mencionadas:

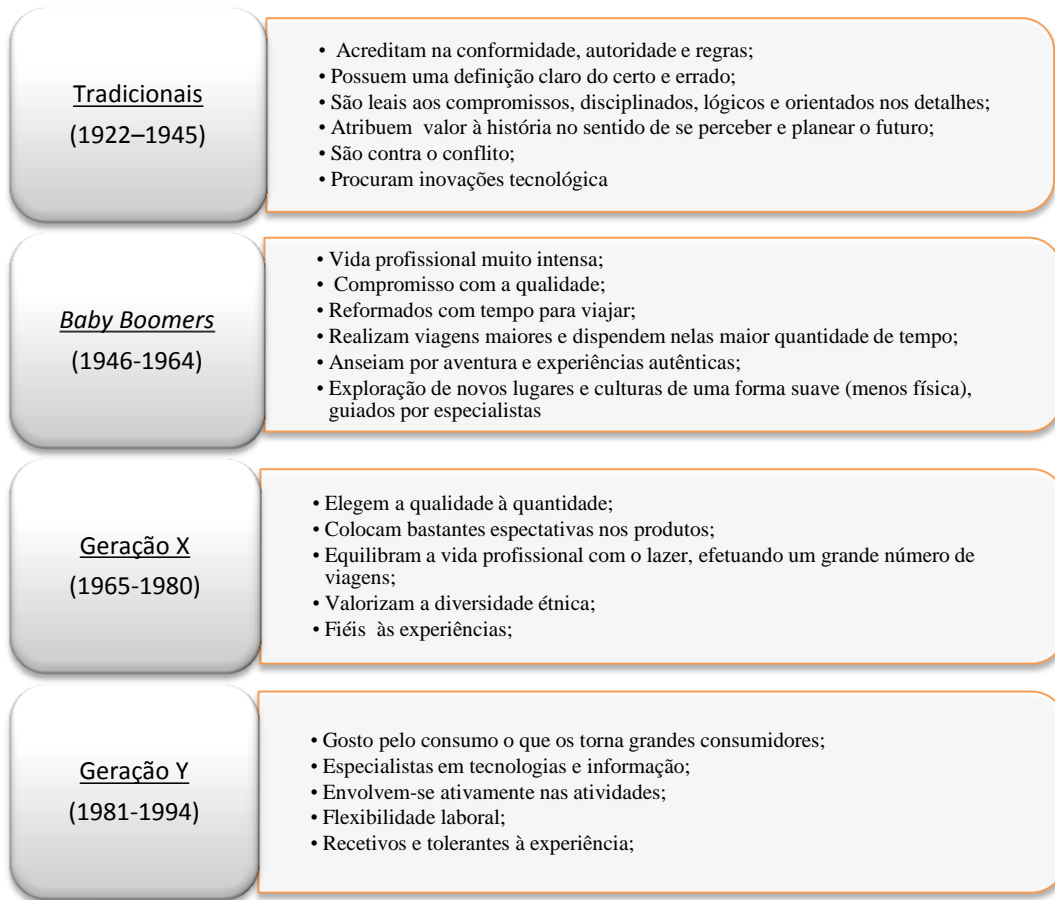


Figura 33 – Principais características das gerações entre 1922 – 1994.

Fonte: Heather e Jerome, (2012, p. 207), Mitchell (2005), Huang e Petrick (2010, pp. 27 - 28)
(Elaboração própria)

7.1.2 - Propostas de valor

As propostas de valor, conforme apresentado na figura 34, terão por base as experiências proporcionadas pela visitação, através de um serviço profissional, especializado, qualificado e de excelência (*Hi-tourism*), à região do Médio Tejo (*Middle Tagus*), que esperamos, se traduza num elevado grau de satisfação, no que ao acolhimento e informação turística diz respeito, a um preço baixo (*Low Price*) nomeadamente, para suportar a despesa da realização da atividade.



Figura 34 – Propostas de Valor da Associação Acultour
(Elaboração própria)

7.1.3 - Meios de Comunicação

Os meios de comunicação serão fundamentalmente a internet, através do nosso *site*, e os media (jornais e revistas). Procuraremos, também, a promoção dos nossos serviços, através de publicidade *online*, brochuras, folhetos, e outros meios ao alcance da associação, para a divulgação da nossa oferta. Pretendemos que a divulgação das nossas atividades, possa alcançar mercados internacionais, e simultaneamente, promover as potencialidades do *Touring* no mercado nacional.

7.1.4 - Relação com os clientes

Acreditamos que, através do profissionalismo e da excelência, a relação com os nossos consumidores será a melhor. Trabalharemos nesse sentido e com o intuito de alcançar a satisfação plena, dos mesmos. É através da confiança, qualidade e segurança na atividade, através do planeamento de atividades e coprodução das mesmas com os “clientes” que, esperamos, se traduza num serviço personalizado, dedicado e qualificado.

7.1.5 - Receitas

Apesar de o lucro, não ser o objetivo da associação, a realização das atividades carece de meios e recursos para a efetivação das mesmas. Será, portanto, necessário a angariação de algumas receitas para a concretização das visitas. Essas receitas passarão pelas quotas dos associados, pelos donativos feitos à associação, apoios de agentes públicos e privados e, por último das contribuições dos visitantes, pelo serviço prestado. Tentaremos recorrer também a apoios externos, nomeadamente de entidades públicas, a nível nacional e internacional.

7.1.6 - Recursos

O exercício das tarefas, ao nível dos recursos humanos, será assegurado por parte dos sócios. Os recursos materiais necessários para a gestão e comunicação das atividades, contabilizam-se num escritório (e logística associada), e ainda, dois veículos automóveis (até nove lugares cada um), cedidos por um investidor privado, nas quais serão realizadas as visitas.

7.1.7 - Atividades

As atividades realizadas, basear-se-ão no *Touring*, nomeadamente, em visitação aos recursos existentes no Médio Tejo, de modo a proporcionar uma experiência em Turismo.

Os recursos a visitar, serão escolhidos pelo visitante, ou coproduzidos pela nossa associação.

Além das visitas “à la carte”, segmentamos a oferta em dois produtos distintos:



Figura 35 – Segmentação das propostas da Associação
Elaboração própria

Descrevemos de seguida os diferentes produtos propostos pela associação:

a) **Touurlux:** Baseiam-se em visitas de carácter confortável, onde a comodidade e as sensações se misturam durante a deslocação no interior de um automóvel de última geração, equipado com tecnologia de georreferenciação que permitirá uma explicação técnica dos recursos em várias línguas onde também serão facultados vários textos e imagens, que permitirão mais facilmente o entendimento e interpretação do recurso alvo de visita.

As viagens neste segmento, terão como principal público-alvo os “tradicionalistas”, também conhecidos como *Silent generation*, uma geração madura que nasceu entre 1922 e 1945 e, os *Baby Boomers*.

b) **eXpY:** Apresenta-se como uma proposta de visitas descontraídas, informais e de carácter, sobretudo, cultural, onde as descobertas e exploração dos sítios, terão lugar no interior de um veículo equipado e adaptado a vários tipos de terreno. Possibilitando, dessa maneira, a realização da visita a qualquer que seja o local onde o recurso está inserido. Apostamos num segmento mais jovem, onde o desejo de aventura é maior, mas sempre

com a segurança e comodidade pretendida. Um produto direcionado à geração X e à geração Y.

A criação destes segmentos assentou numa proposta de marketing que, apesar de se tratar apenas de uma referência, acreditamos que a segmentação de produtos de acordo com a idade, terá um maior impacto a nível internacional, uma vez que são de carácter geral e global. Sabemos que não será regra, mas as características de cada geração, irão caracterizar e explicar genericamente os seus desejos, seja através dos valores que defendem, dos ídolos que admiram ou, dos anseios que possuem. Assim, acreditamos que esta será a melhor forma de conhecer os “clientes” e, portanto, de segmentar a nossa Oferta.

7.1.8 - Parceiros

Os parceiros diretos da nossa atividade serão os sócios da associação. Todavia, qualquer indivíduo ou organização, que queira contribuir para a dinamização do destino turístico Médio Tejo, poderá colaborar nas atividades do nosso projeto.





7.1.9 - Custos

Os custos inerentes à criação de uma associação situam-se, até à data de conclusão deste projeto, nos 250 euros. O registo do nome “Acultour”, é de 50 euros. Os veículos através dos quais realizaremos as nossas atividades, serão cedidos por um investidor privado, e o custo da elaboração das atividades serão liquidadas pela contribuição dos visitantes que as realizem.

Os impostos e taxas, a que a associação estará legalmente obrigada, serão liquidadas através das receitas da associação, sejam as receitas provenientes das quotas dos sócios, de doações à associação, ou as receitas das atividades realizadas.

No quadro 6, encontram-se os nove blocos estruturantes do modelo de negócios, da associação Acultour, estruturado numa tela, que lhe confere a designação de “*Tela do Modelo de Negócios*”, criada e apresentada, como já referimos, por Alex Osterwalder e Yves Pigneur.

Quadro 6: Tela do Modelo de Negócios da Associação Acultour

<p>Parceiros </p> <ul style="list-style-type: none"> . Sócios . Agentes culturais . Empresas de Animação turística 	<p>Atividades </p> <ul style="list-style-type: none"> . Transporte e visitação dos recursos no Médio Tejo; . Interpretação e Informação Turística 	<p>Propostas de Valor </p> <ul style="list-style-type: none"> . Promover e divulgar a imagem do destino Médio Tejo; . Apresentar os recursos turísticos e patrimoniais da Região do Médio Tejo, profissionalmente. 	<p>Relação Clientes </p> <p>Serviço personalizado, dedicado e qualificado; Propostas de atividade; Coprodução de atividades.</p>	<p>Segmentos de Clientes </p> <ul style="list-style-type: none"> . “Tradicional”, <i>Baby Boomers</i>: Nacionais - Estrangeiros . Geração X, geração Y Nacionais - Estrangeiros
<p>Estruturação dos Custos* </p> <p>Criação associação: 250€ + 50€(Registo nome); Aquisição de veículos: 40.000€ (Cedido por investidor privado); Combustível p/ atividades: Média de 0.12€/km; Impostos e Taxas: 23% das receitas Custos de logística: 3.000€ / Ano (Escritório) Custos de Promoção e Divulgação das atividades: 3.000€ *Valores estimados (poderão surgir futuramente outros aqui não contemplamos)</p>		<p>Fluxos de Receita* </p> <p>Atividades da Associação; Quotas dos associados; Contribuições de públicos e/ou privados; Possíveis apoios e financiamentos nacionais ou europeus. *As receitas da Associação, serão divididas pelos sócios.</p>		

Adaptado de Osterwalder e Pigneur, 2010, pp. 16-17. (Elaboração própria)

Conclusão

Este Projeto, enquanto contributo associativo, preconiza o início e a preparação da operacionalização das atividades de *Touring*, de um projeto, que se desenvolverá com vista ao desenvolvimento do destino Médio Tejo, resultando da necessidade e do apelo ao empreendedorismo que se tem verificado nos últimos anos.

Este trabalho, traduziu-se então, na conclusão do nosso objetivo preliminar, designadamente da análise da pertinência da criação de uma associação sem fins lucrativos, bem como do estudo e constructo de bases teóricas, como fundamento sustentado para a sua criação, concretamente, para o planeamento, estruturação e futura operacionalização do *Touring*, como contributo para o desenvolvimento do destino Médio Tejo.

Após análise de inquéritos realizados na região do Médio Tejo (operadores e população), compreendemos imediatamente que, ao nível do *Touring*, e das experiências que este desperta, existiriam segmentos por explorar. Desse modo, considerámos que a criação de uma associação sem fins lucrativos, com a missão de promover, divulgar e sobretudo operacionalizar o *Touring*, seria, além de uma resposta à fraca ação verificada neste domínio e, tendo em conta o potencial que lhe assiste, também, uma ferramenta de apoio à estratégia de concertação pretendida para a região do Médio Tejo.

Nesse sentido, pretendemos colocar ao dispor de visitantes e residentes, a oportunidade de descobrir, visitar e explorar o território do Médio Tejo, agregando assim todos os municípios neste segmento, contando com o apoio dedicado, profissional e qualificado dos nossos colaboradores. Os principais impactos e benefícios destas atividades, contribuirão para o aumento da notoriedade do destino Médio Tejo, bem como para a projeção de uma imagem positiva e favorável desta região.

A criação desta associação assume-se assim, como uma proposta empreendedora, que acreditamos, e ambicionamos, possa contribuir para o reforço da complementaridade existente no Médio Tejo, fortalecendo os laços existentes entre os seus municípios, através da promoção de atividades de *Touring*, assentes na singularidade de cada concelho, mas fomentado, simultaneamente, a afirmação estratégica deste território como um todo indissociável.

Bibliografia

AERC, 2011. *Anuário Estatístico da Região Centro - 2010*, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P..

BARTHES, A. e COMPAGNON, R., 2001. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea: A-F. In: *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. s.l.:Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.

BUHALIS, D. e DARCY, S., 2011. *Accessible tourism: concepts and issues*. Bristol: Channel View Publications.

BUTLER, R., 1997. Modelling Tourism Development - Evolution, growth and decline. In: J. J. J. P. Salah Wahab, ed. *Tourism, development and growth: the challenge of sustainability*. 1 ed. Londres: Routledge, p. 109.

CHO, B., 2000. Destination. In: J. Jafari, ed. *Encyclopedia of Tourism*. 1 ed. Londres: Routledge, pp. 144-145.

C.M .MAÇÃO, 2011. *Município de Mação*. [Online]

Disponível em: www.cm-macao.pt/

[Acedido a 18 11 2011].

CHRIS, 2009. *10 High Quality Landscape Pictures / TutorialFreakz_All kind of Tutorials and Freebies!*. [Online]

Disponível em: <http://tutorialfreakz.com/10-high-quality-landscape-pictures/>

[Acedido em 12 12 2011].

CIMT, 2011 *Médio Tejo Digital*. [Online]

Disponível em: <http://www.mediotejodigital.pt:88/NR/rdonlyres/6A6EFA13-69CF-4EA5-850A-0CA23FB704C1/95154/AFIRMA%C3%87%C3%83OTERRITORIAL.pdf>

[Acedido a 17 12 2011].

COOPER, C., s.d. *Turismo - Princípios e Práticas*. 3 ed. São Paulo: Pearson Education Limited.

FERREIRA, M., 2010. Apontamentos da disciplina de "*Gestão de Produtos Turísticos*" do curso de Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural, Instituto Politécnico de Tomar.

FERREIRA, M., 2011a. *Conceito estratégico para o desenvolvimento dos destinos turísticos*. in " Seminário: o Médio Tejo como destino turístico (em 16 / 11 / 2011), Instituto Politécnico de Tomar.

FERREIRA, M., 2011b. "*O destino turístico numa perspetiva multinível integrada*". Tomar, Instituto Politécnico de Tomar.

FIGUEIRA, L., 2010a. Aula de "*Gestão Autárquica do Património Cultural*" do curso Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural (apontamentos da aula de dia 18 / 11 / 2011). Instituto Politécnico de Tomar, Tomar.

FIGUEIRA, L., 2010b. O problema da mentalidade patrimonial: desenvolvimento da problemática patrimonial no. In: M. e. D. d. P. d. T. Cultural, ed. *Gestão Autárquica do Património Cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, p. 9.

FILHO, S., 2003. Turismo Religioso Popular. In: *A comunicação, o social e o poder: cultura, complexidade e tolerância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 259.

FLORIDA, R. e TINAGLI, I., 2004. "*Europe in the creative age*". s.l.: DEMOS, p.12

GUNN, C., 1997. *Vacationscape: developing tourist areas*. 3 ed. s.l.:Taylor e Francis.

HALL, M., 2005. *Tourism: rethinking the social science of mobility*. s.l.:Pearson Education.

HEATHER, J. e JEROME, F., 2012. *Leisure and Aging: Theory and Practice*. Stanningley: Human Kinetics.

HUANG, Y. e PETRICK, J., 2010. Generation Y's Travel Behaviours: a Comparison with Baby Boomers and Generation X. In: *Tourism and generation Y*. Oxfordshire: CABI, pp. 27-28.

IGNARRA, L., 2003. *Fundamentos do turismo*. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning Editores.

INE, 2011. *Estatísticas do Turismo 2010*, Lisboa-Portugal: Instituto Nacional de Estatística.

JOAOAMARALPHOTO, 2008. *Lisboa Moderna*. [Online]

Disponível em: <http://olhares.sapo.pt/lisboa-moderna-foto1693056.html>

[Acedido em 12 12 2011].

MITCHELL, B., 2005. *ValueOptions*. [Online]

Dísponível em:

http://www.valueoptions.com/spotlight_YIW/pdfs/articles/Understanding_and_Managing_Different_Generations.pdf

[Acedido em 24 11 2011].

MURTA, S. e ALBANO, C., 2002. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Universidade Federal de Minas Gerais: UFMG.

OECD, 2007. *Glossary of Statistical Terms*, Paris: OECD publishing.

OMT, 1999. *O Código Mundial de Ética do Turismo*, Santiago do Chile: s.n.

OSTERWALDER, A. e PIGNEUR, Y., 2010. The 9 building blocks. In: T. Clark, ed. *Business Model Generation: A Handbook for Visionaries, Game Changers, and Challengers*. New Jersey: John Wiley and Sons, pp. 16-17.

PENT, 2007. *Plano Estratégico Nacional do Turismo*, Lisboa: Turismo de Portugal.

PENT 2.0, 2011. *Plano Estratégico Nacional do Turismo*, Lisboa: Turismo de Portugal.

PROT - OVT, 2008. *Plano Regional de Ordenamento do Território do Oeste e Vale do Tejo*, s.l.: s.n.

PTD, 2008. *Programa Territorial de Desenvolvimento - Médio Tejo e Pinhal Interior Sul 2008-2013*, s.l.: s.n.

RIBEIRO, J., 2008. *A IMPORTÂNCIA DA ECONOMIA DA CULTURA*, Maranhão: Secretaria de Estado do Planejamento e Orçamento.

RICHARDS, G. e WILSON, J., 2007a. Tourism, creativity and development. In: *Routledge studies in contemporary geographies of leisure, tourism, and mobility*. Oxon: Routledge, p. 2.

RICHARDS, G. e WILSON, J., 2007b. Tourism development trajectories. In: *Tourism, creativity and development*. Oxon: Routledge.

SCARPAT, F., 2008. *Gestão de Destinos Turísticos - Como atrair pessoas para pólos, cidades e países*. 1 ed. Rio de Janeiro: Senac Rio.

SECRETARIA DE ESTADO DO DESPORTO E JUVENTUDE, 2007. *Associação na hora*. [Online]

Disponível em: <http://www.associacaonahora.mj.pt/seccoes/mapasite.htm>

[Acedido em 01 11 2011].

SHARPLEY, R. e STONE, P., 2010. Tourist experience: contemporary perspectives. In: *Routledge advances in tourism*. s.l.: Taylor e Francis.

SILVA, C., 2005. Tipos de Paisagem. In: I. G. Português, ed. *Atlas de Portugal*. 1 ed. Lisboa: s.n., p. 66.

TLVT, 2011. *Turismo Lisboa e Vale do Tejo*. [Online]

Disponível em: www.Turismolisboavaledotejo.pt/

[Acedido em 18 11 2011].

TURISMO DE PORTUGAL, 2011a. *O Turismo na Economia - Evolução do contributo do Turismo para a economia portuguesa 2000-2010*, s.l.: Turismo de Portugal, IP.

TURISMO DE PORTUGAL, 2011b. *RNAAT - Consulta ao Registo*. [Online]

Disponível em: <https://rnt.Turismodeportugal.pt/RNAAT/ConsultaAoRegisto.aspx>

[Acedido em 10 11 2011].